



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS  
LINHA DE PESQUISA: ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS**

**JOAQUIM CARDOSO DA SILVEIRA NETO**

**A FUNCIONALIDADE DO EXEMPLO LEXICOGRÁFICO EM  
DICIONÁRIO ESCOLAR PARA O ENSINO MÉDIO**

São Cristóvão – SE  
Março de 2014

JOAQUIM CARDOSO DA SILVEIRA NETO

## A FUNCIONALIDADE DO EXEMPLO LEXICOGRÁFICO EM DICIONÁRIO ESCOLAR PARA O ENSINO MÉDIO

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na Área de Concentração em Estudos Linguísticos.

**Linha de pesquisa:** Ensino de línguas e literatura.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lêda Pires Corrêa

São Cristóvão – SE

Março de 2014

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Lêda Pires Corrêa  
Orientadora – PPGL (UFS)

---

Prof. Dr. Júlio Neves Pereira  
1º Examinador – (UFBA)

---

Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra  
2º Examinador – PPGL (UFS)

---

Prof. Dr. José Raimundo Galvão  
1º Suplente – PPGL (UFS)

EXEMPLO – 1. aquilo que deve ser seguido ou imitado; modelo. 2. lição. 3. ilustração; amostra. 4. aquilo que é típico ou representativo; exemplar.

(Francisco S. Borba. *In*: Dicionário UNESP do Português Contemporâneo)

A Deus Todo Poderoso, a Jesus, o Nazareno, e  
ao Espírito Santo.

À minha esposa, Editânia, e aos meus dois filhos,  
Ana Glória e Benjamim.

À professora Doutora Lêda Pires Corrêa, mentora  
de todas as linhas desta pesquisa.

À minha história de vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço e louvo a Deus pelo sopro de vida, pela capacidade e pela fé vindos d'Ele. Louvo o nome do Senhor Jesus Cristo pela garantia da vitória em todas as lutas e guerras. Persisto porque creio que quem vai à minha frente é o Senhor Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Persisto porque a persistência cria em mim esperança, e a esperança faz brotar em meu coração a certeza de que tenho que ir até o fim. Glória a Deus, a Jesus Cristo e ao Espírito Santo. Em meus lábios os altos louvores do céu!

Esta é a maior conquista de minha vida, principalmente, a partir do momento em que olho para trás e vejo todas as dificuldades pelas quais passei, perdas inestimáveis, idas e vindas, pela fome que passei ao longo de minha infância. Quantas coisas vivi em tão pouco tempo. Tantas coisas deixei passar. E quão numerosas são as que ainda viverei. Mas, estou aqui, e canto: Eu lutei, caí, levantei e cheguei. Lembro-me de todas as caronas que peguei em pau de arara para conseguir alcançar a conclusão da graduação, lá num passado próximo. Mas, está bom de tanto saudosismo.

A minha esposa, Editania Nunes Reis, pela compreensão quando me ausentava e entrava nas curtas madrugadas para ler, entender, inspirar-me e escrever. Ela me pediu em oração a Deus, e Deus disse SIM! Sempre disposta a dizer 'vá em frente, Cardoso!'. Somos um! Te amo! O livro de provérbios diz "Aquele que encontra uma esposa, acha o bem, e alcança a benevolência do Senhor." Alcancei a bênção de Deus!

Aos meus pais, Idalina e João Cardoso, meus profetas!

Aos meus cinco irmãos, que torcem sempre por mim! A meus avôs Joaquim Cardoso (*in memoriam*) e Guilherme (*in memoriam*) e ao meu filho Dom (*in memoriam*), perdidos no último ano do Mestrado. Lembranças daquilo que poderia ter sido.

Obrigado aos amigos que fiz durante o mestrado, Jéssica Vieira, Márcia Maria e Nívea Barros. E a nossa saudade do 'Lodinho, hein!?' Estamos no caminho!

À orientadora Lêda Corrêa, pela infinita paciência, por não ter desistido, por me inserir no universo da pesquisa, por ser grande pesquisadora, e por

contribuir profundamente para que cada lauda deste trabalho saísse a mais perfeita possível. Obrigado! Levarei seu nome em meu coração.

Agradeço às professoras doutoras Raquel Freitag, Maria Emília, Leilane Ramos e Maria Leônia. Levo, dessas mulheres, ensinamentos para toda a minha vida profissional. Obrigado!

Ao professor Ponciano Bezerra, pelas observações e sugestões precisas e delicadas e aos professores Manoel Messias e Júlio Pereira, pelas pontuações minuciosas no intento de contribuir de forma brilhante com este trabalho!

A Mery Jane e Daniela Anjos, pelos almoços na Sala de Reuniões do PPGL. Grande abraço!

Por fim, agradeço ao Espírito Santo, por ter dado a mim o dom da paciência, do saber ouvir, pelo consolo em meu coração e pela companhia nas madrugadas.

Muito obrigado a todos!

## RESUMO

Esta Dissertação, intitulada *A funcionalidade do exemplo lexicográfico em dicionário escolar para o ensino médio*, analisa os exemplos do Dicionário UNESP do Português Contemporâneo, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários/2012, para distribuição e uso nas escolas públicas brasileiras do Ensino Médio, com objetivo de refletir sobre as funções do exemplário na referida obra lexicográfica no contexto escolar desse nível da Educação Básica. Sob a fundamentação teórico-metodológica da Lexicografia, são apresentados e discutidos os elementos que compõem a macro e a microestrutura de tipos de dicionários, com o fito de melhor compreender a estrutura geral da obra analisada nessa pesquisa, bem como os critérios utilizados pela equipe organizadora para construção dos exemplos. Os procedimentos metodológicos para a análise desse objeto de estudo – o exemplo – orientam-se por critérios de seleção de amostra do *corpus* sobre a qual foram aplicadas as categorias de funcionalidade propostas por Drysdale (1987). As conclusões a que esta Dissertação chegou possibilitam afirmar que, quanto às funções dos exemplos na obra, efetivamente servem para apresentar contextos, para diferenciar significados e, principalmente, quando observados como contextualizadores de uma dada palavra, complementar definições vocabulares, podendo o exemplo ser usado pelo usuário como modelo. Esta pesquisa mostrou que os dicionários monolíngues devem repensar o exemplário de forma que as funções 4, 5 e 6 sejam evidentes, assim, atingindo outras dimensões do léxico, e auxiliando os alunos usuários do dicionário analisado. As análises apontam, enfim, não só perspectivas para o desenvolvimento dos estudos e aperfeiçoamento do exemplo lexicográfico, como também para suas funções no interior de uma obra lexicográfica para uso escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicionário escolar; Exemplo Lexicográfico; Lexicografia.

## ABSTRACT

This Dissertation, entitled *The functionality of such lexical dictionary – school to high school*, analyzes the examples of UNESP Dictionary of Contemporary Portuguese, approved by the National Textbook – Dictionary/2012 for distribution and use in Brazilian public schools high school, in order to reflect on the functions of the set of examples in that lexicographical work in the school context that level of Basic Education. Under the theoretical and methodological basis of lexicography, are presented and discussed the elements that make up the macro and microstructure types of dictionaries, with the aim of better understanding the overall structure of the work discussed in this research, and the criteria used by the organizing team for examples of the construction. The methodological procedures for the analysis of the object of study – example – guided by selection criteria sample corpus on which we applied the categories of functionality proposed by Drysdale (1987). The conclusions arrived this dissertation possible that, in regard to the roles of examples in the work effectively serve to provide context, to differentiate meanings and especially when observed as contextualizers of a given word, supplementary vocabulary definitions, the example can be used by the user as template. This research showed that monolingual dictionaries should rethink the set of examples so that the functions 4, 5 and 6 are evident, thus affecting other dimensions of the lexicon, and assisting students analyzed dictionary users. The analyzes suggest, in short, not only prospects for the development of studies and improvement of lexicographical example, but also for their functions within a lexicographical work for school use.

**KEYWORDS:** Dictionary School; Example Lexicographical; Lexicography.

# LISTAS

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
Ár.	Árabe
Arc.	Arcaísmo
Biol.	Biologia
Bot.	Botânica
Cf.	Conferir
Chin.	Chinês
Chu.	Chulo
Cobuild	Collins Birmingham University International Language Database
Coloq.	Coloquial
Deprec.	Depreciativo
Dir.	Direito
Econ.	Economia
Esp.	Espanhol
Fig.	Figurado
Fís.	Física
Fr.	Francês
Gír.	Gíria
GO.	Goiás
Inform.	Informática
Ital.	Italiano
Inform.	Informática

Ingl.	Inglês
INL	Instituto Nacional do Livro
Jap.	Japonês
Lat.	Latim
LR	Literatura Romanesca
MEC	Ministério da Educação e Cultura
Med.	Medicina
MG.	Minas Gerais
MT.	Mato Grosso
NE.	Nordeste
OALD	Oxford Advanced Learner's Dictionary
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pl.	Plural
Plat.	Platense
PLEIDEF	Programa Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLD-Dicionários	Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários
Polit.	Política
Pron.	Pronome
Reg.	Regionalismo
RJ.	Rio de Janeiro
SEB	Secretaria da Educação Básica
S.f.	Substantivo feminino
S.m.	Substantivo masculino
Tb.	Também
UNESP –	Universidade Estadual de São Paulo

Vi. Verbo intransitivo  
vs. Versus  
Vt. Verbo transitivo

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>MEDO</b> .....	70
Tabela 2 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>ENGRANDECER</b> .....	73
Tabela 3 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>ZERO À ESQUERDA</b> .....	74
Tabela 4 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>ABRIR MÃO DE</b> .....	75
Tabela 5 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>HAPPENING</b> .....	77
Tabela 6 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>DELETAR</b> .....	78
Tabela 7 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>KUNG FU</b> .....	80
Tabela 8 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>WINDSURFAR</b> .....	81
Tabela 9 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>BOMBACHA</b> .....	82
Tabela 10 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>MANGAR</b> .....	83
Tabela 11 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>BOCA-DE-SAPO</b> .....	85
Tabela 12 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>GÁSTRULA</b> .....	86
Tabela 13 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>NEUROTIZAR</b> .....	87
Tabela 14 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>PONTO DE EBULIÇÃO</b> .....	88
Tabela 15 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>FIOFÓ</b> .....	90
Tabela 16 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>FODER</b> .....	91
Tabela 17 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>FILHO DA PUTA</b> .....	93
Tabela 18 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>(IR) À MERDA</b> .....	95
Tabela 19 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>GRINGO</b> .....	96
Tabela 20 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>SACANEAR</b> .....	98
Tabela 21 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>BESTA QUADRADA</b> .....	99
Tabela 22 – Análise da entrada vocabular selecionada <b>MARCAR BOBEIRA</b> .....	100

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO A – CORPUS</b> Obras usadas para abonações .....	121
---	-----

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 A ARTE LEXICOGRÁFICA</b> .....	<b>18</b>
1.1 PRELIMINARES.....	18
1.2 GRAMATIZAÇÃO, DICIONÁRIO E POLÍTICA LINGUÍSTICA .....	18
1.3 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA.....	20
1.4 O DICIONÁRIO .....	23
1.4.1 Tipos de dicionários .....	25
1.4.1.1 O dicionário escolar.....	29
1.4.1.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o uso de dicionários.....	31
<b>2 OS EXEMPLOS LEXICOGRÁFICOS</b> .....	<b>34</b>
2.1 PRELIMINARES.....	34
2.2 ASPECTOS GERAIS DA MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS.....	34
2.2.1 A macroestrutura.....	34
2.2.1.1 Tamanho .....	35
2.2.1.2 Lema, entrada ou palavra-entrada .....	36
2.2.2 A microestrutura .....	37
2.2.2.1 Remissão .....	37
2.2.2.2 Definição .....	38
2.2.2.3 Exemplos Lexicográficos: conceitos e funções .....	40
2.2.2.3.1 Exemplos Criados .....	49
2.2.2.3.2 Exemplos Retirados de <i>Corpus</i> .....	52
2.3 O LEXICÓGRAFO E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA CONSTRUÇÃO DE EXEMPLOS.....	58
2.4 A TIPOLOGIA DE DRYSDALE .....	60
<b>3 A FUNCIONALIDADE DO EXEMPLO LEXICOGRÁFICO NO <i>DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE</i></b> ...	<b>65</b>
3.1 PRELIMINARES.....	65
3.1.1 Macroestrutura e microestrutura do <i>Dicionário UNESP do Português Contemporâneo</i> : reflexões pertinentes .....	65
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA SELEÇÃO E ANÁLISE DOS EXEMPLOS DO <i>CORPUS</i> .....	69
3.3 ANÁLISE DOS EXEMPLOS DO <i>DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO</i> PELO CRITÉRIO DE FUNCIONALIDADE DE DRYSDALE.....	70
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>113</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa e a produção de dicionários intensificaram-se, no contexto brasileiro das últimas décadas, sobretudo, pelo maior entendimento de que eles representam um lugar privilegiado de descrição do léxico e pela valorização do seu potencial pedagógico para o ensino de língua com sua inclusão, em 2001, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Historicamente, a lexicografia brasileira apresenta seu primeiro dicionário monolíngue – *Dicionário da Língua Portuguesa* -, elaborado pelo brasileiro Antonio de Moraes Silva, que, embora tenha sido publicado em Lisboa, no ano de 1789, exerceu, segundo Nunes (2006), um papel importante na consolidação da língua portuguesa falada no Brasil e serviu de base para a produção de outros dicionários que lhe sucederam.

No tocante à lexicografia pedagógica voltada à pesquisa e à produção de dicionários monolíngues para o ensino da língua portuguesa, a criação do PNLD – Dicionários poderá servir, a curto prazo, como instância motivadora para a melhoria e o crescimento de pesquisas e de publicações de dicionários escolares especializados aos níveis escolares da Educação Básica.

Frente ao contexto brasileiro das políticas públicas orientadas à avaliação, distribuição e uso dos dicionários de língua portuguesa nas escolas públicas da Educação Básica, esta Dissertação ocupa-se do exemplo lexicográfico, como um dos elementos integrantes da microestrutura de dicionários e analisa sua funcionalidade no interior do *corpus* selecionado: o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco S. Borba. A edição analisada é a de 2011 por ter sido ela a indicada pelo PNLD- Dicionários 2012 para distribuição e uso no Ensino Médio das escolas públicas brasileiras.

Inicialmente, a escolha do exemplo lexicográfico justifica-se por se tratar de um dos elementos integrantes da microestrutura dos dicionários menos estudado, principalmente quando comparado ao número de pesquisas realizadas sobre as definições vocabulares, por exemplo. Outro aspecto determinante para a realização de um estudo mais aprofundado do exemplo refere-se ao seu papel ou função no processo de construção do significado e uso de um vocábulo pelos consulentes. Finalmente, destaca-se sua relevância, no contexto de ensino-aprendizagem, como recurso auxiliar da produção e leitura de textos. Humblé (2001), ao citar os

resultados de pesquisa de Harvey e Yuil (1992), afirma que tais resultados indicaram que os aprendizes apoiam-se mais nos exemplos do que nas definições vocabulares em suas consultas para fins de produção e/ou leitura de textos.

Os critérios que nortearam a seleção do *corpus* - *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* - são o tipo escolar, o público-alvo e o papel da língua portuguesa no contexto do Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, conforme prevê as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*, que por enfatizarem o ensino das variações léxicas no uso do português contemporâneo, acabam por privilegiar a consulta dos exemplos em dicionários como segmentos frásticos do uso vocabular contextualizado.

O trabalho com um dicionário escolar indicado pelo PNLD – Dicionários 2012 implica um tratamento teórico no âmbito da Política Linguística numa interface com os pressupostos teórico-metodológicos da Lexicografia. Nesse sentido, concebe-se a *dicionarização* não só como um processo integrante da *gramatização*, considerada por Auroux (2009) como a segunda revolução científico-tecnológica, depois da escrita, como também por apresentar motivações evidentes de uma política linguística voltada para a afirmação dos vernáculos europeus (gramática e vocabulário) dos Estados nacionais em formação, principalmente após o século XVI.

No âmbito da Lexicografia, ou mais propriamente, da Metalexigrafia ou Lexicografia teórica, são utilizados conceitos relativos à tipologia e à estruturação da macro e da microestrutura dos dicionários para caracterizar o *corpus* sob análise, principalmente, para apresentar, de modo mais aprofundado, as discussões conceituais e funcionais acerca do exemplo lexicográfico. Com base nesses fundamentos, os seis itens sobre a funcionalidade dos exemplos, propostos por Drysdale (1987), são aplicados como categorias analíticas do *corpus* considerado nesta Dissertação, tendo em vista que a proposta desse autor possibilita uma análise relacional entre exemplo e definição, exemplo e contexto, exemplo e padrões gramaticais, exemplo e colocações e exemplo e registro.

O *corpus* constitui-se de 44 (quarenta e quatro) exemplos analisados, cujos critérios de seleção tomam por base o próprio modo de organização da nomenclatura utilizado nesse dicionário, que registra formas livres (nominais e verbais) e formas complexas. A essa organização da obra, acrescentamos, para fins de seleção dos exemplos, entradas vocabulares livres e complexas que apresentam uma ou mais acepções, com e sem marcas de uso.

O objetivo geral dessa pesquisa consiste em contribuir com os estudos lexicográficos para análise do exemplário em dicionários utilizados no contexto escolar da Educação Básica e, como objetivos específicos:

- situar o objeto *dicionário* no contexto da Política Linguística;
- caracterizar a macroestrutura e a microestrutura do *corpus*;
- discutir conceitos e funcionalidades dos exemplos lexicográficos;
- aplicar as categorias de funcionalidade a exemplos retirados do *corpus*;
- avaliar os exemplos do *corpus* pelas relações funcionais com outros elementos da microestrutura da obra.

Esta Dissertação organiza-se por um Resumo, Abstract, Lista de Abreviaturas e Siglas, Lista de Tabelas, Lista de Anexos, Sumário, Introdução, três Capítulos, Referências, Anexos. Quanto aos Capítulos, estão assim resumidos:

**Capítulo 1 – A arte lexicográfica:** apresenta o contexto do surgimento do processo de dicionarização/gramatização como aspecto de uma política linguística de descrição metalinguística (gramática e vocabulário) dos vernáculos europeus com finalidades de autonomia e identidade dos Estados-nação. Diferencia os objetos de estudo das ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia - e apresenta algumas propostas de classificação das tipologias de dicionários, a fim de melhor situar o tipo escolar.

**Capítulo 2 – Os exemplos lexicográficos:** apresenta os elementos constituintes da macroestrutura e da microestrutura dos dicionários, com o propósito de situar as pesquisas relativas ao exemplo lexicográfico, como um dos elementos integrantes da microestrutura.

**Capítulo 3 – A funcionalidade do exemplo lexicográfico no dicionário UNESP do Português Contemporâneo: uma proposta de análise:** analisa-se uma amostra de exemplos retirados do *corpus* pelo viés de sua funcionalidade nesse tipo de obra, sob aplicação das categorias analíticas propostas por Drysdale (1987).

# CAPÍTULO 1 - A ARTE LEXICOGRÁFICA

## 1.1 – PRELIMINARES

Este capítulo tem como objetivos apresentar e discutir a Lexicografia – prática e teórica - numa interface com as demais ciências do léxico – Lexicologia e Terminologia – inicialmente, situando o aparecimento dos primeiros dicionários no contexto da gramatização, que imprimiu condições para os processos de formação dos Estados-nação, e, com eles, a valorização das línguas nacionais e do registro de seu vocabulário pelos primeiros dicionários monolíngues, cujos propósitos são marcadamente da ordem da política linguística de promoção e difusão desses idiomas. Em seguida, busca-se compreender o escopo das ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia - pelos diferentes enquadramentos que fazem de seu objeto. Por fim, apresentam-se as principais concepções sobre dicionário e sobre suas tipologias, dentre as quais destacamos o dicionário escolar, *corpus* desta Dissertação para a análise do exemplário.

## 1.2 GRAMATIZAÇÃO, DICIONÁRIO E POLÍTICA LINGUÍSTICA

Um instrumento tecnológico como o dicionário pode ser focalizado pelos seguintes prismas: didático-pedagógico (na esfera da lexicografia pedagógica, por exemplo), da prática pedagógica, da produção editorial e da política linguística. Tais angulações não se excluem, antes, se complementam. Nesse subitem, no entanto, atribuímos realce à gramatização, que conceitualmente, trata-se de um “processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 2009:65). Entendemos que o fato da gramatização ofereceu as condições necessárias para a criação dos dicionários monolíngues, no formato que hoje os conhecemos, e, por essa razão, foi o processo responsável por ações concertadas de política linguística, tendo em vista a necessidade de registro vocabular das línguas vernaculares pelos Estados nacionais em formação na época.

O conhecimento acerca da linguagem foi sendo construído ao longo da história do homem. Auroux (2009) pontua a existência de duas revoluções técnico-linguísticas, quais sejam: o surgimento da escrita, ocorrido no terceiro milênio a.C., e o processo de gramatização<sup>1</sup> das línguas, cujo desenvolvimento se deu ao longo de treze séculos, do século V de nossa era até o fim do século XIX. Essa segunda revolução provocou efeitos consideráveis na organização das sociedades humanas. De acordo com Kuhn, “[...] cada revolução científica altera a perspectiva histórica da comunidade que a experimenta [...]” (KUHN, 1998:14).

O paradigma moderno instaura um novo modelo de cientificidade, apoiado na física e na matemática, que se consagrou, nas ciências naturais, com as descobertas de Copérnico e Galileu e no modelo racionalista de Descartes. Contudo, a edificação e as consequências sociais e científicas desse paradigma não teriam sido viáveis sem a revolução técnico-linguística da gramatização.

Conforme Auroux (2009), a revolução trazida pela gramatização por meio da gramática e do dicionário possui a mesma importância do impacto causado pelas transformações da revolução agrária no Neolítico e até mesmo a Revolução Industrial nos anos 1800. Kuhn (1998) e Auroux (2009) concordam que o historiador das ciências que, ao examinar as pesquisas do passado a partir da historiografia contemporânea, pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo.

Embora a gramatização tenha igualmente propiciado a produção dos primeiros dicionários monolíngues, nos moldes que hoje os conhecemos, o “processo histórico-discursivo de constituição dos dicionários” (NUNES, 2006:45), ao qual esse autor designa *dicionarização*, tem sua origem nas primeiras listas de palavras, elaboradas no terceiro milênio antes da nossa era pelos babilônios.

Na Idade Média, o *status* do latim como língua de cultura abre caminhos para a produção de enciclopédias, glossários e dicionários. As glosas interlineares, produzidas à margem ou no meio do texto pela prática de decodificação e interpretação de textos gregos e latinos nas escolas, passam posteriormente a ser agrupadas e ordenadas alfabeticamente ou por domínios temáticos (as *nominalia*, suportes onomasiológicos da aprendizagem medieval do latim), dando origem aos glossários, que, por sua vez, foram a base para a produção dos dicionários.

---

<sup>1</sup> Vale dizer que houve grandes contribuições de dois grandes gramáticos da Antiguidade não citados por Auroux (2009): Dionísio da Trácia e Quintiliano, da Grécia e da Roma antiga, respectivamente.

No século XI, destacamos dois dicionários medievais do latim que circularam pelos centros escolarizados da Europa, a saber: o *Papias* e o *Catholicon*, de João Balbo de Gênova, “o primeiro a ser impresso pelo próprio Gutenberg no século XV” (NUNES, 2006:47).

Os dicionários monolíngues surgiram no Renascimento, uma vez que esse período histórico está condicionado a alguns fatores determinantes para o desenvolvimento desse tipo de produção: a formação dos Estados-nação, a emergência das línguas nacionais, a imprensa, o expansionismo colonial, comércio, contato entre povos etc. Verdelho (1988) apresenta em sua obra os dicionários mais representativos desse período: *Dictionarium seu Linguae Latinae Thesaurus* (1531), de Robert Estienne; *Lexicon Latino-Hispânico* (1492) e *Vocabulário Hispano-latino* (1495), ambos de Nebrija e o *Calepinus (Lexicon Latinum, Variarum Linguarum interpretatione adjecta)*, de Calepino.

Na lexicografia lusitana, destacam-se, segundo Nunes (2006), a obra lexicográfica pioneira organizada em três volumes (1569-1570), de Jerônimo Cardoso, o *Dictionarium lusitano-latinum* (1611), de Agostinho Barbosa, o *Thesouro da Língua Portuguesa*, reeditado até o século XVIII, de Bento Pereira, o *Vocabulario portuguez e latino*. Além desses, há os dez volumes de Rafael Bluteau, publicados entre 1712 e 1728, e o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1789), de Antonio de Moraes Silva.

No Brasil, os primeiros dicionários são bilíngues português-tupi, elaborados pelos jesuítas nos séculos XVI-XVII. Vale ressaltar que o dicionário de Antonio de Moraes Silva foi editado e reeditado, no Brasil, até o século XIX.

### 1.3 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA

O léxico é o objeto de estudo de três disciplinas – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – cujo tratamento teórico-metodológico é distinto em cada uma delas. Entende-se, em conformidade com Saussure (1969), que o ponto de vista cria o objeto. Isso implica considerar que o foco de cada uma dessas disciplinas é peculiar, modificando, desse modo, o seu objeto.

Pottier (1978), valendo-se dos conceitos de *sistema*, *norma* e *fala*, propostos por Coseriu (1980), distingue o léxico em três perspectivas, que Corrêa (1998:47) assim organiza: a) a *lexia*, no sistema, como formação linguística da lexe – amálgama de semas conceituais - armazenada na memória dos falantes de uma dada comunidade linguística, que se organiza pela combinatória de traços sêmio-linguísticos: lexemas e gramemas; b) o *vocábulo*, na norma, como uso institucionalizado das lexias em diferentes situações comunicativas. Trata-se, nesse caso, da lexia em estado de dicionário; c) a *palavra*, na fala, como manifestação concreta da lexia em textos. Trata-se, nesse caso, da *lexia-ocorrência*.

Diante da proposta de Pottier (1978), torna-se possível estimar o alcance da Lexicologia, que pode conceber o léxico tanto na dimensão do sistema quanto na dimensão da fala, respectivamente enquanto itens lexicais fora do uso efetivo da língua e em seu uso efetivo como *lexia-ocorrência*. A Lexicologia tem a preocupação de estudar, cientificamente, o léxico, tendo, além disso, o intuito de compreender a significação das palavras e sua aplicação. Oliveira e Isquerdo (2001:11) consideram que a Lexicologia “ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico”.

Turazza (2005:56) explana que “a Lexicologia compreende um discurso científico modalizado pelo <<fazer-saber>>, e tenta analisar, descrever, explicar e reduzir a modelos teóricos os fenômenos do universo lexical [...]”. Barbosa (1990:157) resume, afirmando que a “Lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”. Pode-se afirmar que ela estará atenta à formação assim como atenta aos processos de mudança de palavras na construção de outros sentidos dentro dos campos semânticos.

A prática da Terminologia é muito antiga, pois as sociedades letradas sempre tiveram a necessidade de estar atribuindo ‘nomes/designações’ a tudo como, por exemplo, os animais, as pessoas, plantas, objetos, sentimentos, situações, ou seja, desde a invenção da escrita, a espécie humana começou a fazer uso racional do léxico<sup>2</sup> por meio de um vocabulário especializado com fins terminológicos (CABRÉ, 1999). A ciência denominada Terminologia, de forma geral, preocupa-se com o uso e com o estudo dos termos específicos de uma dada área, portanto, a mencionada ciência investiga os termos das especialidades. Além disso,

---

<sup>2</sup> Cf. VILELA, Mário. **O léxico do Português**: perspectivação geral. p. 31-50.

pode-se afirmar que a Terminologia terá seus esforços conduzidos a fim de compreender a rotulação e a denominação dos vários determinantes de uma ou até mesmo de múltiplas áreas. “Em terminologia, o sentido vai opor, certamente a palavra ao termo, especificando que a palavra está, de forma ampla, ligada ao seu ambiente textual, mas que o termo depende de seu ambiente pragmático” (CLAS, 2004:225).

Ressalte-se que “[...] é nos trabalhos de normalização de diferentes disciplinas científicas durante os séculos XVII e XVIII que encontramos práticas conscientes de terminologia concebida especificamente como tal” (CABRÉ, 1999:72). Nesses séculos, observa-se que o caráter da normalização fez-se de grande valor para que houvesse a possibilidade de consultar termos de algumas ciências, a exemplo da medicina, da biologia, física e química, que ganharam fôlego naqueles anos.

Como se vê, vivemos um momento que exige cada vez mais uma postura muito diferenciada quanto ao uso de termos, visto que os mecanismos de fomento à globalização (mídias impressas e de informação, por exemplo) estão colocando todos os falantes em contato direto com os termos específicos das áreas médicas, químicas, tecnológicas, biológicas, ambientais, e, principalmente, culturais de todos os povos do planeta, pois as fronteiras limítrofes foram suprimidas (HALL, 2004) e agora estamos numa ‘aldeia global’ (LÉVY, 1999).

Por fim, apresenta-se a arte da Lexicografia que é comumente entendida a partir de duas visões distintas, no entanto, complementares: a lexicografia prática e a teórica ou metalexigrafia. A primeira visão está imbuída da função de compilar e de confeccionar obras lexicográficas. Em contraposição, a segunda, chamada de lexicografia teórica, lida com a pesquisa acerca de dicionários.

Segundo Welker, a lexicografia teórica ou metalexigrafia abrange “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e ainda a tipologia” (WELKER, 2004:11). Mais especificamente, o trabalho do lexicógrafo é o de produzir dicionário, enquanto que o metalexicógrafo pesquisa e escreve acerca de dicionários. Com isso, amplia-se a possibilidade de análise crítica dos dicionários e se aprofunda a compreensão em torno de sua diversidade e de suas características, conforme suas finalidades e público-alvo (HENRIQUES, 2011).

Com relação às atribuições do lexicógrafo e do terminógrafo, a ambos cabe o estudo do léxico como vocábulo, isto é, como lexia em estado de dicionário. Em linhas bem gerais, pode-se afirmar que:

os terminógrafos, que são os práticos da Terminologia, têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo (processo onomasiológico); os lexicógrafos, práticos da Lexicografia, partem da denominação, que é a entrada de dicionário, e a caracterizam funcional e semanticamente: movem-se na direção contrária, do termo para o conceito (processo semasiológico) (CABRÉ, 1993: 32-33).

Pontuamos, contudo, que o lexicógrafo também opera na mesma direção do terminógrafo, quando se propõe a produzir dicionários por campos semânticos. Por essa razão, faz-se necessário acrescentar mais uma particularidade na prática do terminógrafo, a fim de melhor configurar as funções de um e de outro. O terminógrafo, ao contrário do lexicógrafo, se ocupa de um subconjunto do léxico, de ordem estritamente referencial e inserido no campo técnico-científico. O lexicógrafo, a seu turno, ocupa-se do léxico geral de uma língua, de ordem referencial ou figurada.

#### 1.4 O DICIONÁRIO

“O dicionário é um dos objetos culturais mais usuais e mais mal conhecidos” (REY-DEBOVE, 1984:63). As pesquisas acerca do dicionário vêm mostrando que seu número, a procura por eles e sua diversidade são espantosos, em virtude disso, os dicionários devem ser observados a partir de diferentes pontos de vista, não obstante, ainda carece de pesquisas para melhor conhecê-los e, dessa forma, projetá-los para um uso mais eficaz e eficiente. Verdadeiramente, todo e qualquer dicionário é procurado como sendo uma obra onde se encontra referência ao que se procura, e, concomitantemente, um livro em que se acham os significados, além de equivalentes da palavra escolhida, no caso dos bilíngues.

Assim, temos que afirmar que a função do dicionário, geralmente, disseminada entre os usuários, é a de que essa obra lexicográfica seja, quase sempre, para apenas se encontrar determinada palavra. Os lexicógrafos sabem que contribuem, e muito, para facilitar a resolução de dificuldades quanto aos usos da

língua em situações comunicativas. Schmitz (1997:62) reflete acerca do dicionário na nossa sociedade, e diz que ele existe para “[...] servir como espelho dos recortes culturais, dos problemas e das preocupações da nação”, indo além da aparência ‘séria e sisuda’ que ronda a palavra dentro do dicionário, pois ele revelaria mais que significados.

Biderman (2001:131) dá uma definição de dicionário como sendo “[...] uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. Ainda em conformidade com Biderman (2001:132), “[...] os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social”. Borba (1993:22) levanta a definição de que o dicionário é “[...] um conjunto de unidades lexicais listadas de forma independente umas das outras: é um conjunto de morfemas lexicais, isto é, de unidades significativas codificadas ou signos.”

Galera (1996:13) define o dicionário como “um texto, um discurso acabado, cujo objeto não é, como se acredita, a língua e o mundo, mas sim o que se diz da língua e do mundo” (tradução livre) “[...] un texto, un discurso acabado, cuyo objeto no es, como suele creerse, la lengua y el mundo, sino lo que dice de la lengua y el mundo”. Como observamos, esse autor mostra que o dicionário é uma imagem linguística e interpretativa do mundo e da sua realidade, trazendo à luz alguns discursos correntes.

O conceito atribuído ao dicionário é o de ‘uma obra que elenca palavras’, de maneira geral, respeitando a ordem alfabética. Essa finalidade diz que o dicionário serve para conceituar as palavras e também traduzi-las para outros idiomas, os quais são, geralmente, os de maior alcance econômico e cultural no mundo globalizado, a exemplo do inglês, chinês, francês e espanhol.

A maior parte dos dicionários traz esclarecimentos quanto à ortografia, aos aspectos da pronúncia, dados gramaticais, origem etimológica além de apresentarem alguns usos por meio de exemplos, os quais aparecem mais substancialmente em dicionários monolíngues.

Assim, o dicionário se configura como um recurso de consulta no momento em que o consulente deseja compreender a semanticidade da palavra dicionarizada, bem como o perfil morfológico e sintático, uma vez que “a palavra em estado de dicionário vive em situação de neutralidade, ao se contextualizar, passa a expressar valores e idéias (sic), transitando ideologias, cumprindo um amplo

espectro de funções persuasivas e de convencimento”, de acordo com Citelli (2002:41).

#### 1.4.1 Tipos de dicionários

As tipologias de dicionários são muitas e, de modo geral, apresentam características e critérios de classificação bastante diversificados. Podemos ver que há dicionários cuja organização pode ser alfabética ou sistemática, podendo ser dicionários especializados, de sinônimos, etimológicos, de profissões, de curiosidades, mono e bilíngue, plurilíngue, dentre outros tantos.

Com a criação da imprensa por Gutenberg, houve um aumento da produção e divulgação de informações dos mais variados campos do conhecimento. Essa explosão exigiu uma nova maneira de organização e acessibilidade (HIGOUNET, 2003). Esse acontecimento marcante na história da humanidade foi preponderante para a solidificação dos dicionários como grande ferramenta de consulta e pesquisa, alcançando todos os povos e, certamente, todas as línguas do planeta.

Alguns povos sempre tiveram a curiosidade em torno das palavras, aliás, em torno dos nomes das coisas e dos seres, e não era diferente com os sumério-egípcios, que criaram os “Proto-dicionários”, aos quais já se fez referência no subitem 1.2 desta Dissertação. Esses, na verdade, eram listas de profissões, afazeres e atividades em vigor naquela sociedade (FISHER, 2009).

Dentre os inúmeros dicionários existentes, podemos citar os chamados dicionários gerais da língua de longa extensão. São chamados assim ‘gerais’ por contemplarem uma compilação maior de palavras, com suas respectivas acepções e significações. Além deles, há, ainda, os dicionários etimológicos, os quais apresentam a origem de cada palavra por meio de sua formação e processos evolutivos; dicionários de sinônimos e antônimos, que, pela própria denominação, possuem o objetivo de definir o significado das palavras, em conformidade e em analogia aos equivalentes ou palavras afins (sinônimos) e sentidos opostos (antônimos) (WELKER, 2004).

Já os dicionários chamados analógicos agrupam palavras por campos semânticos, ou por semelhanças entre ideias. Há, também, os dicionários terminológicos, que servem para reunir os vocábulos dos vários campos e ramos

das ciências como, por exemplo, os dicionários de comunicação, arte, astronomia, medicina, matemática, gastronomia, filosofia, astronáutica dentre outros (WELKER, 2004).

Os dicionários de abreviaturas foram criados no intuito de facilitar a comunicação entre as pessoas neste tempo de ‘economia linguística’, criação e invenção de abreviaturas e siglas e, por fim, os dicionários bilíngues ou plurilíngues, que mostram o significado das palavras estrangeiras assim como suas aproximações e interrelações com as palavras nativas. Vale ressaltar que é no processo da tradução que, muitas vezes, os profissionais ‘tradutores’ cometem equívocos como os de ordem semântica (WELKER, 2004).

Claro que não é fácil elencar todos os tipos de dicionários, e, além dos acima citados, há muitos outros dicionários que tentam suprir determinadas carências e finalidades como aqueles que tratam das dificuldades de uma língua, que trazem frases feitas, de regionalismos, de provérbios, de gírias, de regência nominal e verbal e de conjugação verbal.

Nesta seara, que é a da tipologização dos dicionários, Welker (2004) tenta evidenciar algumas delas, entretanto, esse é um campo muito amplo e diversificado, por isso alguns estudiosos incluíram as enciclopédias na categoria de dicionários. Welker (2004) começa citando Al-Kasimi, o qual construiu uma tipologia de dicionários bilíngues, analisando, antes, os principais tipos propostos por Scerba, Malkiel, Sebeok e Rey.

Scerba (*apud* Welker, 2004) elencou sua tipologia dentre todas as possibilidades, levando em consideração as causalidades, ou seja, ele percebeu que havia uma enorme quantidade de obras lexicográficas que traziam muitos focos. Assim, ele listou seis: normativo vs. descritivo; enciclopédia vs. dicionário; dicionário comum vs. ‘concordância’ geral; dicionário comum vs. dicionário ideológico; dicionário com definições (monolíngue) vs. dicionário com traduções (bilíngue ou multilíngue); dicionário histórico vs. dicionário não histórico.

Malkiel (*apud* Welker, 2004) tem “a mais extensa e influente tipologia” quanto aos dicionários. Ele se utilizou de três itens para discernimento importantes: a abrangência, a perspectiva e a apresentação. O primeiro tópico de classificação é a abrangência, nele, são considerados a densidade das entradas, o número de línguas e a concentração em dados lexicais.

Quanto à perspectiva, topicaliza a dimensão fundamental: sincrônico vs. diacrônico, as formas de arranjo: alfabético vs. semântico vs. não sistemático, e, por fim, os níveis de 'tom': objetivo vs. prescritivo (normativo, didático) vs. jocoso. Finalizando, ele diz que na apresentação, os dicionários são classificados, conforme as definições, os exemplos, as ilustrações gráficas e as características especiais (WELKER, 2004).

Sebeok comete um equívoco (*apud* Welker, 2004), porque seleciona somente os dicionários que há em uma única língua, sendo sua classificação fadada, certamente, à limitação. Mesmo assim, essa categorização de Sebeok menciona a possibilidade de três tipologias de relações, o próprio pesquisador relacionou o total de dezessete características definidoras de dicionário.

- o dicionário é 'gerado' (o falante ou o lexicógrafo enumera os lexemas), ou estes são coletados a partir de textos;
- nos verbetes, as formas simples ou múltiplas podem estar presentes. No outro caso, a listagem de lexemas pode ocorrer fundamentada na forma e/ou no significado;
- o arranjo das entradas pode ser organizado por forma ou por significado.

Rey faz um extenso painel tipológico baseado em obras lexicográficas, e, no entendimento de Welker (2004), não trazendo nem produzindo nenhuma novidade. Hausmann diz que Rey faltou em precisão na sua classificação, pondo na mão do lexicógrafo os 'campos de decisão' a serem seguidos ou não por aquele profissional. Os 'campos de decisão' são os dados linguísticos, as unidades lexicográficas, as quantidades lexicais, o ordenamento dos dados/verbetes, a análise, a informação não semântica e os exemplos (WELKER, 2004).

Resumidamente, Haensch *et al.* (1982) constroem uma cansativa e longa tipologização de dicionários, alicerçada em outros pesquisadores. Martínez de Sousa faz uma relação de, aproximadamente, 150 tipos diferenciados de dicionários, havendo muita incoerência na maior parte da sua classificação. Welker (2004) menciona as conclusões a que Béjoint chegou. A conclusão é a de que "é impossível classificar dicionários de uma maneira que seja ao mesmo tempo bem ordenada e aplicável a todas as sociedades." Vale dizer, neste momento, que Welker (2004) apresenta, de forma bem planejada e organizada, suas conclusões e sugestões acerca da divisão classificatória para os dicionários.

Para ele, o primeiro grande fator de diferenciação poderia ser aquela entre obras de consulta em formato de livro e as computadorizadas. Quanto a essas obras computadorizadas, Welker diz que essa distinção é salutar visto que já há muitos dicionários eletrônicos, existindo a forte possibilidade de, em anos futuros, todos, sem exceção, serem eletrônicos.

A segunda divisão, por ele proposta, é a relativa a dicionários monolíngues e bilíngues/multilíngues. Ele complementa essa divisão, afirmando, enfaticamente, que a imensa maioria dos dicionários são, realmente, monolíngues, e isso se deve a fatores econômicos e, sobretudo, ao fator da falta de procura pelos dicionários bilíngues ou mesmo multilíngues. Não obstante, há projetos que intentam contemplar obras lexicográficas de alcance maior entre as línguas mais faladas deste mundo globalizado.

Por último, ele nos apresenta a terceira sugestão de divisão, a que se enfatiza nos dicionários gerais e especiais. De acordo com a proposta de Welker (2004:43), somente um tipo deve ser caracterizado como 'geral', e que todos os outros sejam classificados como especiais. O dicionário geral, nessa concepção, "se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando, sobretudo, os lexemas da língua comum."

Rey (*apud* Welker, 2004) constrói uma definição e afirma que um "dicionário trata das 'palavras', enquanto a enciclopédia trata das coisas". Esta é uma afirmação compartilhada por Jackson (*apud* WELKER, 2004:67), para o qual "O dicionário é um livro de consulta sobre palavras. [...] Seu primo mais próximo é a enciclopédia, mas esta é um livro sobre coisas, pessoas, lugares e ideias, um livro sobre o 'mundo real', não sobre a língua." Enfim, a enciclopédia trata das palavras representáveis pelas 'coisas', isto é, representáveis por imagens, numa tentativa de aproximação léxico-imagética (entre significante e significado), em contrapartida, o dicionário lida com palavras e seus significados, aplicações e usos, somente.

Welker (2004) apresenta e diferencia os termos dicionário e enciclopédia, e afirma que enquanto o dicionário lida com lexemas, estes serão o objeto de sua existência e função, não indo além, não possuindo múltiplas entradas, como o faz a enciclopédia. Esta, por sua vez, trata de diversas maneiras o mesmo conteúdo. Para Lara (*apud* Welker 2004), "o dicionário de língua diz o que significa o signo *leão*, ao passo que a enciclopédia diz e mostra por meio de uma dada imagem o que é um leão".

Como se vê, a grande diferença que se pode citar é a que emerge do comedimento que o lexicógrafo deve ter quando ‘pensa’ ou ‘traça um plano’ de um dicionário, em contraposição, o enciclopedista pode ultrapassar a simples definição, e ilustrar, fornecendo muito mais informações e dados, surgindo daqui a discussão entre as aproximações e distanciamentos entre o signo e a ‘coisa’. Aqui, deve-se evidenciar que há dicionários mono e bilíngues que, ao construírem uma definição, colocam ilustrações a fim de tornar a compreensão mais acessível.

Béjoint (*apud* Welker, 2004) apresenta uma definição em que diz que o dicionário conhecido como enciclopédico possui “a macroestrutura de um dicionário, mas também características da enciclopédia, inclusive entradas para nomes próprios, e geralmente fornece informação enciclopédica onde for necessária”. Um dos dicionários enciclopédicos mais conhecidos é o *Webster*. Os dicionários chamados *tesouros* contemplam em graus diferenciados a característica de enciclopédia, pois vão além da pura e simples definição da palavra em ênfase.

#### 1.4.1.1 O dicionário escolar

Atualmente, vislumbra-se um forte aumento do interesse pelos dicionários escolares. Carvalho (2011:87) salienta que “no contexto escolar de leitura e produção de textos, a consulta ao dicionário constitui um importante exercício de fixação e expansão de vocabulário, seja quanto a aspectos de forma ou de conteúdo”. Essa importância surgiu porque houve uma demanda escolar e também por conta da necessidade de aumentar as publicações lexicográficas para esse segmento.

A Lexicografia Pedagógica leva em consideração, segundo Coroa (2011:68), “as práticas escolares que têm [...] conferido importância, às vezes maior, às vezes menor, ao dicionário na sala de aula”. Esse é ainda um dos grandes problemas enfrentados quanto ao uso de dicionários, pois as próprias unidades escolares como também os profissionais não foram preparados para usar essa obra para fins didático-pedagógicos, não entendem a grande dimensão e o grande valor diante do ensino-aprendizagem que ela pode acrescentar às práticas escolares.

Sobre esse quadro, Gomes (2007) questiona e explica que:

[...] se o dicionário escolar ainda é subempregado ou desconhecido é porque, muitas vezes, o professor não sabe utilizá-lo, não tem idéia dos conteúdos passíveis de aplicação em sala de aula e, incrivelmente, não sabe como manusear o dicionário, não tem sistematizado o conhecimento de que o dicionário é um tipo de obra didática com suas especificidades linguísticas e tipográficas [...] (GOMES, 2007:249).

A proposta lexicográfica de um dicionário escolar deve levar em consideração o tipo/perfil de consulente de acordo com as orientações das políticas educacionais, as quais se encontram, hoje, aplicadas pelo PNLD-Dicionários 2012. Como se sabe, todo dicionário escolar<sup>3</sup> é marcado pelo teor pedagógico que o embasa, porque é um instrumento que auxilia na prática de ensino e na aprendizagem de um idioma. Quando o MEC/PNLD começa a analisar o dicionário escolar, está se posicionando estrategicamente numa área carente, pois, até então, o dicionário era pensado em sua dimensão de uso geral, desconsiderando as necessidades de grupos sociais específicos.

Historicamente, a criação do Programa Nacional do Livro Didático deu-se em 1985, no governo de José Sarney, em substituição ao Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), desenvolvido, em 1971, pelo Instituto Nacional do Livro (INL), cuja criação ocorrera em 1929, no governo de Washington Luiz. Em 1985, o PNLD passou a avaliar, indicar, comprar e distribuir livros didáticos para as escolas públicas, além de deixar de ser uma política de governo e passar a ser uma política de Estado. Em 2000, o PNLD direcionou suas ações não só ao livro didático, mas também à distribuição de dicionários de língua portuguesa para uso dos alunos de 1ª a 4ª séries, ampliando sua distribuição, em 2005, até a 8ª série. A partir desse ano, reformulou-se a distribuição de dicionários, que passou a ser destinada às instituições escolares para formação de seu acervo, não mais aos alunos.

Segundo Krieger (2012), as duas últimas edições do PNLD, ocorridas em 2006 e 2012, forneceram inovações de forte impacto, destacando-se:

- a. O reconhecimento de que o Ensino Fundamental necessita de mais de um tipo de dicionário;
- b. a diversificação quantitativa e qualitativa da

---

<sup>3</sup> Para avaliar as possibilidades pedagógicas dessas obras, no entanto, é preciso resgatar os parâmetros estabelecidos para elas pelo PNLD 2012. De acordo com o Edital correspondente, um dicionário escolar deve caracterizar-se, antes de tudo, pela etapa de ensino a que se destine e pelo seu porte, ou seja, pela quantidade de verbetes e de informações a respeito que reúna (RANGEL, *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*).

Cf. BRASIL. SEB. MEC. *Edital do PNLD Dicionários 2012*. Brasília: 2011.

produção editorial lexicográfica, surgindo dicionários de tipos distintos, estruturados de forma a serem compreendidos e aproveitados nas distintas etapas de ensino/aprendizagem da língua materna; c. a constituição de diferentes acervos de dicionários para todas as escolas públicas, compostos de tipos distintos, correlacionados às condições de aprendizagem do público-alvo (KRIEGER, 2012:11).

A autora afirma, ainda, que, nessas edições do PNLD, foram discutidas questões relativas à falta de material instrucional que oriente a prática docente para uso dos dicionários em sala de aula. Para suprir parcialmente as dificuldades para o desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico com dicionários, a edição de 2006 do PNLD, segundo Rangel (2011), elabora um manual destinado aos professores, intitulado *Dicionários em sala de aula*<sup>4</sup>, que oferece noções básicas sobre esse tipo de produção e sugere atividades didático-pedagógicas com uso de dicionários.

Importante crítica tece Krieger (2012) sobre o caráter deficitário dos cursos de formação de professores nos seus diferentes níveis, cujos currículos não contemplam a disciplina *Lexicografia*, que toma o dicionário como objeto de estudos. A inclusão dessa disciplina nos cursos de graduação em Letras, aliada à política de Estado do PNLD, poderia gerar, no futuro, profunda transformação no ensino-aprendizagem de língua portuguesa da Educação Básica pelo uso sistemático do dicionário.

Duran e Xatara (2007) afirmam criticamente que mesmo os dicionários de caráter puramente pedagógico de maior acessibilidade no Brasil, na essência, “são obras traduzidas ou adaptadas de empreendimentos lexicográficos estrangeiros e, por isso, nem sempre apresentam a melhor adequação para os brasileiros”. As autoras confirmam que há a urgência de os lexicógrafos brasileiros criarem dicionários de caráter nacional, adaptados à realidade local, talvez, até por isso mesmo, o uso de dicionários no país seja tão desmerecido e sem direcionamento. Observa-se, contudo, que a lexicografia pedagógica tem apresentado muito progresso no Brasil, principalmente pela motivação do PNLD-Dicionários.

#### 1.4.1.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o uso de dicionários

As necessidades reais e as demandas da aprendizagem relacionadas com a produção linguística no desenvolvimento das quais o dicionário escolar

---

<sup>4</sup> O manual *Dicionários em sala de aula* se encontra disponível para *download* no Portal do Ministério da Educação, no endereço: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleidicio.pdf>

poderia ajudar são, segundo os PCNs (1998): a) ampliar o domínio do vocabulário, o que implica oportunizar a aprendizagem de novas palavras e orientar o seu emprego; b) escolher as palavras mais apropriadas em função do que se quer expressar, observando as relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia/hiponímia; c) resolver problemas de concordância verbal e nominal; d) resolver problemas de regência verbal e nominal; e) resolver problemas de ortografia; f) diferenciar situações de uso formal e informal da linguagem (oral e escrita) e conseguir adequar a linguagem utilizada a tais situações.

Esses apontamentos feitos pelos PCNs funcionam como habilidades a serem desenvolvidas no consulente/aluno que usa o dicionário escolar. Segundo Pontes (2000), há mais habilidades indiscutíveis que são criadas a partir do momento em que se lê e/ou consulta um dicionário. O professor deve, quando se tratar das habilidades esperadas, orientar e conduzir os discentes dos vários níveis escolares no uso da obra lexicográfica do tipo indicado, de maneira a capacitá-los nesta parte do universo lexicográfico.

Pontes (2000), assim, apresenta:

- (1) compreender que as palavras-entrada são dispostas na nomenclatura do dicionário, na maioria das vezes, em ordem alfabética.
- (2) levar o aluno a identificar as duas palavras que se localizam no alto de cada página de um dicionário, as quais ajudam a localizar rapidamente a palavra que se quer consultar, por isso, chamadas palavras-guia.
- (3) compreender que o dicionário não assume um discurso neutro, logo é passível de crítica por parte do leitor ou consulente.
- (4) estar ciente de que as palavras-entrada de natureza polissêmica constituem-se de várias acepções.
- (5) conhecer a estrutura básica de dicionário e suas potencialidades (PONTES, 2000:53-55).

Depois de observarmos os pontos acima apresentados, fica claro que a função do dicionário escolar é ajudar o consulente a utilizar o léxico nas diversas situações comunicativas, fomentando e desenvolvendo, em contrapartida, sua competência linguística e comunicativa. “O uso pedagogicamente produtivo de dicionários, explicitamente escolares [...], certamente implica um processo de familiarização progressiva com o caráter e a organização da obra”, nas palavras acertadas de Rangel (2011:52). Portanto, vale ressaltar que essa é uma reflexão que deve ser considerada, uma vez que nos ajuda a aceitar que não existe

consultante na essência desta palavra sem que ele saiba e conheça a estrutura de um dicionário<sup>5</sup>.

Enfim, o uso do dicionário escolar aumenta o domínio acerca da língua e ajuda a aperfeiçoar e ampliar um sem-número de competências fundamentais para o aprendizado, e *a posteriori* para o uso eficiente e competente. Entretanto, o que se sabe é que o dicionário escolar é inexplorado pelos professores em suas aulas, ou, simplesmente, estes aplicam algumas pontuais atividades de uso, sem um trabalho bem orientado no que concerne aos exemplos, às acepções, definições, dentre os demais elementos constituintes da obra. Neste momento conclusivo, vale o posicionamento de Rangel (2012:18) que diz “o MEC avaliou e selecionou, para as nossas escolas públicas, dicionários o mais possível adequados ao uso escolar”.

---

<sup>5</sup> Assim, é possível dizer que o PNLD induz à inclusão do *desenvolvimento da proficiência em consulta* como um objeto de ensino-aprendizagem. Entretanto, a efetivação dessa possibilidade dependerá, entre outros fatores, de políticas complementares, voltadas para o uso efetivo dos dicionários em sala de aula (RANGEL, **Dicionários Escolares**: políticas, formas & usos, 2011:52).

## **CAPÍTULO 2 - OS EXEMPLOS LEXICOGRÁFICOS**

### **2.1 - PRELIMINARES**

A macroestrutura e a microestrutura constituem a interface estrutural de uma obra lexicográfica, e os exemplos, quando constam de tais obras, integram-se na microestrutura. Neste capítulo, são apresentados aspectos gerais da estrutura global dos dicionários para criar condições de refletir sobre os conceitos e funções dos exemplos em dicionários.

### **2.2 ASPECTOS GERAIS DA MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS**

Os exemplos são parte integrante da microestrutura de dicionários em geral e, por esse motivo, sua ocorrência não se desvincula de outros elementos que compõem a estrutura global desse tipo de obra. Além disso, sua funcionalidade pode variar em conformidade com sua proposta tipológica e sua destinação a consulentes nativos, estrangeiros, aprendizes etc. Nesse sentido, nesse subitem, apresentamos, em linhas gerais, os principais aspectos da macroestrutura e da microestrutura de dicionários, a fim de criar condições para conceber o exemplo no interior dessa organização.

#### **2.2.1 A macroestrutura**

Todo dicionário possui uma estrutura muito diferente de outras obras, uma vez que seu caráter essencial é proporcionar a realização de uma consulta, e, por isso, sua forma de estruturação e planejamento segue parâmetros distintos.

Ao se fazer uso de um dado dicionário, o consulente detecta o esquema de uma forte engenharia na organização do conteúdo, o qual se desdobra em micro e macroestrutura. Em consonância com Carvalho (2001:64), “para uma melhor compreensão dos componentes dos dicionários [...], os lexicógrafos costumam subdividi-lo em macro e microestruturas. A primeira refere-se ao lema e a segunda, à estrutura interna do verbete”.

De acordo com Haensch *et al.* (1982):

Como se sabe, o elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto, que pode ser por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras segundo um sistema conceptual. Há que considerar também o problema da parte introdutória dos dicionários, os possíveis anexos e suplementos<sup>6</sup> (HAENSCH *et al.*, 1982:452).

Haensch *et al.* (1982), Xatara (2007<sup>7</sup>) e Welker (2004, p. 80 et seq.) deixam claro que a macroestrutura e/ou nomenclatura diz respeito aos elementos dentro da estrutura organizacional do dicionário, e é constituída por 1) a maneira de ordenação das entradas; 2) o formato dos verbetes; 3) o arranjo das entradas; 4) o tamanho da nomenclatura e 5) a escolha dos verbetes. Além destes, pertencem à macroestrutura do dicionário as seções introdutórias e iniciais e os anexos. Höfling (2006:45) concorda com Welker (2004), e diz que a macroestrutura é uma “sequência vertical de elementos” e estes elementos ele define como “entradas” que são os lemas escolhidos.

#### 2.2.1.1 Tamanho

O lexicógrafo e, em alguns casos, até mesmo a empresa editorial, determinam o tamanho da macroestrutura em conformidade com a tipologia da obra lexicográfica pretendida, e segundo, também, e esse fator é muito preponderante, o público-alvo do dicionário. Aspecto de relevo que também orienta o tamanho do dicionário, segundo Welker (2004), são os tipos de lexemas que devem ou não figurar na nomenclatura. Via de regra, os dicionários de língua chegam, segundo Biderman (1984), a se constituir como *thesaurus*, uma vez que registram palavras raras, regionalismos, arcaísmos, termos literários, termos técnico-científicos etc. São os casos, no Brasil, dos dicionários monolíngues *Aurélio*, *Houaiss* e *Michaelis*.

Em dicionários de uso, no entanto, o critério de alta frequência, presente em grandes *corpora* deve ser aplicado. Outra decisão que depende de critérios adotados pelo lexicógrafo diz respeito aos vocábulos que devem ser lematizados. Por exemplo, a decisão sobre a lematização ou não de adjetivos pátrios, de advérbios terminados em *-mente*, abreviaturas etc.

---

<sup>6</sup> Tradução livre.

<sup>7</sup> Comunicação apresentada no IX Felin - IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA UERJ, 2007.

No domínio da lexicografia pedagógica, os dicionários escolares no Brasil apresentam uma *nominata* que varia entre 20.000 a 60.000 verbetes. O *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, sob a organização de Francisco S. Borba, – selecionado para análise nesta Dissertação – apresenta 58.237 verbetes “pelo critério de ocorrência num *corpus* de cerca de 90 milhões de itens lexicais em textos escritos no Brasil a partir de 1950”<sup>8</sup>.

Na *Introdução* dessa obra, esclarece-se ainda sobre quais são os critérios de lematização utilizados, a saber: o da delimitação morfológica e o da dependência ou vinculação semântica. Desse modo, constituem entradas as formas livres simples ou complexas. As demais figuram como subentradas.

#### 2.2.1.2 Lema, entrada ou palavra-entrada

O lema é tomado em sua estrutura e formação estabelecida pelo ‘cânone’ ou em sua representação ‘básica’ quanto ao lexema, sendo encontrado no infinitivo se verbos e se substantivos em seu número singular e no gênero masculino, quando o feminino se forma pela regra geral da gramática. A palavra acolhida e selecionada<sup>9</sup> para fazer parte do dicionário é lematizada para compor a obra lexicográfica como elemento compilado, transformando-se em entrada, palavra-entrada ou lema.

No entendimento de Haensch *et al.* (1982), em corroboração com Welker (2004):

A partir do ponto de vista formal, o lema é, como foi exposto, o representante de uma série de formas que se podem obter a partir dele (sobre o problema da incorporação ou não incorporação de formas declinadas ou conjugadas de uma palavra como lemas). No caso do substantivo, frequentemente citado, em muitas línguas, a forma do nominativo singular; no caso do verbo, o infinitivo. De fato que a unidade ‘palavra’, como unidade lemática do dicionário, não está definida inequivocamente derivando uma série de problema para o lexicógrafo<sup>10</sup> (HAENSCH *et. al.*, 1982:463).

<sup>8</sup> Citação constante na *Introdução* do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, publicado em 2011.

<sup>9</sup> “Já que tem que haver uma seleção, acredito que a frequência seja o ponto fundamental, pois o consulente gostaria de achar no dicionário todos aqueles signos linguísticos que pode encontrar nos textos (não especializados), e o lexicógrafo deveria registrar aqueles que os usuários vão consultar com maior probabilidade, ou seja, aqueles que ocorrem com maior frequência” (WELKER, 2004:96).

<sup>10</sup> Tradução livre.

Assim, observa-se que o lema, ou a entrada ou a palavra-entrada são, em essência, referências à palavra procurada, dentro de um dicionário, por qualquer consulente. Quando se faz a procura, é certo que o sujeito almeja saber seu significado, sua estrutura, sua aplicabilidade a partir dos exemplos que alguns dicionários trazem para facilitar a produção linguística ou a compreensão por parte da pessoa que usa a obra lexicográfica. Nesse momento, deve-se especificar que, a partir do instante em que se detecta e se encontra o lema/entrada/palavra-entrada acercado com todos os dados informativos dentro do dicionário, tem-se, aí, o que se denomina de ‘verbetes’: *lema* + informações.

### 2.2.2 A microestrutura

Höfling *et al.* (2004) atestam que uma obra lexicográfica como um dicionário é dona de uma estrutura ímpar em relação às outras obras. A base organizacional de todo dicionário assegura-se pelos elementos da “macroestrutura e/ou nomenclatura” e, por fim, da “microestrutura”.

Bugueño (2004) traz uma definição acerca da microestrutura, mostrando que ela é uma reunião de dados nos limites do verbete, sendo constituída por duas seções quais sejam, por exemplo, as especificações relativas à forma do lema/entrada/palavra-entrada e o alcance de seu sentido/significado. Rey-Debove (*apud* Welker 2004:107) concebe a microestrutura como o “conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”.

A microestrutura é formada, em suma, por “informações contidas nos verbetes sobre o termo-entrada. Este pode compor-se de dados definicionais, sobre a classe lexical/gramatical, contextos de uso, sinônimos e outras informações” (TELES; BARROS, 2010:269). Enfim, a microestrutura refere-se ao conjunto de elementos que constituem o verbete bem como todos os dados relativos ao uso e aos sentidos, por isso, ela deve ser muito bem elaborada a fim de que possa servir ao consulente da melhor maneira.

#### 2.2.2.1 Remissão

A utilização de remissões, isto é, referências em rede (linkadas) e entrecruzadas, é uma tentativa de proporcionar ao consulente construir interações

semânticas que há entre os verbetes. Seu maior projeto de metas é, na verdade, conduzir o leitor a elencar redes de interligação de informações, compreendendo e relacionando as variantes encontradas, e, dessa forma, alimentando e cultivando alguns campos semânticos<sup>11</sup>. “A associação entre palavras pode ser feita a partir de ligações de sentido”, afirma Henriques (2011:76).

A professora Krieger *et al.* (2001), ao tratarem acerca das remissões, apontaram dois caminhos dentro do referido sistema de referência oferecido pelos dicionários, que são:

- a) as relações semânticas que o termo de entrada mantém com os outros termos do domínio repertoriado;
- b) os usos específicos do termo no interior do universo em que está inserido (KRIEGER *et al.* 2001:252).

No primeiro caso, as remissões dizem respeito à própria “circularidade” semântica do vocabulário de uma língua, ainda que não existam sinônimos perfeitos entre tais remissões semânticas. No segundo caso, trata-se do grau de polissemia de um dado vocábulo, cujas acepções remetem-se a contextos de uso específicos.

Welker (2004:177) chama a atenção para a existência de remissões internas e externas, “Mas as mais importantes são, evidentemente, as remissões internas”, conclui. Por meio dos sistemas de remissivas, o usuário do dicionário é remetido/direcionado a várias entradas e verbetes, correlacionados sob algum ponto de vista lexicográfico ou mesmo lexicológico comum. Em conclusão, apresenta-se a assertiva de Welker (2004:178), o qual afirma que “a principal função das remissões é evitar repetições”, e, assim, otimizar o espaço dentro do dicionário.

#### 2.2.2.2 Definição

A definição é pedra fundamental que deve sustentar a construção de todo dicionário, visto que é ele o elemento procurado pelos consulentes. Esta é mais uma temática dentro da Lexicografia centro de discussões e muitos estudos (DURAN; XATARA, 2006). De maneira simples, a definição firma-se no parafraseamento de

---

<sup>11</sup> Henriques (2011:78) apresenta dois campos que são levados em consideração nos processos remissivos: o campo conceitual e o campo semântico. O primeiro “refere-se ao contingente de palavras que se agrupam, ideologicamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”, e o segundo “refere-se ao contingente de palavras que se agrupam, linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”. (grifos do autor)

uma palavra, de teor semântico aproximado, suprimindo as dúvidas e os desconhecimentos definicionais por parte do consulente.

“E quanto ao tipo, a definição por paráfrases, em geral, é preferível a definição por sinônimos<sup>12</sup>”, de acordo com Haensch *et al.* (1982:502). A definição, então, é a delimitação do item lexical enfatizado. Por fim, Haensch *et al.* (1982) tecem uma crítica importante que diz respeito ao problema de muitos verbetes trazerem definições exageradamente concisas, resumidas.

Independentemente do tipo de definição, se pode afirmar que a melhor definição é a mais facilmente inteligível e compreensível e a que oferece mais instruções ao usuário consulente. Em um dicionário geral, e mais ainda em um dicionário escolar, é preferível evitar as definições de termos técnicos muito específicos, que obrigam o usuário a fazer mais consultas complementares (HAENSCH *et al.*, 1982).

Do ponto de vista da relação entre definição e exemplo, Drysdale (1987) propõe ao exemplo lexicográfico a função de complemento da definição. Com o intuito de compreender essa relação de complementaridade, tornam-se necessárias algumas considerações acerca da definição.

Inicialmente, o estabelecimento de tal relação não se deve a qualquer incompletude intrínseca às definições. Busca-se mostrar que o complemento vem acrescentar, por meio de enunciados frásticos, conhecimentos enciclopédicos e contextualizados à definição que lhe é contígua. Deriva dessa relação um problema de ordem semântica, porque o limite entre conhecimento linguístico definicional e o conhecimento enciclopédico não é facilmente explicável. Nesta Dissertação, entendemos como Pottier (1978) que a análise sêmica de um vocábulo precisa destacar dois traços: o descritivo (o que se refere à natureza da palavra estudada) e o aplicativo (o que se refere à função ou destinação da palavra estudada), que, juntos, constituem o semema de um vocábulo. Desse modo, aquilo que “exceder” esse parâmetro configura-se, quase sempre, como conhecimento enciclopédico. É desejável que os exemplos se valham dos repertórios enciclopédicos, a fim de funcionarem como complementos das definições lexicográficas.

Concebemos *enciclopédia*, em conformidade com Eco (1984), como um registro de usos sob a forma de roteiros (*frames* ou *scripts*), que compreendem

---

<sup>12</sup> Tradução livre.

“esquemas de ação e de comportamento preestabelecidos (como o participar de uma festa, o ir à estação para partir, servir e consumir hambúrguer)” (ECO, 1987:77). Além desses roteiros comuns, Eco (1987) acrescenta os roteiros intertextuais, cuja representação pelos enunciadores possibilita prever, por exemplo, como deveria terminar o duelo entre xerife e bandido num *western* tradicional.

### 2.2.2.3 Exemplos Lexicográficos: conceitos e funções

Historicamente, “os lexicógrafos começaram a se interessar pelos exemplos somente depois da Segunda Guerra Mundial, principalmente após a publicação do Oxford Advanced Learner’s Dictionary (OALD) de Hornby (1948)” (SANTOS, 2006:28). Os exemplos lexicográficos ganharam destaque em pesquisas, as quais, atualmente, tentam refletir acerca de seu valor para o aprendiz, como elemento auxiliar para a produção e compreensão de textos, ou simplesmente, como um complemento da definição e sua contextualização para os consulentes em geral.

No domínio dos dicionários para aprendizes de línguas estrangeiras, Humblé (2001) afirma que a intensificação das pesquisas sobre os exemplos se deu após o Cobuild (abreviação de *Collins Birmingham University International Language Database*) começar a utilizar, em 1987, um *corpus* para recuperar exemplos lexicográficos de bancos de dados. Até então, os exemplos ocuparam um papel secundário, sobretudo, na lexicografia bilíngue.

O exemplo, numa visão geral, é um elemento lexicográfico da microestrutura, sendo constituído por um caráter semântico-pragmático e possui grande valor para o consulente, que pretende recuperar o sentido no contexto diante do qual se encontra. Segundo Pontes (2010:353), “o exemplo lexicográfico é um enunciado que se acrescenta à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada”.

Piotrowski (*apud* Welker 2004:150) diz que “[...] não se sabe muito bem o que são exemplos [...]. É a esta opinião que se pode chegar após analisar tanto o que os teóricos têm escrito quanto o que os dicionários incluem”.

No entanto, de acordo com Farias (2008):

Existe um consenso entre os estudiosos sobre o inegável valor lexicográfico dos exemplos no cumprimento de diversas funções, tais como complementar a definição, apresentar contextos sintáticos, introduzir

informações culturais, ou, simplesmente, atestar a ocorrência de uma palavra ou acepção (FARIAS, 2008:101).

Essa autora salienta a ausência de estudos sobre a funcionalidade dos exemplos em obras lexicográficas, em contrapartida à ampla presença de propostas tipológicas. Em seu artigo, Farias (2008) distingue dois tipos de exemplos, conforme a função que cumprem, a saber: a) exemplos para a compreensão; b) exemplos para a produção, sobre os quais passamos a discutir com vistas ao contexto escolar e, conseqüentemente, aos dicionários escolares.

Uma visão muito disseminada entre os falantes da língua e entre os profissionais que precisam de um dicionário na lida de seu trabalho aponta para o uso restrito à busca de significado para uma dada palavra e/ou da sua grafia correta. Entretanto, sob a ótica do ensino-aprendizagem de língua, o uso do dicionário, geralmente escolar, se estende a, no mínimo, onze usos, como bem atesta a obra *Dicionários em sala de aula* (2006), distribuída gratuitamente pelo PNLD-Dicionários/MEC às escolas públicas brasileiras da Educação Básica para orientar professores quanto ao uso de dicionários em suas práticas docentes: a) *tirar dúvidas sobre a escrita de uma palavra (ortografia)*; b) *esclarecer os significados de termos desconhecidos (definições, acepções)*; c) *precisar outros usos de uma palavra já conhecida (definições, acepções)*; d) *desvendar relações de forma e de conteúdo entre palavras (sinonímia, antonímia, homonímia etc.)*; e) *informar a respeito das coisas designadas pelas palavras registradas (informações sobre o inventor dos balões a gás e o contexto de época, num verbete como balão)*; f) *indicar o **domínio**, ou seja, o campo do conhecimento ou a esfera de atividade a que a palavra está mais intimamente relacionada; tal informação é particularmente importante quando uma mesma palavra assume sentidos distintos (ou acepções) em diferentes domínios, como planta, em biologia e em arquitetura*; g) *dar informações sobre as funções gramaticais da palavra, como sua classificação e características morfossintáticas (descrição gramatical)*; h) *indicar os contextos mais típicos de uso do vocábulo e, portanto, os valores sociais e/ou afetivos a ele associados (níveis de linguagem; estilo)*; i) *assinalar, quando é o caso, o caráter regional de uma palavra (informação dialetológica)*; i) *descrever a pronúncia culta de termos do português (ortoépia) e a pronúncia aproximada de empréstimos não aportuguesados*; j) *prestar*

*informações sobre a história da palavra na língua (datação; indicação de arcaísmos e de expressões em desuso); k) revelar a origem de um vocábulo (etimologia).*

Mediante essas aplicações do dicionário, é possível afirmar que o exemplo para produção, embora com menor funcionalidade em dicionários semasiológicos ou alfabéticos, assume a função de incrementar, sobretudo, definições de adjetivos relacionais<sup>13</sup> e de alguns nomes (substantivos) e verbos, bem como para indicar colocações, como atesta Farias (2008).

A referida autora analisa a funcionalidade dos exemplos para produção e compreensão pela estrutura semântica das definições vocabulares, às quais atribui as seguintes classificações: *paráfrases transparentes*, para aquelas cujo conteúdo definatório é preciso e dispensa exemplos que as complementem; *paráfrases opacas*, para aquelas cujo conteúdo definatório é impreciso, dificultando a compreensão do vocábulo que está sendo definido e, nesse caso, os exemplos funcionam como seus complementos. Apresenta ainda uma subdivisão para as paráfrases opacas: *opacas deficitárias*, cujo teor definatório se encontra incompleto ou com ausência de critérios lexicográficos; *opacas propriamente ditas*, cujo teor definatório está adequado, mas sua opacidade decorre da natureza da unidade léxica, por exemplo, as lexias de relação (conjunções, pronomes, artigos etc.). Em ambos os casos, a presença do exemplo é bastante recomendável.

Diante do exposto, a definição sendo insuficiente, o consulente busca auxílio nos exemplos lexicográficos, os quais surgem como ‘socorro’ aos que não estão satisfeitos com a paráfrase definidora, por não sanar as dúvidas na significação da unidade léxica. Nas palavras conclusivas de Farias (2008:105), “daí a necessidade de se relacionar a funcionalidade do exemplo com a elaboração de uma técnica de definição.”, uma vez que muitas obras lexicográficas falham neste aspecto, deixando a desejar quanto às necessidades do consulente ante à definição e ao exemplo. Com efeito, Humblé (2001) afirma, com base em artigo de Harvey e Yuill (1992), que os alunos preferem recorrer mais aos exemplos que às definições para trabalharem o significado de uma palavra.

Desse modo, os exemplos se fazem urgentes a partir do momento em que a obra lexicográfica não dá conta de todos os movimentos da língua em foco.

---

<sup>13</sup> Os adjetivos relacionais não denotam uma qualidade ou propriedade específica dos substantivos (como os adjetivos qualificativos), mas denotam um conjunto de propriedades, de modo que o significado do substantivo ao qual se unem é fundamental para determinar a sua significação numa circunstância determinada. Cf. FARIAS, 2008:112.

Os exemplos para compreensão estão atrelados às tarefas: (a) preencher certo vazio de significado deixado pela definição no interior do verbete; (b) distinguir determinada acepção das demais das quais difere; (c) apresentar perspectivas ideológicas diversas; (d) somar à definição outros dados semânticos; (e) fornecer informações de nível enciclopédico (históricas, culturais, folclóricas, geográficas etc.).

Apresentamos alguns exemplos lexicográficos inseridos nos verbetes de alguns dicionários escolares com a finalidade de compreensão:

a) **Capital.** (ca.pi.ta) **1.** Diz-se do que é principal, fundamental [+ a, em, para: *Atividades capitais ao / em / para nosso desenvolvimento econômico.*] **3.** Que acarreta morte (pena capital) **sf.** **4.** Cidade onde fica a sede da administração de um país, estado etc. **5.** Fig. Lugar que é o ponto de convergência (de uma atividade, religião etc.): *Meca é a capital do islamismo.* **6.** Letra maiúscula; VERSAL **sm.** **7.** Econ. Conjunto dos bens disponíveis, riqueza.; RIQUEZA [Tb. fig.: *A saúde é o nosso maior capital.*] **8.** Econ. O total desses bens aplicáveis à produção e à geração de renda **9.** Econ. Patrimônio de uma empresa, que se constitui de, ou pode ser convertido em, dinheiro [Pl.: -tais.] [F.: Do lat. *capitale(m)*] (AULETE, 2012).

b) **Resistência.** [Do lat. *resistentia*] **S.f.** **1.** Ato ou efeito de resistir. **2.** Força que se opõe a outra, que não cede a outra: *Quis abrir a porta, mas encontrou resistência.* **3.** Força que defende um organismo do desgaste de doença, cansaço, fome, etc.: *A resistência de um atleta aumenta com os treinos* (AURÉLIO – Século XXI, 1999).

c) **Abocanhar.** Tomar alguma coisa para si: abiscoitar, apoderar-se, apossar-se – *A nova direção da fábrica de brinquedos espera abocanhar em breve a maior parte do mercado* (MATTOS, 2005).

d) **Amor.** (ô). [Do latim *amore*.] **S.m.** **1.** Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguém, ou de alguma coisa [...] *Seu amor à prima não passou de fogo de palha.* **8.** Adoração, veneração, culto: amor a Deus (AURÉLIO – Século XXI, 1999).

e) **Independência.** [De in<sup>2</sup> + dependência.] **S.f.** **1.** Estado ou condição de quem ou do que é independente, de quem ou do que tem liberdade ou autonomia [...]: *A ONU garante a independência da maioria dos Estados africanos* (AURÉLIO – Século XXI, 1999).

Os exemplos supramencionados, de forma geral, assumem algumas funções necessárias como contribuir e complementar o sentido que uma entrada

possui, definindo-a e esclarecendo o verbete (como no primeiro verbete), servem também para diferenciar uma acepção de outra (como no segundo verbete), a depender do corpo de lexicógrafos colaboradores, os exemplos acrescentam dados enciclopédicos, desempenhando o papel de transmissores de informações culturais (como no terceiro e no quinto verbetes), além de trazerem informações semânticas. Vale salientar a afirmação de Humblé (2001), que diz que a funcionalidade de um dado exemplo está subordinada à tipologia do dicionário em que se encontra.

A relevância, então, do exemplo para compreensão dentro de um dicionário escolar, está em sua urgente ocorrência, porque embora ele nem sempre seja pensado e apresentado no dicionário com o objetivo de compreensão, às vezes, aparece com o intuito de acrescentar auxílios na produção.

“O exemplo para compreensão cumpre pura e simplesmente a função de tornar mais clara a significação, de modo que sua apresentação está intimamente relacionada com a qualidade da paráfrase definidora [...]”, segundo Farias (2008:104-5). Certamente que o processo de compreensão por meio de exemplos (criados ou de *corpus*) produz para o consulente o entendimento do sentido de um verbete para que a percepção e interpretação das informações atinjam e completem a vaguidade da significação.

Colomer e Camps (2002) fazem a seguinte reflexão acerca do ato de compreensão:

Qualquer ato de compreensão é entendido como uma alternância das redes em que estão organizados os conhecimentos, isto é, como um processo de formar, elaborar e modificar as estruturas de conhecimento que o sujeito tinha antes de entender essa nova informação (COLOMER e CAMPS, 2002:135).

O efeito da compreensão advinda dos exemplos lexicográficos dá-se por meio das atitudes em que o significado é captado sem que o consulente tenha a necessidade de externá-lo, inicialmente. Depois, a atenção e o entendimento do próprio consulente são estimulados e ele percebe a informação trazida pela palavra-entrada inserida no exemplo, de maneira que verifica se há verdadeiramente interdependência entre um (palavra-entrada) e outro (exemplo lexicográfico somado à palavra-entrada).

Assim, o lexicógrafo deve se ater a elaborar, selecionar e construir um exemplário em que todas as partes constituintes da microestrutura se encontrem

imbricadas, facilitando, dessa forma, a procura por uma compreensão mais eficiente. “Um exemplo para a compreensão somente será imprescindível quando, de fato, não for possível oferecer uma definição que seja suficientemente elucidativa para o leitor”, explana Farias (2008:106).

No caso de uma palavra-entrada exemplificada para dirimir algum sentido figurado, Perez (2000) ressalta que “Incluem-se exemplos em todas aquelas expressões que têm um sentido figurado, que não é frequente nos dicionários revisados<sup>14</sup>” (PEREZ, 2000:121). Este é mais um problema de ordem metalexigráfica que surge dos procedimentos de confecção de exemplos lexicográficos, pois, muitas vezes, o sentido figurado é esquecido, e não há exemplos que contextualizem o viés conotativo do vocábulo, que, vez por outra, foge ao uso cotidiano e corriqueiro.

Fornari (2008) diz:

Também é importante ressaltar que os exemplos tornam-se mais confusos e menos elucidativos em casos de definições desse tipo, pois se confundem e o consulente deve analisá-los para identificar a qual equivalência pertencem, ou, muitas vezes, os exemplos trazidos na obra lexicográfica referem-se apenas a uma das equivalências, o que causa ainda mais problemas para o entendimento do consulente. Em razão disso, acreditamos que o ideal é não incluir esse tipo de definição em uma taxonomia. No entanto, a sua inclusão em uma teoria da definição acaba justificando o seu emprego na redação de um dicionário (FORNARI, 2008:12).

Embora o consulente não deixe claro, ele procura um equilíbrio entre os elementos supramencionados e os movimentos de significado/significação concebidos durante o processamento da informação a partir do ato da escolha do exemplo. Portanto, o consulente é entendido, como sendo um analista sistemático da microestrutura diante dele.

Nas palavras de Perez (2000):

E quanto aos exemplos são necessários para indicar o contexto de uso ou especificar se há algum matiz semântico. Aparecem na língua de partida em curso e imediatamente sua tradução em letra redonda. Se queremos que um dicionário cumpra a função codificadora, é imprescindível que cada uma das acepções venha acompanhada de exemplos, que umas vezes servem para esclarecer o significado, outras para mostrar o comportamento sintático

---

<sup>14</sup> Tradução livre.

da palavra, e outras para mostrar e ilustrar determinadas combinações léxicas frequentes<sup>15</sup> (PEREZ, 2000:114).

Consideramos improdutivo enxergar o exemplo apenas como ferramenta metalexigráfica com a finalidade de dirimir dúvidas quanto a uma palavra-entrada. Certo é que, muito mais que isso, ele desempenha papéis e funções que vão preencher a necessidade de conhecimentos enciclopédicos dos consulentes. Claro que isso não quer dizer que temos que descartar *a priori* todos os demais exemplos, pois não importa como o exemplo foi concebido, interessa ao consulente, e em primeira instância, ao lexicógrafo, que eles venham a favorecer as lidas na área de produção e compreensão.

Perez (2000) diz que um exemplo deve, entre outras coisas, aproveitar a oportunidade e o espaço dentro do dicionário para apresentar os seus 'campos textuais'<sup>16</sup> e 'campos semânticos'<sup>17</sup>, bem como suas relações com elementos extralinguísticos como a cultura, a política (suas interfaces enciclopédicas), oferecer variantes da língua etc.

Ferrarezi Jr. (2008) comenta, mostrando a real interligação entre a língua e as interações culturais, observando que ela está imbuída de:

uma dimensão representativa, "instrumental", mas também tem uma dimensão de espaço cultural, em que os sentidos são compartilhados em complexas interações culturalmente dirigidas, entre os falantes dessa língua. A língua assim vista é, portanto, ao mesmo tempo, sistema, instrumento de representação<sup>18</sup> (e criação) e espaço de interação (FERRAREZI JR, 2008:25).

Assim, levando-se em consideração essa afirmação, vemos que os exemplos podem funcionar como indicativos e possibilidades de uso de uma dada palavra, em conformidade com os contextos linguístico-culturais.

Com efeito, Perez (2000) apresenta duas divisões para que se possa compreender melhor a funcionalidade e a aplicabilidade dos exemplos, quais sejam:

---

<sup>15</sup> Tradução livre.

<sup>16</sup> Agrupamento de palavras associáveis/relacionáveis entre si por meio do seu significado. "A associação entre palavras pode ser feita a partir de ligações de sentido, mas também pode acontecer por razões puramente formais ou até por uma combinação entre forma e significado", segundo Henriques (2011:76).

<sup>17</sup> "Refere-se ao contingente de palavras que se agrupam, linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido", de acordo com Henriques (2011:78).

<sup>18</sup> "E essa representação só ocorre satisfatoriamente em ambiente cultural, em que o representado pode ser compreendido porque os sentidos utilizados nessas representações são compartilhados mesmo que parcialmente, pelos falantes" (FERRAREZI JR, 2008:24).

a função linguística (ilustração de elaborações sintáticas mais comuns e corriqueiras, além disso, mostra uma definição mais exata acerca do conteúdo da unidade para se pôr em exemplo) e a função filológica (esta função faz referência ao fato de que o exemplo mostra o paradigma de uso da língua, sendo, portanto, prova testamental dos aspectos da cultura, da história e, também, dos traços ideológicos de uma dada nação)<sup>19</sup>.

Perez (2000) vai revelando que o uso de qualquer exemplo pode expressar marcas que vão além do material linguístico presente nele, e, por isso mesmo, os exemplos se transformam em um campo aberto para outras indagações de outras grandezas e ordens culturais, históricas, sociais, políticas, ideológicas, antropológicas, linguístico-literárias, dentre outras tantas.

Embora a afirmação de Perez (2000) se configure como importante, ela, na verdade, limita, em demasia, as muitas funções do exemplo a duas categorias (que são muito amplas *de per si*). Não obstante, dentro das suas categorias, podemos encontrar, por exemplo, alguns discursos. A esse respeito, apresentamos Nunes (2010) que tece o comentário de que os exemplos lexicográficos veiculam discursos variados:

Os exemplos também podem ser objeto de uma leitura atenta dos discursos em circulação. Quando não trazem exemplos, a imagem que se tem é de que as palavras e as definições existem independentemente de quem as pronuncie (NUNES, 2010).

O professor Nunes (2010) levanta uma oportunidade de discussão importante acerca do exemplo como instância de revelação de múltiplos discursos e abre novos caminhos para futuras pesquisas acerca de obras lexicográficas. Nunes não traz uma tipologia revolucionária nem tampouco uma conceituação mais completa, apenas mostra que os exemplos se relacionam a discursos e, no mais, salienta que a ausência de exemplos dá a impressão de que o dicionário não se preocupou com o consulente, isto é, o exemplo faria com que as entradas e as definições sejam mais familiarizadas com o usuário.

Lara (2006) elenca uma tipologia de exemplos que se soma a todas as demais propostas supracitadas, visto que todas, até certo ponto, entram em

---

<sup>19</sup> “[...] quando há exemplos, eles se apresentam de vários tipos: linguísticos, literários, de falas cotidianas, exemplos elaborados pelo lexicógrafo, dentre outros. A seleção da forma do exemplo é decisiva para a concepção do dicionário” (NUNES, José Horta. 2010:14-5).

concordância. Lara (1990) assinala ainda que o exemplo “serve de veículo para a transmissão indireta de dados culturais e sociais” (LARA, 1990:35), e, pensando nisso, diz que:

Podem ser identificados ao menos três tipos de exemplos: a) o que se seleciona de um *corpus* literário, com o objetivo de autorizar seu uso em determinadas condições normativas sociais; denominá-lo-ei como seguidor da tradição hispânica; b) o que tem por objetivo demonstrar a vigência do vocábulo de uma época específica ou ao longo de várias épocas, e, em consequência, seleciona-se de um *corpus* de língua, sem pretensões normativas; denominá-lo-ei registro; e c) o que tem por objetivo informar ao leitor acerca das formas mais comuns de utilização do vocábulo, seja em sua ortografia, em sua variação morfológica, em suas condições sintáticas, ou em sua frequência de combinação com outros vocábulos; denominá-lo-ei colocação. Os três tipos de exemplo são citações de autores, de obras, de registros de campo, etc<sup>20</sup> (LARA, 2006:139).

Vê-se, por tudo isso, que, em conformidade com a proposição de Lara (2006), é possível perceber que o leque aberto condiz com as demais tipologias construídas em alguns aspectos. Logo no primeiro tipo levantado pelo autor em destaque, detecta-se que a raiz dos exemplos estaria na coleta feita em obras literárias que valorizam a língua padrão/culto, denominada como aquela que respeita a tradição literária hispânica, sendo idealizada em pretensões claramente normativas.

No segundo, não existe interesse na norma, mas apenas em mostrar que certos vocábulos sofrem variações com o passar dos anos, e a esse tipo o autor chama de *registro*. Por fim, é apresentado o tipo nomeado de colocação, que pretende mostrar ao consulente os usos mais comuns do termo, levando-se em consideração aspectos da sintaxe, da morfologia e frequência de combinação com outros termos. Assim, pode-se afirmar que Lara (2006), em sua tipologia, passeia – sobre os exemplos – do caráter formal/normativo na construção dos exemplos, passando pelo caráter variacionista da língua até aportar nos usos ‘funcionais’ dos vocábulos.

Diferentemente de Lara (2006), vale observar o que Farias (2008) diz, criticamente, sobre a presença de exemplo e sua relação com a qualidade da obra lexicográfica:

A qualidade de uma obra lexicográfica não se verifica pelo tipo de informações apresentadas, mas pelas funcionalidades destas. Assim, pois,

---

<sup>20</sup> Tradução livre.

o fato de oferecer exemplos, por si só, não torna um determinado dicionário um instrumento lexicográfico melhor (FARIAS, 2008:102).

Esse apontamento mostra que o exemplo não deve ser considerado o elemento mais valioso dentro da obra lexicográfica, pois esta, que é composta por uma gama de outras partes, também importantes em sua individualidade, atinge a integralidade a partir da soma de cada parte. A partir do momento em que determinado consulente vai à procura de um vocábulo dentro de uma obra lexicográfica no intuito de encontrar um uso efetivo dentro do contexto, enxerga no exemplo (de *corpus* ou construído) a comprovação de sua procura ou tão-somente apenas um direcionamento concernente àquilo que almeja encontrar.

E, nesse ponto de encontro entre consulente e exemplo, surgem as possibilidades de o primeiro se apossar do exemplo e modificá-lo, construindo ajustes, em conformidade com a aplicação pretendida. Ressalte-se que “essas considerações são referentes aos dicionários monolíngues, porém caberiam perfeitamente aos bilíngues” (GIMENEZ, 2005:28), os quais, em sua maioria, ainda não disponibilizam exemplos em sua microestrutura e “Sem dúvida, falha o autor que não apresenta exemplos” (PONTES, 2010:354), sobretudo, aqueles dicionários direcionados às funções e especificidades de produção.

Diante do exposto, pode-se dizer que, embora as concepções supracitadas alarguem o campo dos exemplos lexicográficos, ainda existe muita indefinição quanto à real função global dos exemplos, pois, como se viu anteriormente neste capítulo, muitos são os autores que atribuem ao exemplo o mesmo caráter funcional da ‘frase, das colocações e das expressões’ dentro dos verbetes.

Evidentemente, o que auxiliaria e facilitaria muito o trabalho de busca do consulente por um exemplo (inventado ou de *corpus*) seria a diferenciação dele dos demais elementos lexicográficos concernentes ao verbete, dessa forma, então, ele seria compreendido segundo sua função primordial.

#### 2.2.2.3.1 Exemplos Criados

Diante das várias categorizações acerca dos exemplos, em sua macro visão, há dois grupos bem distintos e que reúnem os demais tipos: os exemplos

criados pelos lexicógrafos e os exemplos coletados a partir de um *corpus*. Tem-se creditado aos primeiros, um valor de maior utilidade visto que os profissionais da Lexicografia ficam livres para criar um exemplário, e, assim, mostrar aspectos específicos da língua, que, quiçá, um exemplo de *corpus* possa não evidenciar, dependendo do *locus* de coleta dos dados, obviamente. Vale ressaltar que o lexicógrafo pode também modificar o exemplo a partir de um *corpus*.

A partir do momento em que os profissionais da Lexicografia prestam-se ao trabalho de criar exemplos, valem-se da soma de duas habilidades essenciais, que são, especificamente, encontrar uma ocasião favorável nas situações-problema enfrentadas pelos consulentes e até mesmo nos instantes em que se percebe que determinado vocábulo necessita ter seu uso e/ou aplicabilidade melhorados. Uma outra habilidade importante, que o lexicógrafo deve possuir, é a de detectar, como observador, ao seu redor e reconhecer as bases semânticas do vocábulo que são aplicáveis e, assim, criar o exemplo para uso nos processos de resolução dos problemas lexicais.

Humblé (apud GIMENEZ, 2005) diz que:

De acordo com a equipe do Cobuild, os lexicógrafos tradicionais, sendo falantes nativos, inventam exemplos que são gramaticalmente aceitáveis, mas como sua intenção não é comunicar outra coisa além de alguma informação sobre o item lexical, essa informação é, estritamente falando, incorreta. Por isso, é possível que nesses exemplos inventados, as palavras carreguem alguma conotação falsa, que os parceiros colocacionais estejam errados e que a construção sintática seja correta, mas não usual. Em outras palavras, um exemplo inventado não é um modelo válido (apud GIMENEZ 2005:29).

Como se observa, o professor Humblé apresenta alguns pontos de refutação dos exemplos que são criados, pois, de acordo com ele, o exemplo, na condição de inventado, não tem o caráter de ser usual/funcional, não sendo “um modelo válido”. Pode-se dizer que a invenção de um exemplo lexicográfico é definida, em muitos casos, como supridora de uma carência de recursos dentro da própria língua, embora esteja sujeita a uma variável de equívoco por parte do lexicógrafo, o qual pode construir um exemplo em linguagem muito técnica, rebuscada, de pouca procura pelos consulentes.

Para Welker (2004:156), “o lexicógrafo pode até inventar exemplos, mas tem que ter certeza (e, de preferência, se certificar num *corpus*) de que as frases inventadas ocorrem de maneira semelhante na realidade”. A criação de um exemplo

pode partir de um procedimento puramente criativo, não obstante, Welker (2004:156) afirma que, embora o lexicógrafo crie, ele, preferencialmente, precisa estar consultando um *corpus*, “Assim, em vez de partir de um *corpus*, modificando as ocorrências para oferecer exemplos adaptados, ele cria o exemplo, mas depois consulta um *corpus*, se for necessário”. Espera-se que o exemplo, enfim, seja um protótipo de alta carga de aplicabilidade e eficiência, encontrando, por isso mesmo, uma utilidade prática, uma vez que há procura, há demanda.

De modo geral, a citada criação de exemplos lexicográficos fundamenta-se na criação de um modelo que até aquele determinado momento não existia nas obras dicionarísticas. Portanto, vale afirmar que criar um exemplo em Lexicografia é construir um dado para ser aplicado em um contexto de praticidade com técnicas metalexigráficas apropriadas, respeitando os princípios científicos do léxico em questão, bem como considerando o uso real e a funcionalidade aproximada da língua.

Dentro do quadro acima, também é preciso dizer que, como o exemplo é entendido como proposta de uso, ele é a possibilidade, então, de disposição ou maneira de caráter ‘novo’ obtido que será introduzido em contextos variados, prestando-se ao trabalho unicamente linguístico pretendido pelo consulente. Aqui, emerge o fato de que o profissional responsável por sua criação deve ter muito cuidado no que tange aos seus procedimentos, pois este tem que suprir uma carência na língua-alvo, apresentando uma gama de usos e aplicabilidades reais, funcionais, lexicais.

O exemplo é a ferramenta em disponibilidade nas mãos do usuário do dicionário, isto é, o exemplo é o instrumento lexical que o consulente intenciona empregar no intuito de ampliar ou fomentar sua utilidade bem como desenvolver suas competências e habilidades na língua-objeto. “É necessário, pois, recorrer a exemplos que ilustrem o uso concreto da unidade em questão”, conforme Silva (2004:624). A proposta afirmativa da professora Silva diz respeito à necessidade de se pensar em contextos de usos para, assim, se construir exemplos, segundo a unidade lexicográfica.

Não há como negar que um exemplo é um modelo de utilidade<sup>21</sup> de teor aplicativo, e tão-somente um modelo, não podendo ser por si só um exemplo

---

<sup>21</sup> Modelo de Utilidade (MU) - nova forma ou disposição envolvendo ato inventivo que resulte em melhoria funcional do objeto (INPI, 2012).

acabado, mas, sobretudo, o ponto a partir do qual o usuário/consulente possa transformar, acrescentar, retirar termos desinteressantes ao uso que deseja efetivar. Alguns lexicógrafos afirmam que os exemplos servem como parâmetro para imitação, o que não deve implicar necessariamente uma cópia *ipsis litteris*, mas, certamente, como modelo de fomento para a elaboração da frase com o termo, no sentido querido pelo consulente.

Assim, os exemplos criados estão mais propensos e tendenciosos a serem mais bem construídos e planejados, muito embora encontrem-se, também, em uma situação de alta interferência pessoal do lexicógrafo, podendo, até, ser um exemplo repleto de vícios linguísticos de seu inventor, por isso, atualmente, valoriza-se mais um exemplo criado a partir de um *corpus*.

Os exemplos criados são produzidos de maneira intencional no intuito de serem aplicados e empregados através de uma atitude sistemática e racional (que leva em consideração o contexto e a finalidade) pelos sujeitos consulentes. Dentro dessa perspectiva e categorização, são incluídos, em alguns casos, os exemplos de *corpus*.

#### 2.2.2.3.2 Exemplos Retirados de *Corpus*<sup>22</sup>

Os exemplos de *corpus*<sup>23</sup> dentro das obras lexicográficas, para muitos pesquisadores, são mais eficientes e eficazes, tornando-se, por isso mesmo, os mais apropriados para os consulentes. Por dois motivos, os exemplos de *corpus* são relevantes: em virtude de a linguagem ser aproximada de seu uso real (falado e escrito) e também porque o consulente parece confiar mais no exemplo retirado de um *corpus*, por ter sido coletado a partir de *corpora* reais, literário, cotidiano, dentre outros.

---

<sup>22</sup> As pesquisas em ciências da linguagem elegeram como uma ferramenta importante e muito usada pelo pesquisador o uso de *corpus*. Trask (2011:68) concebe *corpus* como sendo “um conjunto de textos escritos ou falados numa língua disponível para análise”. Em contraposição, Dubois *et al.* (1973) dizem que “O próprio *corpus* não pode ser considerado como constituindo a língua (ele reflete o caráter da situação artificial na qual foi organizado e registrado), mas somente como uma amostra da língua. O *corpus* deve ser representativo, i. e., deve ilustrar toda a gama das características estruturais” (DUBOIS *et al.*, 1973:44). (Cf. DUBOIS *et al.*, **Dicionário de linguística**, 1973:186-7)

<sup>23</sup> “Antes da primeira edição do Collins COBUILD English Language Dictionary, publicado em 1987, praticamente todos os exemplos inventados, com a exceção de citações de revistas e jornais. O COBUILD introduziu uma inovação, pois usava exemplos tomados diretamente do *corpus*, o que levou outros dicionários a começarem a usar o *corpus* como base, embora não necessariamente como a fonte dos seus exemplos” (POTTER 2009 apud SANTOS 2006:32).

Nas palavras de Welker (2004), “Praticamente todos os metalexícógrafos concordam que os dados lexicográficos devem basear-se em um *corpus*” (WELKER, 2004:157), no entanto, em relação à coleta dos exemplos, pode ser efetivada a partir das ocorrências dentro de um *corpus*, não obstante, eles podem sofrer adaptações para a melhor compreensão e aplicabilidade. O processo de adaptação acontece em virtude de o profissional acreditar que, por exemplo, diante de um exemplo em linguagem puramente técnica, o consultante não consegue movimentar a língua de maneira a transformá-la e adequá-la, segundo suas expectativas.

Fato é que o exemplário retirado de um *corpus* pode abranger um leque de possibilidades e acontecimentos linguísticos e em trabalho pelos próprios falantes/usuários. No caso do dicionário *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, observa-se que houve uma forte preocupação para com a escolha das fontes dos exemplos, de tal forma que a visão da referida obra lexicográfica é ampla.

A macroproposta dos coordenadores e do autor Francisco S. Borba tenta abarcar o maior número possível de usos da língua em todas as esferas de utilização do código funcional com a finalidade de comunicação e interação. É uma visão de alcance geral dentre os sujeitos que procuram exemplos em obras lexicográficas, pois eles estão à busca de um exemplo ‘ideal’. O conceito que permeia as pretensões da referida obra é o de que todas as manifestações linguísticas são válidas e podem ser importantíssimos *corpora* ao olhar lexicográfico.

Na verdade, o caminho traçado pelo dicionário passa pelos escritores contemporâneos, para os quais, a língua é ‘mutante’, ao contrário dos autores clássicos, por exemplo, os do século XIX, em que a língua era totalmente engessada pelo ideário de língua fomentado pela elite.

Além desses dois vieses adotados pelo autor, são apresentados ainda formas de uso que permeiam o culto como os textos escritos em periódicos (revistas e jornais, pois tratam de temáticas dos seus dias, retratando a língua em sua faceta mais contemporânea a si mesma), passando pela língua ‘mais livre’ que preenche as linhas e as cenas do texto das peças teatrais, indo até a língua totalmente falada dos meios de comunicação<sup>24</sup>, aportando no uso que a massa (o povo) faz da língua até

---

<sup>24</sup> Ainda sobre este fato, é fundamental que se exponha a afirmação de Welker (2004:101) a respeito da linguagem oral como *corpus* “Ainda são poucas as línguas nas quais existem *corpora* abrangentes constituídos de textos orais”.

nas gírias e palavrões<sup>25</sup>. Alguns dos *corpora* escolhidos revelam que “há uma leve tentação por parte dos lexicógrafos de escolher exemplos que sejam um pouco incomuns, por sentirem que são mais interessantes do que as palavras de uso cotidiano na língua [isso deve ser evitado]”, em consonância com Fox (*apud* SANTOS, 2006:32).

Com esse trabalho lexicográfico amplo, o dicionário pretende coletar verbetes e exemplos que possam ser disponibilizados a todo tipo (social, político, científico, intelectual, falante) de consulente de dicionário. A partir do momento em que o autor constrói uma transposição entre a coleta de exemplos (abonações?) da literatura clássica (século XIX) e a literatura moderna (século XX em diante), subentende-se aí uma intenção de poder se alcançar cada vez mais o perfil denominado de ‘popular’ do sujeito que faz uso do dicionário.

Isso se confirma, inclusive, no instante em que se enxerga claramente a passagem para gêneros linguísticos (textuais e do discurso) de caráter mais ‘popularesco’ do *corpus*, como já se mencionou aqui. O *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* apresenta, em resumo, as fontes do *corpus*, e, a esse respeito, Welker (2004:152) afirma que “sou de opinião de que o material encontrado num *corpus* não precisa ser mostrado ao usuário”, compreendendo, assim, o sujeito consulente deve confiar que a oferta de exemplos lexicográficos tenha sido verdadeiramente retirada dos *corpora* mencionados pelos editores.

O impacto do uso de grandes e variados *corpora* na vida do lexicógrafo é tão evidente que, às vezes, parece que existe uma corrida desesperada para encontrar os exemplos mais esdrúxulos. Em verdade, parece que há uma forte tendência em mostrar aos consulentes que a língua real oferece uma gama de múltiplas formas textuais (exemplos lexicográficos), ampliando o campo de encontro daquele que é procurado, e isso possibilita ao sujeito usuário do dicionário diversas opções.

É nesse direcionamento que Krishnamurti (*apud* Welker 2004) aponta outro *locus* para se pesquisar exemplos distintos de uso da língua, qual seja o mundo virtual dos computadores<sup>26</sup>, que é, enfim, um dos maiores *corpora* ao alcance de todo pesquisador. Um tópico crucial apresentado acima é o que faz referência ao

---

<sup>25</sup> Cf. HAENSCH *et al.* 1982:411-3.

<sup>26</sup> Para mais informações, deve-se ler Welker (2004:225-233), sobre os dicionários e *corpora* eletrônicos.

grande valor que um *corpus* possui ante uma diversificada comunidade de uso da linguagem.

Para Biderman (1984):

[O lexicógrafo] deverá extrair da sua concordância os melhores exemplos, de forma que o contexto citado explicita bem o significado, uso ou construção em epígrafe e também registre o nível de linguagem descrito quando for necessário. Muitas vezes uma passagem muito poética e excepcional literariamente não é adequada como abonação. Pelo contrário, um contexto pouco original, mas que ilustre bem a norma linguística pode ser o mais indicado. Na redação de pequenos dicionários os lexicógrafos geralmente constroem os exemplos de contextos ilustrativos. De fato, como esse tipo de dicionário tem uma finalidade pedagógica, os dicionaristas poderão manipular melhor as informações léxicas se elaborarem eles próprios as frases e contextos que ilustrarão as acepções do verbete. Também nos dicionários maiores como os dicionários padrão, muitas vezes o lexicógrafo precisará construir um exemplo para descrever um significado, uso, construção porque mesmo nos grandes bancos de dados pode não ocorrer um determinado valor lexical (BIDERMAN, 1984:41).

Geralmente, quando se trata da criação e do uso de exemplos, esquece-se de sua função plenamente operacional quanto ao preciso e possível sentido funcional preterido pelo consulente, que emerge de determinadas realidades linguísticas. Welker (2004) faz um apontamento muito salutar, o de que quanto maior for o *corpus*, uma palavra, exemplo, frase ou expressão, por exemplo, poderá aparecer muitas vezes o que poderia acarretar em desuso por parte do dicionário.

Como o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* levou em consideração que o perfil do consulente (estudantes do ensino médio da educação pública) é muito diverso, elegeu *corpora* múltiplos, tanto é que adotou uma gama de autores e obras muito variada. Dessa forma, são colhidas fatias multifacetadas de uso da língua nos mais variados ambientes pelos diversos falantes.

Essa preocupação entre tipo e público-alvo de todo dicionário fez com que Perez (2000) generalizasse dizendo que:

Todos os exemplos, geralmente, devem ser extraídos dos corpora linguísticos que deveriam ser utilizados para a seleção do material fraseológico porque são os únicos que refletem o uso real e natural que se faz destas expressões<sup>27</sup> (PEREZ, 2000:114).

---

<sup>27</sup> Tradução livre.

O autor mostra que seus *corpora* são compostos por variados gêneros textuais. E, juntamente com eles, encontram-se os cronistas, porque estão todos unidos em torno das características de criatividade e inventividade de expressões, frases e palavras que fogem ao racionalismo engessado dos gramáticos e intelectuais da língua rija (Cf. Anexo A, p. 125). “Já foi dito que o *corpus* tem que ser muito grande e diversificado” (WELKER, 2004:99), como fizeram os profissionais que colaboraram com a construção dos elementos da microestrutura do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*.

Para Haensch *et al.* (1982):

A solução ideal consistiria em dispor, por exemplo, para o espanhol, de um dicionário de uso bastante extenso que dê colocações usuais, fraseologia, modismos, etc., e o máximo de indicações gramaticais, especialmente sobre regime e construção, somente sobre aqueles vocábulos que necessitarão, precisando de milhares de termos técnicos de botânica, engenharia, química, etc., e por outro lado, de um dicionário geral, mas limitado quanto ao desenvolvimento sintagmático das entradas, pois oferecia uma seleção mais ampla e representativa de todo o vocabulário atual no sentido do que antes foi exposto<sup>28</sup> (HAENSCH *et al.*, 1982:426).

É sabido que os exemplos, como modelos de uso, trazem conteúdos informacionais relevantes, os quais, frequentemente, vem seguidos e rodeados de valores de usos, além de estruturas que se repetem e se assemelham a outros exemplos típicos da prática linguística cotidiana ou mesmo das práticas languageiras cultas, daí a necessidade de um grande *corpus* de busca de exemplos, posto que há determinados valores lexicais somente encontrados dentro de um vasto leque de possibilidades textuais.

A professora Biderman (1984) explana que alguns exemplos são eivados de forte linguagem poética o que, certamente, não facilitará a compreensão e a aplicação no contexto/cenário de uso que se coloca à frente do consulente dicionarístico. Essa revelação chama a atenção para o fato de que os exemplos retirados de determinado *corpus* precisam ser claros e de uso real. Quanto à linguagem poética, pode ser que o consulente não se sinta muito à vontade em usar o exemplo retirado de uma poesia (*corpus*), pois as palavras dentro de um gênero poético não possuem apenas os sentidos que normalmente são usados no dia-a-dia, no trabalho, nas relações entre pessoas, nos contatos profissionais. Além disso, é

---

<sup>28</sup> Tradução livre.

preciso afirmar que o lexicógrafo tem que coletar e transformar os exemplos de maneira a torná-los funcionais.

É importante que o consulente, ao encontrar o exemplo desejado, saiba usá-lo de maneira que as suas reais necessidades sejam supridas e as dúvidas sanadas. Nesse contexto, o uso de *corpus* propõe ao consulente recursos diversos possibilitando a promoção e o desenvolvimento das competências comunicativas no idioma pretendido. Por isso que o exemplário lexicográfico colhido de um *corpus* variado e amplo apresenta aos usuários sua frequência em textos escritos ou falados, como o *Dicionário UNESP* e outros.

Biderman (1984) ressalta que os profissionais da lexicografia, diante de um *corpus*, devem:

insistir no fato de que os exemplos devem ilustrar o melhor possível os significados da palavra-entrada e seus usos. Na verdade, a definição, a explicação, a descrição de um conceito só se completam quando postas no contexto do discurso. E assim o dicionário finaliza a sua tarefa de esclarecer, na sua totalidade, um lexema para um falante que o desconhece, ou o conhece imperfeitamente (BIDERMAN, 1984:41).

A pesquisadora Biderman ressalta o valor do contexto que se ergue diante do consulente, e no qual ele deve aplicar o vocábulo que possui em mão, isto é, aprofunda o entendimento de contexto de uso da palavra no exemplo dado pelo dicionário. Como se vê, ela aponta para as variadas possibilidades de uso da palavra-entrada, por isso, a completude do significado se fechar somente a partir do momento em que o profissional da lexicografia apresentar o exemplo em determinados usos e contextos do discurso.

Conforme Campos (*apud* SANTOS, 2006:28), “[...] parece existir um acordo generalizado em admitir que os exemplos não devem ser considerados como um adorno ou um elemento meramente acessório nos dicionários, sendo que constituem uma parte essencial dos mesmos”<sup>29</sup>. As definições, muitas vezes, não conseguem eliminar todas as dúvidas nem tampouco apresentar todas as manifestações linguísticas de uso da palavra-entrada, daí a salutar importância dos exemplos, que desempenham tarefas e funções que vão além do que as definições e os significados possam dispor ao consulente.

---

<sup>29</sup> Tradução livre.

A tarefa de selecionar *corpora* para coleta de exemplo torna-se, portanto, em variados níveis, um dos trabalhos mais árduos que o profissional da lexicografia tem que enfrentar em sua atividade metalexigráfica. Isso porque selecionar implica, necessariamente, numa primeira atitude, avaliar, dentre todos os exemplos, aqueles mais funcionais, e, então, em uma segunda fase, fazer a separação entre uns e outros, logo, todos os exemplos passam pelos juízos de valor do lexicógrafo, estando, pois, sujeitos ao olhar avaliador do citado profissional, guiado por diversos critérios.

No instante da escolha de exemplos por meio de critérios, percebe-se que são colocadas em cheque as diferentes concepções que os responsáveis pelo dicionário possuem sobre 'o melhor exemplo', sobre a maneira de como melhorar os processos de compreensão e de produção por meio do exemplo, as funções que eles determinaram e escolheram para os exemplos, o universo de consulentes que intenta atingir e o papel primordial que cada exemplo terá que desempenhar nos atos de compreensão e produção.

Além disso, coloca-se em jogo a representação que tem o lexicógrafo não só dos exemplos e da língua-alvo, mas também das necessidades reais que os consulentes possuem acerca do idioma que querem compreender mais e terem suas dúvidas sanadas, uma vez que os dicionários são dirigidos a eles, como público-alvo. Dessa forma, também influencia como variável substancial o valor que o lexicógrafo atribui aos exemplos como materiais e recursos da língua.

### 2.3 O LEXICÓGRAFO E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA CONSTRUÇÃO DE EXEMPLOS

A partir do instante em que o lexicógrafo propõe-se a construir exemplos, deve, primeiramente, refletir acerca do que está fazendo, isto é, a invenção de exemplos de maneira que se satisfaçam as necessidades comunicativas dos consulentes. Após essa atenção 'no que se faz', o profissional deve fomentar pensamentos sobre 'o como se faz', aperfeiçoando ou alimentando novos exemplos (a partir de um *corpus*, por exemplo), elegendo como alvo final o usuário.

Um exemplo inventado ou de *corpus* não possui o papel de substituir a liberdade do consulente, mas de aumentar as chances e a quantidade de aplicações do vocábulo dentro e fora do contexto pretendido. A citada inserção não depende,

portanto, de um contexto e/ou cenário pré-fabricado pelos dicionaristas, mas, certamente, das necessidades reais dos consulentes e da obediência a um dado padrão metodológico somado às funções de uso mais procuradas. Em conformidade com Farias (2008:102), “A lexicografia, portanto, resente-se da falta de uma metodologia que possibilite converter o exemplo em um fato efetivamente funcional na microestrutura dos dicionários”. A inexistência de uma metodologia capaz de conduzir tanto o processo de coleta quanto os procedimentos de elaboração, reconstrução e reelaboração de exemplos tem sido um dos grandes problemas da lexicografia.

O lexicógrafo pode estar fomentando exemplos de alcance mais real e conforme as necessidades de todos, além disso, ele, caso queira, deve estar alargando o exemplário, pois os usuários de dicionários sempre estão à procura de exemplo de aplicação de vocábulo, conseqüentemente, o profissional estará abrindo novas possibilidades de usos, tornando a busca do exemplo mais produtiva.

A palavra dicionarizada nem sempre necessita de um exemplo, pois este pode não contemplar nenhuma informação ou dado novo à palavra-entrada, e, no caso de existir exemplo, esse serviria apenas para demonstrar um uso do lema em questão. Em conformidade com Creamer (*apud* SANTOS, 2006), há quatro pontos que os lexicógrafos devem prestar atenção e considerá-los, no instante em que se dispuserem a construir os exemplos:

- a. A definição é muito limitada ou muito geral para o exemplo dado?
- b. O exemplo realmente exemplifica o uso da entrada?
- c. O exemplo ocupa o espaço ideal no dicionário ou estaria mais apropriado em outro lugar?
- d. Poderia um exemplo ajudar a clarear a definição e o uso da entrada? (*apud* SANTOS, 2006:30).

A construção de um exemplo (inventado ou de *corpus*) deve considerar o benefício prestado ao consulente, a eliminação de dúvidas quanto a variados aspectos de ordem linguística e extralinguística, o aumento por sua procura, a otimização do tempo do consulente (isto é, o consulente abrirá o dicionário e encontrará o exemplo com o sentido/significado esperado).

Vale ressaltar, ainda, que o lexicógrafo deverá pensar na redução do desconhecimento/rejeição/desvalorização dos exemplos; na orientação para que todos possam perceber que o exemplo pode facilitar a produção na língua-alvo, uma

vez que ele pode ser usado para melhorar as condições e a qualidade da produção e da compreensão diminuindo os usos equivocados.

Como ressalta Farias (2008:102), “a carência de parâmetros para a apresentação dos exemplos restringe ou, mesmo, anula o valor funcional desta informação na microestrutura do dicionário”. Essa afirmação é importante porque revela a ausência de uma definição metodológica e funcional para a elaboração, construção e seleção de exemplos lexicográficos. Esse quadro pode ser o fator que vem impedindo o avanço de outros estudos e pesquisas acerca dos exemplos, haja vista o trabalho de seleção de *corpus* para a retirada de exemplos feito pelo *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*.

#### 2.4 A TIPOLOGIA DE DRYSDALE

É importante que haja a inserção de exemplos em qualquer dicionário, mas, sobretudo, nos escolares. Inicialmente, os exemplos estavam imbuídos de um caráter normativo, no entanto, eles saíram da normatividade para a função descritiva, com o fim de ilustrar e complementar as definições, como assinala Drysdale (1987).

Muitos pesquisadores da Lexicografia já admitem o grande valor da presença dos exemplos nos dicionários. Diante desse valor, segundo observação de Alves (2011), aconteceu o colóquio *Entre définition et citation – l'exemple (Main - 2004)*, evento que teceu reflexões sobre os exemplos firmadas nas seguintes abordagens:

Dimensão (sintagma ou frase, minidiálogo...);  
 Fonte (criação ou citação);  
 Tipo (exemplo neutralizado ou codificado);  
 Função (linguística, metalinguística, filológica, definicional, enciclopédica);  
 Tipo de usuário (crianças, adultos, especialistas, público em geral...);  
 Tipo de dicionário (monolíngue, bilíngue) (ALVES, 2011:46).

Diante desses muitos olhares de indagações sobre os exemplos, podemos afirmar que eles contemplam variadas direções que a exemplificação vem tomando ou pode mudar e começar a tomar, a fim de ter suas reais funcionalidades e seus papéis otimizados e assim conceber a aprendizagem para uso dos

consultantes, pois o exemplo pode ser usado para desenvolver habilidades e competências de uso do léxico em contextos variados.

Antes do referido colóquio, Drysdale (1987) havia traçado seis (06) funções concernentes ao exemplário de dicionários, que são:

- a) Complementar a informação contida na definição;
- b) Mostrar a palavra num contexto;
- c) Distinguir um significado de outro;
- d) Ilustrar padrões gramaticais;
- e) Mostrar outras colocações típicas;
- f) Indicar registros apropriados de níveis estilísticos.

Humblé (2001) considera a proposta de Drysdale um tanto vaga, uma vez que entende que a função de “mostrar a palavra num contexto” deveria estar supeordenada em relação às demais funções elencadas pelo autor. É compreensível a crítica de Humblé a Drysdale, tendo em vista que Humblé (1996) concebe o exemplo como um “tipo de contexto miniaturizado”. No entanto, Humblé (2001) reconhece que a utilização das funcionalidades dos exemplos, propostas por Drysdale, tem sido bem aceita entre os lexicógrafos.

Como vemos na primeira função ‘Complementar a informação contida na definição’, o exemplo vem dentro do verbete com a tarefa crucial de acrescentar informações e esclarecer o que a definição não conseguiu atingir. Na verdade, a presença do exemplo admite que a definição foi falha/limitada, e é esse aspecto que abre espaço para que se elabore ou mesmo se colete num *corpus* o exemplo desejado.

A essa função, agregam-se algumas reflexões importantes em torno da definição, como vimos logo acima em Creamer (*apud* SANTOS, 2006), mostrando a relação de equivalência necessária entre definição dada e exemplo apresentado. Essa preocupação é também de Drysdale, que, a nosso ver, decorre de observações feitas em dicionários que já usavam exemplos que não possuíam relações diretas com a definição do verbete, e, nessa situação, o consultante acabava não encontrando um exemplo perfeito para a definição.

É por esse e outros motivos que os exemplos exercem papel tão fundamental dentro de um dicionário mono, bi, tri ou mesmo plurilíngue, claro que a

partir do momento em que são selecionados por meio de “critérios rigorosos, tendo-se como parâmetro os objetivos e o público-alvo da obra”, ressalta Isquierdo (2011:48). E, assim, o exemplo, não somente complementa as definições, mas também proporcionam, ao consulente, acréscimos semânticos importantes, conforme o tipo e os destinatários da obra.

A função ‘Mostrar a palavra num contexto’ sai do vazio deixado na definição, e se encaminha para o contexto de uso do exemplo ofertado ao consulente. Carvalho (2001:137) salienta que os exemplos “além de constituir uma posição dentro dos verbetes, são estruturas que permitem ao usuário uma generalização das informações que trazem”. Essa generalização é o que proporciona afirmarmos que o exemplo deve abarcar um teor semântico ‘geral’ dentro do léxico ao alcance do usuário.

Na concepção de Drysdale (1987), o exemplo deve ser elaborado para corresponder a um dado contexto situacional de uso para o usuário. Logo, o exemplo lexicográfico é elemento de caráter cotextual e contextual dentro do dicionário, conforme visto pela segunda função de Drysdale (1987).

Humblé (2001) define contexto da seguinte maneira:

Contexto é o ambiente, em termos de significado e não apenas das palavras, de uma unidade lexical. O contexto inclui o co-texto, na medida em que é especialmente relevante para entender o significado de um item lexical particular. O contexto não tem que ser linguístico e pode incluir o tipo de meio em que um texto foi publicado ou divulgado (HUMBLÉ, 2001:165).

Humblé (2001) mostra a amplitude do contexto em que se aplica determinada entrada, bem como seu caráter linguístico e extralinguístico. O professor traz à evidência todos os prováveis elementos do contexto, e não somente o contexto de palavras em texto.

A terceira função ‘Distinguir um significado de outro’ está atrelada ao conceito de que “O significado não é uma entidade e sim uma relação. Não é propriamente uma relação entre um item e um objeto do mundo, mas uma relação entre uma expressão linguística e algo não linguístico” (HENRIQUES, 2011:120). Esse autor ressalta que a emergência de significados diversos depende do conceito de significado existente.

No momento em que Drysdale propõe essa função, tenta mostrar que os exemplos devem expor movimentos semânticos comuns no léxico, como a

sinonímia, antonímia, paronímia, ambiguidade, hiponímia, e, sobretudo, a polissemia, que é, fundamentalmente, mola propulsora para a criação de exemplos, no caso de acepções polissêmicas. O exemplo, obedecendo a essa função, irá evidenciar para o consulente as diferenças semânticas que emergem do uso do léxico e que são esclarecidas pela diferenciação de significados inseridos em cotextos e contextos linguísticos diversos.

‘Ilustrar padrões gramaticais’ é a quarta função apontada por Drysdale. Quanto a este aspecto funcional do exemplo, é possível pensar em seu plural ‘padrões gramaticais’ como sendo o uso de todas as manifestações da gramática em sua funcionalidade, mas vale afirmar que os consulentes necessitam, por meio do exemplo, aperfeiçoar e perceber os padrões do léxico.

Humblé (2001:152), a respeito das movimentações sintáticas dentro dos exemplos, chega à conclusão de que “elas não devem ser usadas indiscriminadamente, mas somente se representarem de fato uma ajuda para indicar como uma palavra deve ser usada”. Drysdale passou a responsabilidade, ao expor essa função, para o profissional lexicógrafo que, diante do contexto de uso, e na fraca percepção dos padrões gramaticais por parte do consulente, destaque sua existência, e isso, dentro do exemplo, fará com que o usuário do dicionário assimile, substancialmente, as estruturas sintáticas, semânticas e morfológicas do léxico.

“Os exemplos são sentenças ou sintagmas livres que mostram o comportamento sintático e contextual do verbete, oferecendo ao usuário informações ou modelos de uso para ele poder utilizá-los em contextos análogos” (CARVALHO, 2001:137). Assim, tem que se dizer que determinados padrões gramaticais, na exemplificação, são facilmente internalizados pelos consulentes, não obstante, outros padrões merecem uma atenção e um trabalho mais cuidadoso e insistente no ato de construção dos exemplos.

‘Mostrar outras colocações típicas’ faz parte de uma tarefa muito importante desempenhada pelos exemplos, pois diz respeito a “itens compostos por palavras que se associam entre si” (REIS, 2008:27). Quer dizer, colocações referem-se às “muitas combinações e associações entre vocábulos de forma frequente numa frase<sup>30</sup>” (HUMBLÉ, 2001:165). Tagnin & Vale (2011) definem as colocações como “combinações lexicais recorrentes, arbitrárias, em geral não idiomáticas, cujos

---

<sup>30</sup> Tradução livre.

constituintes são contextualmente restritos”. A título de ilustração, quando se diz que uma galinha *bota ovos* ou *põe ovos*, mas não *coloca ovos*, estamos diante de uma colocação, a qual os exemplos podem desempenhar uma função bastante próxima ao uso efetivo das colocações em língua portuguesa na variedade brasileira.

Por fim, ‘Indicar registros apropriados de níveis estilísticos’, a última função proposta por Drysdale refere-se aos *registros* da ordem denotativa ou referencial e conotativa ou, ainda, registros de outra ordem, balizados pelo binômio cultismo/vulgarismo. Esses ‘registros’ aparecem nos dicionários mono e bilíngues, sinalizados por *marcas de uso* ou *rubricas*, cuja função é mostrar as variações linguísticas.

Há, enfim, outros fatores nos exemplos que proporcionam atitudes de seleção de determinados estilos por sujeitos variados. A determinação de um estilo para um dado exemplo é justificada pela possibilidade diante da qual os lexicógrafos se veem de socializar o léxico, pretendendo atingir grupos sociais que procuram certos sentidos dentro dos exemplos, por exemplo, os usos regionais, de gírias, tecnoletos, dentre outros.

## CAPÍTULO 3 - A FUNCIONALIDADE DO EXEMPLO LEXICOGRÁFICO NO *DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO*: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

### 3.1 - PRELIMINARES

A presença de exemplos na microestrutura de uma obra lexicográfica é de fundamental relevância. No presente capítulo, são apresentadas a macroestrutura e a microestrutura do *Dicionário UNESP*, em concordância com o *PNLD-Dicionários 2012*. Logo após, são expostos os critérios de seleção da amostra juntamente com os parâmetros metodológicos usados na análise dos exemplos lexicográficos em tabelas, e isso possibilita algumas reflexões.

#### 3.1.1 Macroestrutura e microestrutura do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*: reflexões pertinentes

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD–Dicionários 2012) enviou a todas as escolas uma coletânea com variados dicionários, e, dentre eles, está o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado pelo professor Francisco S. Borba, que, de acordo com esse Programa, encaixa-se no Tipo 4, destinado a todas as séries do Ensino Médio, juntamente com *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, *Dicionário Houaiss Conciso* e *Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*<sup>31</sup>.

A escolha da obra lexicográfica *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* como *corpus* desta Dissertação para análise do exemplário deve-se ao **tipo**, isto é, escolar, ao **público-alvo**, o estudante do Ensino Médio, aliado ao **papel** da língua portuguesa no contexto do Ensino Médio, última etapa da Educação

---

<sup>31</sup> Acervo PNLD- Dicionários/2012, disponível no Portal do Mec, no endereço: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16841&Itemid=1131](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16841&Itemid=1131).

Básica, conforme prevê as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*<sup>32</sup>. Nessa fase da vida escolar, de acordo com esse documento, o ensino-aprendizagem da língua portuguesa busca enfatizar a variação de usos da língua, por meio do texto, que “passa a ser visto como uma totalidade que só alcança esse *status* por um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se engajam produtor e receptor” (BRASIL, 2006:21).

Sob essa perspectiva, o uso do dicionário nessa etapa da Educação Básica assume papel essencial para o estudo das variações nas dimensões: *linguística*, sobretudo a variação léxica; *textual*, com ênfase no estudo dos gêneros discursivos; *sociopragmática e discursiva*, relacionada aos interlocutores, aos papéis sociais, às restrições da situação etc; e, *cognitivo-conceitual*, relativa aos conhecimentos de mundo, que envolvem a interrelação dos conceitos. Por fim, a seleção dessa obra também se orientou pelo **procedimento metodológico** utilizado na elaboração de seu exemplário, que contou com vasto *corpus* para retirar dele as abonações e os exemplos dos verbetes: mais de 50 escritores e 53 livros, além de números de revistas *Veja* e *Visão*, a partir de 1950. O banco de dados utilizado foi o do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, que conta com 200 milhões de ocorrências de palavras em textos escritos em português do Brasil. Ao todo, o organizador da obra em foco afirma que foram 110.895 acepções, 135.668 contextualizações (abonações/exemplos) e 6.187 destaques, retirados e adaptados de um *corpus*, de aproximadamente 90 milhões de palavras em uso, nos mais variados aspectos da vida política, social, literária, econômica, cultural e religiosa.

O que salta aos olhos, logo de início, é a quantidade de contextualizações (com valor de abonação ou de exemplo) disponibilizadas ao aluno consulente, algo muito expressivo, diante das fontes nas quais o organizador e os colaboradores, dentre eles Maria Helena de Moura Neves e Marina Bortolotti Bazzoli, tiveram acesso.

A macroestrutura do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* compõe-se de 58.237 verbetes, extraídos do *corpus* ao qual se fez referência. O critério de entrada orienta-se pela delimitação morfológica e vinculação semântica, isto é, “constituem entradas todas as formas livres simples [**cabo, janela, raposa**]

---

<sup>32</sup> Disponível no Portal do MEC, no endereço:  
[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)

ou complexas [água-furtada; barba de bode]” (BORBA, 2011). Também compõem a macroestrutura dessa obra lexicográfica: a Introdução, Organização dos Verbetes, Símbolos e Abreviaturas, Símbolos Fonéticos, Apêndices (Afixos, Novo Acordo Ortográfico, Expressões Latinas, Siglas e Irregularidade Verbal) e *Corpus* (obras usadas para abonações e exemplos)<sup>33</sup>.

A microestrutura do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* é composta por divisão silábica, classe e subclasse gramaticais, definições analíticas e sinonímicas, contextualização (termo equivalente a exemplo) e ilustrações, que acompanham algumas definições/acepções com o objetivo de prover as lacunas destas, além de complementar a compreensão do consulente na aplicação da entrada na contextualização desejada.

Desses elementos da microestrutura, destacam-se, nesta Dissertação, os exemplos, por constituírem o escopo da pesquisa, que no *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* são denominados *contextualizações* e as definições vocabulares, pela estreita relação que mantêm com os exemplos.

Borba (2011) evidencia, na Introdução do seu dicionário, a relação entre definição e contextualização (exemplo), ao afirmar que “as acepções se esclarecem por um sistema de contextualização constituído de frases e expressões extraídas de textos reais do *corpus*, com adaptações ou condensações para melhor cumprir seus objetivos (BORBA, 2011:IX).

Essa afirmação do organizador da obra deixa entrever a primeira função do exemplo, proposta por Drysdale (1987), segundo a qual o exemplo funciona como complemento da definição, tendo em vista o caráter esclarecedor dos exemplos na obra em análise. Refuta-se, contudo, o uso do verbo “esclarecer” que se refere a tornar algo mais claro, mais compreensível, como se as definições desse dicionário nunca ou quase nunca fossem transparentes, mas opacas. A função complementar do exemplo só deve esclarecer a definição, quando oferece informações enciclopédicas, que se excluem, muitas vezes, do conteúdo definicional propriamente dito.

Outra observação diz respeito à denominação “contextualização” em lugar de “exemplo”, que aponta para a função primordial dos exemplos, conceituados por Humblé (1997) como contextos miniaturizados.

---

<sup>33</sup> Ver Anexo 1 desta Dissertação, do qual só se excluiu a parte *Apêndices*, do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*.

No *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, não se apresentam exemplos para itens léxicos que comportam apenas uma acepção ou mais de uma de uso frequente, para os tecnicismos, para os chulismos e vulgarismos.

Ainda sobre o exemplário, faz-se necessário apresentar algumas considerações gerais acerca do *corpus*, a partir dos exemplos disponíveis, os quais são abonações, apenas no caso das ocorrências em LR (conjunto de textos de literatura romanesca – romances e contos) e exemplos adaptados, nas demais ocorrências. O dicionário, ora analisado, apresenta, nas páginas 1487 e 1488, as obras que foram utilizadas para a construção do exemplário (contextualização).

Num panorama geral, as cinquenta e cinco (55) obras usadas para coleta e construção dos exemplos (contextualizações) compõem os universos da literatura (em sua maior parte, 42 ao todo), do jornalismo (03), de cunho acadêmico (05), do universo da moda (01), da política (02), do esporte (01) associado à beleza e à estética e do folclore (01).

Vê-se, por esta simples descrição quantitativa, que a predominância é de obras literárias, as quais prezam, conforme o estilo e a estética do autor, pela língua padrão ou não, como nas crônicas de Rubem Fonseca e de Pedro Nava. Essa frequência pode evidenciar o propósito de enfatizar contextualizações mais direcionadas à escrita padrão/culta, algo típico do caráter das abonações, muitas vezes, citações diretas de autores renomados e clássicos da literatura nacional, ‘bons’ usuários do código escrito, nesse caso, as abonações são compreendidas como ‘citações de autoridade’.

A literatura selecionada pelo organizador e pelos colaboradores apresenta (05) obras de cunho regionalista, com o propósito de abarcar ocorrências léxicas contextualizadas no cenário regional. Essa fonte de coleta de dados sustenta o argumento de que seus enunciados e frases, ao serem adaptados e transformados, podem ser mais facilmente aceitos e utilizados pelos usuários do dicionário UNESP.

Consoante Coroa (2011), “o dicionário revela-se não uma contraparte linguística para objetos do mundo, mas uma intermediação simbólica na construção dos significados linguísticos” (COROA, 2011:62-3). As fontes diversificadas que formaram o *corpus* do *Dicionário UNESP* desempenham o liame que o aproxima do seu público-alvo, uma vez que, num primeiro momento, percebe-se que são textos, em sua maioria, que fazem parte da vida escolar dos jovens do ensino médio, desde

os romances e livros de poesia até o texto de caráter técnico da obra *Curso básico de corte e costura* assim também do teor da obra *Ginástica para a mulher moderna*.

Há de se ressaltar que, embora formadas por certa diversidade, as fontes concentram-se em alguns ramos literários, com algum destaque para os gêneros jornalísticos de revistas do sudeste do país, excepcionalmente São Paulo, por meio de várias edições da revista *Veja* entre os anos de 1970 até 1985 juntamente com variadas edições da revista *Visão* do ano de 1975. Resumidamente, os dois volumes tratam de temáticas como economia, sociedade, cultura, internet, comunicação, política, tecnologia, artes, cozinha, dentre outras temáticas de interesse dos estudantes do ensino médio das escolas do país.

### 3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA SELEÇÃO E ANÁLISE DOS EXEMPLOS DO *CORPUS*

A seleção dos exemplos do *corpus* em análise orienta-se pelos seguintes critérios decorrentes da nomenclatura (conjunto de entradas) e subentradas:

- a) Formas livres simples (verbais e nominais) e complexas, com uma ou mais acepções e sem marca de uso;
- b) Formas livres simples (verbais e nominais) e complexas, com uma ou mais acepções, com as seguintes marcas de uso: origem estrangeira (Ital., Jap., Ing., Fr., etc) regionalismos (Reg.), tecnicismos (Inform., Fís., Dir., Med., Polit. etc), depreciativo (Deprec.), coloquial (Coloq), chulo (Ch.) e gíria (Gír.).

A escolha de uma (01) entrada para cada especificidade dos critérios “a” e “b” torna possível fazer um levantamento do número de exemplos a ser analisado, quarenta e quatro ao todo. Essa amostra será analisada, de acordo com as tipologias funcionais de Drysdale (1987), novamente transcritas para maior comodidade do leitor:

- a) Complementar a informação contida na definição;
- b) Mostrar a palavra num contexto;
- c) Distinguir um significado de outro;
- d) Ilustrar padrões gramaticais;
- e) Mostrar outras colocações típicas;

f) Indicar registros apropriados de níveis estilísticos.

### 3.3 ANÁLISE DOS EXEMPLOS DO *DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO* PELO CRITÉRIO DE FUNCIONALIDADE DE DRYSDALE

As análises dos exemplos selecionados se apresentam organizadas por tabelas, em conformidade com os critérios de seleção “a” e “b” (Cf. subitem 3.2, deste Capítulo):

#### GRUPO A

1) Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), sem marcas de uso

Verbetes e/ou expressões selecionados: *medo*, *engrandecer*, *zero à esquerda* e *abrir mão de*.

TABELA 1	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), sem marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>MEDO</b>
Acepções e exemplos	<p>1. perturbação resultante da ideia ou da presença de um perigo; temor: <i>O medo apossou-se dos moradores do bairro. O caboclo tem medo de assombração.</i></p> <p>2. receio de ofender, causar mal ou ser desagradável: <i>Tenho medo de que a moça me interprete mal.</i></p> <p>3. dúvida acompanhada de temor: <i>A mulher teve medo de que o marido chegasse de repente.</i></p> <p>4. covardia: <i>O medo é característica dos fracos.</i></p> <p>► <b>a medo.</b> com indecisão ou receoso; timidamente: <i>As perninhas bambas, feitas de</i></p>

	<p><i>roscas rosadas, movem-se a medo nos primeiros passos. A medo, segurou a mão da namorada.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 1</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Complementar a informação contida na definição</u></p>	<p>Na acepção 1, há dois exemplos que buscam recobrir respectivamente os semas “presença de um perigo” e a “ideia da presença de um perigo”. No primeiro exemplo, a não especificação da razão que motivou o medo dos moradores do bairro pode levar o consulente a ativar, por inferênciação, qualquer tipo de medo (real ou imaginário), o que torna desnecessário ou redundante o segundo exemplo, que melhor complementa o sema “ideia da presença de um perigo” → <i>medo de assombração</i>.</p> <p>Na acepção 2, a função 1 não se aplica ao exemplo.</p> <p>Na acepção 3, o sema “dúvida”, que faz remissão à “incerteza”, é complementado pela possibilidade da chegada súbita do marido, da qual decorre o temor. No entanto, esse exemplo altera a relação de conjunção entre os semas “dúvida” + “temor” presente na definição e propõe uma relação de causa (Ka): a dúvida ou incerteza sobre a chegada súbita do marido → Consequência (Kô): o sentimento temeroso .</p> <p>Na acepção 4, a definição é sinonímica “covardia” e o exemplo complementa a definição, uma vez que o item lexical “covardia” (nesse mesmo dicionário) contém o sema “fraqueza”, presente no <i>exemplo O medo é característica dos fracos</i>.</p> <p>Na subentrada <b>a medo</b>, a função 1 não se aplica aos dois exemplos.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 2</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>Na acepção 1, o primeiro exemplo <i>O medo apossou-se dos moradores do bairro</i> situa a palavra <i>medo</i> (possivelmente presente ou real) em contexto urbano, citadino, marcado na expressão “moradores do bairro” e o segundo exemplo situa a palavra <i>medo</i> (imaginário, fruto da crença popular) em contexto rural, marcado pela palavra “caboclo” (mestiço de branco e índio; roceiro; sertanejo). Esse par de exemplos pode ser explicado pelo contraste <i>urbano</i> (medo gerado possivelmente por uma presença real de perigo) X <i>rural</i> (medo gerado por uma ideia de perigo), que apresenta uma posição ideológica sobre as formas reais (baseadas em “fatos reais”, típicas do homem urbano) e imaginárias (baseadas em crenças populares, típicas do homem rural) do perigo.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo contextualiza a palavra <i>medo</i>, sob o significado de “receio de ofender, causar mal ou ser desagradável” pela situação de uma possível má interpretação da ação do interlocutor 1 sobre o interlocutor 2 (moça). Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p>

	<p>Na acepção 3, o exemplo situa a palavra <i>medo</i> no contexto do inesperado (a possibilidade da chegada súbita do marido) que, por consequência, provoca o temor (cf. comentários da função 1). Desse modo, a dúvida ou incerteza está mais fortemente marcada do que o próprio medo.</p> <p>Na acepção 4, o exemplo situa a palavra <i>medo</i> no contexto das ações típicas das pessoas “psicologicamente” fracas ou frágeis, sem iniciativa. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p> <p>Na subentrada <b>a medo</b>, os dois exemplos situam a locução <i>a medo</i> em contextos de bastantes semelhanças quanto à incerteza ou receio de executar algo (dar os primeiros passos ou segurar a mão da namorada). A ocorrência de apenas um dos exemplos seria suficiente para inserir a expressão em contexto adequado.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 3</p> <p style="text-align: center;"><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 2 e 3 distinguem um significado do outro apenas pelo conteúdo informacional da estrutura frasal, que é a mesma em ambos (Oração principal + oração subordinada completiva nominal). No primeiro exemplo da subentrada, <b>a medo</b> possui o sentido de frágil, receio e tímido, já no segundo, <b>a medo</b> tem o teor de insegurança.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 4</p> <p style="text-align: center;"><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto. Ressalta-se, contudo, que o exemplo (abonação) da subentrada <b>a medo</b> - <i>As perninhas bambas, feitas de roscas rosadas, movem-se a medo nos primeiros passos.</i> – apresenta estrutura sintática mais complexa que as demais construções frasais dos outros exemplos.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 5</p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Embora apresente baixa frequência de uso no português contemporâneo, os exemplos mostram a colocação <b>a medo</b> em uso contextualizado.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 6</p> <p style="text-align: center;"><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>Essa função não se aplica a esse verbete.</p>

TABELA 2	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), sem marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>ENGRANDECER</b>
Acepções e exemplos	<p><b>1. Vt</b> tornar ou fazer parecer maior; ampliar: <i>Os móveis pequenos engrandecem o ambiente.</i></p> <p><b>2.</b> elevar; enaltecer: <i>A criatividade do publicitário engrandece a profissão.</i></p> <p><b>3. Vi</b> [Pron] elevar-se; enobrecer-se: <i>A cada batalha, mais vocês se engrandecem.</i></p>
<b>FUNÇÃO 1</b> <u>Complementar a informação contida na definição</u>	<p>Na acepção 1, o exemplo, “retirado de um <i>corpus</i>” é pouco ou nada usual no português brasileiro. Usualmente, emprega-se o verbo “ampliar” nessa acepção, porém, pode-se utilizar o verbo ‘engrandecer’ metaforizando uma ‘valorização’ do espaço. O exemplo apenas substitui os semas da definição pela palavra “engrandecer”. Não há, portanto, complemento da definição.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo expande os sentidos das definições sinonímicas “elevar” e “enaltecer”, uma vez que a criatividade no âmbito profissional costuma ser avaliada positivamente, elevando ou engrandecendo o agente da ação criativa.</p> <p>Na acepção 3, ocorre apenas a mudança da categoria verbal para Verbo intransitivo pronominal, com a mesma acepção de 2. O exemplo, nesse caso, também expande os sentidos das definições sinonímicas “elevar-se” e “enaltecer-se” pelo bom desempenho dos participantes em cada batalha.</p>
<b>FUNÇÃO 2</b> <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	<p>Na acepção 1, o exemplo situa a palavra <i>engrandecer</i> em um contexto de aparência de ampliação do espaço físico, embora o uso da palavra nessa acepção tenda a zero.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo situa a palavra <i>engrandecer</i> em um contexto de ações criativas no campo profissional da publicidade, no qual a criatividade é fundamental para o engrandecimento do publicitário. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p> <p>Na acepção 3, o exemplo situa a palavra <i>engrandecer</i> em um contexto de vitória paulatina de seus participantes em batalhas. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p>

<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 3</p> <p style="text-align: center;"><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 2 e 3 distinguem um significado do outro por determinação da natureza verbal (Vt e Vi pronominal), que, por sua vez, orienta os conteúdos informacionais distintos.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 4</p> <p style="text-align: center;"><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 5</p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Essa função não se aplica a esse verbete.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 6</p> <p style="text-align: center;"><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>Essa função não se aplica a esse verbete.</p>

TABELA 3	
Critério de seleção <i>Forma livre complexa (nome), sem marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>ZERO À ESQUERDA</b>
Acepções e exemplos	<p>1. pessoa que não significa absolutamente nada ou que não tem nenhum valor; zero; nada: <i>A mulher soluçava porque o marido lhe dissera que, para ele, ela era um zero à esquerda.</i></p> <p>2. qualquer coisa que não tenha valor ou que não signifique nada: <i>Diversões como futebol, cinema, novela eram para ele como um zero à esquerda.</i></p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 1</p> <p style="text-align: center;"><u>Complementar a informação contida na definição</u></p>	<p>Na acepção 1, o exemplo complementa os semas 'insignificante, sem valor, nada'. Nessa acepção, a ideia que emerge é a de que o sujeito 'zero à esquerda' não é capaz de alterar nada, nenhuma situação, não pode contribuir, descartável. Na matemática, diz-se que não possui valor algum, não diferencia valores. O exemplo dessa acepção traz uma situação de agressão verbal/psicológica em que a mulher se sente de tal forma um 'zero à esquerda' que é tomada de um choro profundo, de soluços. Ele ainda mostra a relação de causa por meio do 'porque', evidenciando o motivo/causa do soluço da mulher, presente no discurso indireto livre 'lhe dissera que, para ele, ela era um zero à esquerda'.</p>

	Na acepção 2, há um exemplo que complementa os mesmos semas apresentados na acepção 1, no entanto, refere-se a coisas e não a pessoas.
<b>FUNÇÃO 2</b> <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção 1, o exemplo <i>'A mulher soluçava porque o marido lhe dissera que, para ele, ela era um zero à esquerda'</i> é colocado adequadamente no contexto de uma discussão conjugal, mostrando a predominância do homem sobre a mulher, e esta é estigmatizada no exemplo como 'frágil', e que é silenciada facilmente.  Na acepção 2, o exemplo <i>Diversões como futebol, cinema, novela eram para ele como um zero à esquerda</i> traz o contexto parcial de um diálogo em que um sujeito não gosta de futebol, cinema e novela, negando-os evidentemente por algum motivo, que não aparece no exemplo.
<b>FUNÇÃO 3</b> <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional. Os exemplos das acepções 1 e 2 distinguem os significados atribuídos à entrada 'zero à esquerda', visto que, na primeira, a entrada significa 'incompetente, desimportante', enquanto que, na segunda, significa 'negação'. O significado é determinado pelo contexto de uso. De forma geral, 'zero à esquerda' é usado em contexto de comparação.
<b>FUNÇÃO 4</b> <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto.
<b>FUNÇÃO 5</b> <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
<b>FUNÇÃO 6</b> <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.

TABELA 4

Critério de seleção <i>Forma livre complexa (verbo), sem marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>ABRIR MÃO DE</b>
Acepções e exemplos	► <b>a. mão de.</b> deixar de lado; abandonar: <i>Ninguém deve abrir mão do direito de votar.</i>

<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 1</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Complementar a informação contida na definição</u></p>	<p>O exemplo como construção complementar da única acepção da subentrada “abrir mão de” do verbete-entrada “abrir” não expande propriamente os semas “deixar de lado” e “abandonar”. Sua função mais notória consiste na contextualização do conteúdo definitório (função 2), que não funciona como complemento da definição, isto é, expansão de semas contidos no conteúdo vocabular.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 2</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>Na acepção, o exemplo <i>Ninguém deve abrir mão do direito de votar</i> situa a subentrada “abrir mão de” em contexto político e suas ramificações nas temáticas concernentes à democracia, cidadania, participação popular, ressaltado na expressão “direito de votar”. O exemplo contempla, portanto, a função 2. Inserido nesse modelo situacional, podemos observar que a expressão “direito de votar” possibilita ao consulente ativar campos conceituais ligados à democracia, cidadania etc.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 3</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “abrir mão de”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 4</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados no exemplo são da norma padrão culto, apresentando uma estrutura frasal e sintática simples.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 5</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Ao resgatar a colocação “abrir mão de” que figura como subentrada do verbete-entrada “abrir”, o exemplo mostra essa colocação como típica do PB.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 6</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>O exemplo <i>Ninguém deve abrir mão do direito de votar abarca o uso em contextos formais ou informais.</i></p>

## GRUPO B

- 1) Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), com marca de uso que indica **estrangeirismos** (Ing., Fr., Chin., Jap., Esp., Ár. etc);

Verbetes e/ou expressões selecionados: *happening, deletar, kung fu, windsurfar.*

TABELA 5	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marca de uso que indica estrangeirismo</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>HAPPENING</b>
Acepções e exemplos	<p>1. (Ing) <b>Sm</b> acontecimento, em especial artístico, que se desenvolve sem plano fixo: <i>Elias chegou a participar de um happening da artista do início de 1970.</i></p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 1</p> <p style="text-align: center;"><u>Complementar a informação contida na definição</u></p>	<p>O vocábulo <b>happening</b> significa essencialmente “acontecimento”. É uma expressão usual das artes visuais e cênicas que se encontra em um certo grau de <b>stand up</b> das manifestações artísticas ora citadas. Esse tipo de obra raramente é planejado, a ele são agregados múltiplos elementos do espontaneísmo e da improvisação.</p> <p>Na acepção, o exemplo não complementa a informação contida na definição “acontecimento”, nem tampouco deixa claro que se trata fundamentalmente de uma manifestação das artes mais independentes sem um planejamento de enredo. No exemplo, não há como se afirmar que se trata de um evento artístico totalmente livre dos padrões moldados e pré-formatados. Portanto, o exemplo não complementa satisfatoriamente a informação contida na definição.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 2</p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>O exemplo não contempla essa função. Não está claro que o <b>happening</b> refere-se às manifestações das artes plásticas, musicais, dança e teatro, as quais se combinam entre si, podendo-se improvisar à vontade, sem a possibilidade de acontecer uma segunda vez, ou seja, não há continuidade e o público-plateia pode interagir. O exemplo <i>Elias chegou a participar de um happening da artista do início de 1970</i> não traz evidente razão sobre contextos. O exemplo não contempla a função 2, pois não se consegue vislumbrar o contexto de uso do vocábulo.</p>

<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 3</p> <p style="text-align: center;"><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “happening”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 4</p> <p style="text-align: center;"><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados no exemplo são da norma padrão culto.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 5</p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Essa função não se aplica a esse verbete.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 6</p> <p style="text-align: center;"><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>O exemplo <i>Elias chegou a participar de um happening da artista do início de 1970</i> abarca o uso em contextos formais ou informais.</p>

TABELA 6	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marca de uso que indica estrangeirismo</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>DELETAR</b>
Acepções e exemplos	<p>1. (Ing) <b>Vt</b> fazer desaparecer; apagar; eliminar: <i>Cuidado para não deletar arquivos importantes.</i></p> <p>Emprestado do inglês “to delete” (apagar), que por sua vez veio do verbo latino <b>delere</b> “destruir”; usado especificamente em informática.</p>
<p style="text-align: center;">FUNÇÃO 1</p> <p style="text-align: center;"><u>Complementar a informação contida na definição</u></p>	<p>Na acepção, o exemplo complementa a informação contida nas definições “fazer desaparecer”, “apagar” e “eliminar” além de “excluir” e “remover”. No exemplo, entende-se que existe a possibilidade de perigo iminente presente na palavra “Cuidado”, o que pode também significar o uso descuidado por parte de um determinado sujeito, sendo a tecla ‘deletar’ motivo de uma decisão definitiva.</p> <p>O exemplo como construção complementar da única acepção da verbete-entrada “deletar” não expande propriamente os semas “fazer desaparecer” e “apagar”. Sua função mais notória consiste na contextualização do conteúdo definatório (função 2), que não funciona como complemento da definição, isto é, como expansão de semas contidos no conteúdo vocabular.</p>
FUNÇÃO 2	<p>Na acepção, o exemplo <i>Cuidado para não deletar arquivos importantes</i> localiza a palavra ‘deletar’ em</p>

<p><u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>contexto típico do universo da informática, dos sistemas de informação e das novas tecnologias. O exemplo referido está muito bem colocado no contexto, embora possamos subentender que o sujeito para quem se fala a frase: 1. sabe o que está fazendo; 2. não sabe ao certo o que está fazendo, pois a frase parece ser dita por alguém que orienta o uso das 'ferramentas tecnológicas', o qual teme um uso desajeitado e desastroso, porque haveria no computador arquivos e pastas importantes.</p> <p>Vale destacar que <b>Delete</b> (abreviação: <b>Del</b>) é um instrumento do teclado do computador que desempenha a função de apagar elementos ou caracteres. No caso de programas de texto, essa tecla exclui o caractere marcado pelo cursor do <i>mouse</i> (seleciona aquilo que se deseja apagar), o qual remove o elemento do espaço onde se encontra, e este podendo ou não ser preenchido. Essa tecla pode servir, inclusive, dentro de um gerenciador de arquivos e aplicativos, extinguir pastas, por exemplo. Todo esse contexto foi contemplado pelo exemplo exposto, mesmo com algumas de suas limitações estruturais.</p>
<p>FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de "deletar", a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.</p>
<p>FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados no exemplo são da norma padrão culto.</p>
<p>FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Essa função não se aplica a esse verbete.</p>
<p>FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>O exemplo não indica o uso figurado que esse empréstimo vocabular assumiu na fala do povo brasileiro, com o sentido de uma decisão tomada em relação ao corte de relações com alguém. Por exemplo: <i>Vou deletar você da minha vida.</i></p>

TABELA 7	
Critério de seleção <i>Forma livre complexa (nome), com marca de uso que indica estrangeirismo</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>KUNG FU</b>
Acepções e exemplos	1. ( <i>Chin</i> ) <b>Sm</b> prática de uma arte marcial desenvolvida na antiga China, para combate e defesa, com ou sem arma: <i>Gildásio decidiu buscar a espiritualidade do budismo zen aprendendo kung fu num templo chinês.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção apresentada, aparece um exemplo que não obedece à função 1, pois o significado trazido pela acepção resume o kung fu a uma 'luta' (para aperfeiçoamento e maturação do corpo) e não a um dito 'crescimento espiritual' como vemos no exemplo, e isso produz uma contradição entre os sentidos expressos. Portanto, o exemplo não complementa a informação contida na definição.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo <i>Gildásio decidiu buscar a espiritualidade do budismo zen aprendendo kung fu num templo chinês</i> inclui a palavra <i>kung fu</i> (a arte para preparar-se para a guerra, o combate) em contexto contraditório, isto é, 'espiritual', presente na expressão "buscar a espiritualidade", não obstante, a acepção traz o kung fu como uma arte de lutar. Essa bifurcação semântica produz ainda mais dúvida no consulente, pois ele encontra na acepção um sentido e no exemplo outro. O exemplo não mostra a palavra no contexto 'de luta' determinado pela acepção.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de "kung fu", a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	Os padrões gramaticais utilizados no exemplo são da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.

TABELA 8	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>WINDSURFAR</b>
Acepções e exemplos	<b>1. Vi (Coloq.)</b> praticar windsurf: <i>Ele gostava mesmo era de surfar, windsurfar e observar golfinhos.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção, windsurfar é a ação de praticar a atividade física ou o esporte do windsurf. O exemplo <i>Ele gostava mesmo era de surfar, windsurfar e observar golfinhos</i> complementa a informação contida na definição porque exemplifica a prática do windsurf.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo <i>Ele gostava mesmo era de surfar, windsurfar e observar golfinhos</i> situa a palavra <i>windsurfar</i> em contexto desportista ( <i>surfar; windsurfar</i> ) e incluído no cenário de natureza marítima ( <i>golfinhos</i> ), e isso faz com que haja uma elaboração do macrocontexto necessário para se compreender o exemplo lexicográfico construído. Esses elementos introduzem o consulente no campo semântico que cerca tanto a acepção quanto o exemplo. O exemplo mostra a palavra num contexto.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “windsurfar”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é o da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.

- 2) Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), com marca de uso que indica **regionalismos** (MG., NE., GO., RJ. etc);

Verbetes e/ou expressões selecionados: *bombacha*, *mangar*, *boca-de-sapo*, Ø.

TABELA 9	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marca de uso que indica regionalismo</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>BOMBACHA</b>
Acepções e exemplos	<b>1.</b> <i>(Esp Plat) Sf (Reg: RG) calças largas, apertadas acima dos tornozelos por meio de botões, usadas pelos campeiros: Dois gaúchos de bombacha e lenço vermelho entram na churrascaria.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	A acepção traz uma descrição da <i>bombacha</i> de maneira a situá-la regionalmente, desenhando, assim, o sujeito que a usa em sua lida diária. A <i>bombacha</i> é um traje típico do Rio Grande do Sul. Pelo que vemos, ela não é uma veste somente do interior do RS, mas para qualquer situação social, haja vista que os sujeitos presentes no exemplo <i>Dois gaúchos de bombacha e lenço vermelho entram na churrascaria</i> estão entrando numa churrascaria, que culturalmente caracteriza a região (churrasco gaúcho). Nesse sentido, o exemplo complementa a informação contida na definição com um acréscimo do conhecimento cultural brasileiro.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo <i>Dois gaúchos de bombacha e lenço vermelho entram na churrascaria</i> contextualiza a palavra <i>bombacha</i> em contexto urbano (churrascaria), o segundo marco salutar é o de que a definição diz que a <i>bombacha</i> é um vestuário típico dos campeiros (aqueles que trabalham no campo), ficando evidente que há uma contradição entre “usadas pelos campeiros - acepção” (contexto rural) e “entram na churrascaria - exemplo” (contexto urbano). São dois ambientes opostos, entretanto, salientamos que o segundo não é contemplado pela acepção.  O exemplo contextualiza a palavra <i>bombacha</i> , sob o significado de “calças largas, apertadas acima dos tornozelos”, de vestuário típico. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “bombacha”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão

	considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.

TABELA 10	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marcas de uso que indica regionalismo</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>MANGAR</b>
Acepções e exemplos	<p>1. <i>(Coloq) Vt caçoar; zombar: Não percebi que as mulheres estavam mangando de mim. Acho que você está mangando com a gente.</i></p> <p>2. <i>Vi demorar para decidir; enrolar: Ele ficou mangando a noite toda e não se resolveu.</i></p>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	<p>Na acepção 1, há dois exemplos que tentam alcançar respectivamente os semas “escarnecer” e “ridicularizar”, em conformidade com o contexto visto. Na essência do significado, a acepção 1 procura mostrar que ‘caçoar; zombar’ é o mesmo que tornar ridículo alguém por meio de gestos, atitudes ou palavras irônicas. O exemplo 2 da acepção 1 não agrega valores semânticos. O primeiro exemplo complementa a informação contida na definição, ao contrário do segundo.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo <i>Ele ficou mangando a noite toda e não se resolveu</i> abarca os semas ‘delongar’, ‘atrasar’, ‘prorrogar’, ‘deter’ e ‘lentidão’. A função 1 aplica-se a esse exemplo, visto que ele acrescenta e complementa a informação contida na definição, ampliando o campo semântico de ‘mangar’ para o consulente.</p>
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção 1, há dois exemplos <i>Não percebi que as mulheres estavam mangando de mim. Acho que você está mangando com a gente.</i> No primeiro exemplo, o contexto é o de uma situação de

	<p>‘chacota’ e ‘ridicularização’ por algum motivo/razão que não é esclarecido pelo exemplo, mas, ao mesmo tempo, apresenta o interlocutor 1 na posição de inocente ante a ‘mangação’ para com ele, logo, a ação de ‘mangar’ não surtiu o efeito esperado pelos interlocutores 2 (as mulheres). Quanto ao exemplo 2 <i>Acho que você está mangando com a gente</i>, percebemos que ele mantém o teor do exemplo 1, embora diferentemente deste, ele mostre que os interlocutores 1 (‘você’) e o 2 (a gente) partícipes e integrantes da mesma situação de ‘zombaria’. Os dois exemplos mostram a palavra num contexto.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo <i>Ele ficou mangando a noite toda e não se resolveu</i> contextualiza a palavra <i>mangar</i>, sob o significado de ‘retardar’, ‘delongar’, ‘atrasar’, ‘prorrogar’, ‘deter’ e ‘lentidão’, como visto anteriormente. Esses exemplos nos fazem entender que determinado sujeito age de forma pró-ativa a fim de conseguir a meta traçada. Dessa forma, podemos afirmar que essa postura pró-ativa mostra que o sujeito que assim age pensa programada e antecipadamente, uma vez que elege critérios e providências a serem tomadas com a finalidade de evitar ou resolver situações problemáticas, antevendo vantagens convenientes. Trata-se, então, de um exemplo adequadamente contextualizado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 3</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 1 e 2 distinguem um significado do outro não somente pelo conteúdo informacional da estrutura frasal, mas, principalmente, porque, por meio dos contextos de cada exemplo das duas acepções, a palavra <i>mangar</i> mostrou-se em seu grau polissêmico. Resumidamente <i>mangar</i> foi mostrado como sendo uma ‘ridicularização’ (acepção 1) e “delongar” (acepção 2).</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 4</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 5</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Os exemplos mostram a palavra <i>mangar</i> em uso contextualizado e em outras colocações típicas.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 6</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>Essa função não se aplica a esse verbete.</p>

TABELA 11	
Critério de seleção <i>Forma livre complexa (nome), com marca de uso, que indica regionalismo</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>BOCA-DE-SAPO</b>
Acepções e exemplos	<b>1. Sf (Reg: MT) jararaca:</b> <i>Fiquei gelado: na minha frente estava uma ameaçadora boca-de-sapo.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção, a definição <i>jararaca</i> possui significado amplo, vago demais, pois há várias espécies de jararaca e, para complementar e esclarecer esse vazio, o exemplo <i>Fiquei gelado: na minha frente estava uma ameaçadora boca-de-sapo</i> delimita e especifica a jararaca como sendo da espécie boca-de-sapo. O estado emocional em que se encontra o sujeito “ <i>Fiquei gelado</i> ” demonstra que havia algo surpreendentemente preocupante e perigoso diante dele, então, logo adiante, é apresentado o motivo da aflição e do pavor: a jararaca boca-de-sapo, animal conhecido pelo sujeito. Logo, o exemplo complementa a informação contida na definição.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo <i>Fiquei gelado: na minha frente estava uma ameaçadora boca-de-sapo</i> contextualiza a palavra-entrada <i>boca-de-sapo</i> em uma situação de perigo iminente em virtude da inferência imediata que o sujeito fez ao poder do veneno dessa cobra.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “boca-de-sapo”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	O exemplo mostra a entrada <i>boca-de-sapo</i> em uso contextualizado, em uma colocação típica do estado de Mato Grosso.  Obs.: O Dicionário UNESP do Português Contemporâneo não traz a acepção de uso frequente e coloquial com a expressão (colocação) “boca-de-sapo”: “pessoa com a boca muito grande”.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	O exemplo registra o uso coloquial para o vocábulo “boca-de-sapo”, tendo em vista que o registro mais formal é “jararaca”.

3) Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), com marca de uso que indica **tecnoletos** (Inform., Med., Bot., Fís., etc);

Verbetes e/ou expressões selecionados: *gástrula* (Biol.), *neurotizar*, *ponto de ebulição* (Fís.), Ø.

TABELA 12	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marca de uso que indica tecnoleto</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>GÁSTRULA</b>
Acepções e exemplos	1. <b>Sf</b> (Biol) forma embrionária ou larval inicial, comum a todos os metazoários: <i>Os embriões se desenvolveram para o estágio de gástrula.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção, há uma definição técnica da palavra <i>gástrula</i> , delimitando pelos semas <i>forma embrionária</i> e <i>larval inicial</i> , o estágio de desenvolvimento pelo qual passam os animais (metazoários). O exemplo <i>Os embriões se desenvolveram para o estágio de gástrula</i> não complementa a informação contida na definição, apenas reforça a ideia do processo embrionário.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo <i>Os embriões se desenvolveram para o estágio de gástrula</i> coloca a palavra <i>gástrula</i> em contexto técnico-científico concernente à Biologia. No entanto, há um problema no exemplo, pois, antes da gastrulação, tem-se a fase do zigoto e depois da mórula. É na gastrulação que ocorre a formação do embrião propriamente dito. Logo, o exemplo necessita de revisão com relação aos conhecimentos da Biologia.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “gástrula”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
FUNÇÃO 6	Essa função não se aplica a esse verbete.

<u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	
---	--

TABELA 13	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marca de uso que indica tecnoleto</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>NEUROTIZAR</b>
Acepções e exemplos	<b>1. Vt</b> tornar neurótico; induzir à neurose: <i>O corre-corre diário neurotiza o homem moderno.* Essa forma verbal advém do tecnoleto da Medicina (Med) &lt;&lt;neurose&gt;&gt;.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção, o exemplo <i>O corre-corre diário neurotiza o homem moderno</i> abrange a informação contida na definição. Neurotizar ou chegar ao estado de uma neurose é tema frequente da Psicanálise, e denota um quadro patológico da mente consequência de fatores externos e internos do sujeito, como, por exemplo, a vida moderna e falta de habilidade do sujeito em lidar com situações de alta tensão (estresse, p.e.). Diante disso, o exemplo complementa a informação contida na definição.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo <i>O corre-corre diário neurotiza o homem moderno</i> adiciona a palavra <i>neurotizar</i> em contexto de uma sociedade moderna, em constante movimento e ocupação, marcado na expressão “corre-corre diário” e a outra marcação “moderno”. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado porque situa a palavra <i>neurotizar</i> no contexto atribulado da vida moderna, que pode ser uma das causas do processo verbal “neurotizar”.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “gástrula”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.

FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
---	---

TABELA 14	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>PONTO DE EBULIÇÃO</b>
Acepções e exemplos	<p>1. <b>Sf</b> (<i>Fís</i>) temperatura em que um líquido entra em ebulição em determinado ambiente: <i>O fluido importado da Holanda eleva o ponto de ebulição, reduzindo a necessidade de reposição de água.</i></p> <p>2. ponto em que a paciência de alguém se esgota ou em que uma situação chega a um ponto máximo de conflito: <i>O impasse entra em novo ponto de ebulição.</i></p>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	<p>O exemplo da acepção 1 é pouco esclarecedor quanto ao significado da expressão “ponto de ebulição”. Para certificar-se disso, basta substituir a expressão “ponto de ebulição” por sua definição no exemplo dado, que assim figuraria: <u><i>O fluido importado da Holanda eleva a temperatura em que um líquido entra em ebulição em determinado ambiente, reduzindo a necessidade de reposição de água.</i></u> O exemplo mais confunde do que esclarece ou complementa o sentido de “ponto de ebulição”, levando-se em conta o público alvo: estudantes do Ensino Médio e o caráter inespecífico do sujeito do enunciado “O fluido importado da Holanda”.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo <i>O impasse entra em novo ponto de ebulição</i> traz um outro uso para a palavra-entrada aqui analisada, ampliando o campo semântico, uma vez que quando há desentendimentos e nervosismo a “temperatura aumenta”, causando um “ponto de ebulição” ou mais claramente um momento em que as discussões são ardentes, ou seja, a situação chega a ‘um ponto máximo de conflito’ porque a paciência se esgotou. O exemplo dessa acepção complementa a informação contida na definição, principalmente pelo uso da palavra “impasse”, cujo significado é de uma situação aparentemente sem solução favorável.</p>

<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 2</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>Na acepção 1, o exemplo <i>O fluido importado da Holanda eleva o ponto de ebulição</i> dispõe a entrada <i>ponto de ebulição</i> em um contexto carente de mais elementos linguísticos, pois não conseguimos visualizar qual a real situação de inclusão do termo.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo <i>O impasse entra em novo ponto de ebulição</i> contextualiza a palavra <i>ponto de ebulição</i> sob o significado de “acabar a paciência”, “esquentar-se”, pela situação de um provável desentendimento provocado por uma situação de confusão ou ‘impasse’, não sendo a primeira vez em que a ‘confusão; desentendimento’ estava acontecendo. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 3</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 1 e 2 distinguem um significado do outro a partir do momento em que consideramos o contexto em a entrada <i>ponto de ebulição</i> está inserida. No primeiro exemplo da entrada, <i>ponto de ebulição</i> possui o sentido de fervura, aumento de temperatura, já no segundo, tem o valor semântico de ponto máximo em uma discussão, ou seja, apresenta-se em sentido figurado (não sinalizado pelo dicionário, por meio da marca de uso <i>Fig.</i>).</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 4</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 5</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Na acepção 1, vimos que no exemplo a entrada <i>ponto de ebulição</i> está numa colocação esperada. Já na acepção 2, o exemplo contempla a função 5, pois ele realmente mostra outra colocação típica.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 6</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>Não há, na acepção 2, o registro de uso figurativo da expressão “ponto de ebulição”, embora o exemplo situe contextualmente tal uso específico dessa expressão.</p>

- 4) Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), com marca de uso que indica usos **chulos**;

Verbetes e/ou expressões selecionados: *fiofó*; *foder*; *filho da puta*; *(ir) à merda* (subentrada de “merda”)

TABELA 15	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marca de uso “chulo”</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>FIOFÓ</b>
Acepções e exemplos	1. <b>Sm (Ch)</b> ânus: <i>Ou seja, estavam brigando pelo ovo ainda no fiofó da galinha.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	<p>Inicialmente, é preciso assinalar que a definição “ânus” para o verbete “fiofó” é sinonímica ou tautológica, isto é, não analítica. Isso pressupõe o conhecimento prévio do consulente acerca do significado da palavra “ânus” → orifício na extremidade terminal do intestino, pelo qual se expelem as fezes (definição extraída do mesmo dicionário em análise). No campo terminológico, as aves, dentre elas, a galinha, possuem <i>cloaca</i> e não <i>ânus</i>. Da cloaca, expelem-se urina, fezes, esperma e ovos. Com isso, verifica-se que o exemplo não complementa nem está de acordo com a definição “ânus” – aplicado ao gênero humano - para o verbete “fiofó”.</p> <p>Como se observa na função 5, o uso corrente da colocação é “ovo no cu da galinha” e não “ovo no fiofó da galinha”. Além disso, no Dicionário Houaiss e no Dicionário Aurélio, o vocábulo “fiofó” não é apresentado como termo <i>chulo</i>, mas como regionalismo brasileiro, de uso informal.</p>
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Como o verbete “fiofó” é mais empregado para designar o ânus do gênero humano, o exemplo em questão, ao contextualizar o vocábulo no domínio das aves (galinha), descaracteriza, em certa medida, o uso corrente do vocábulo “fiofó”.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional entre duas ou mais acepções. No caso de “fiofó”, a função 3 não se aplica, uma vez que a expressão considerada apresenta apenas uma acepção.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	Exceção feita ao uso inadequado da expressão explicativa “ou seja”, que deve vir entre vírgulas, o restante do enunciado está em acordo com o uso

	padrão culto da língua portuguesa.
<b>FUNÇÃO 5</b> <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	A palavra-entrada fiofó apresenta uma alta frequência de uso no português contemporâneo, porém o uso “fiofó da galinha” apresenta pouca ou nenhuma frequência de uso no Português Brasileiro. A colocação, nesse caso, mais frequente é “ovo no cu da galinha”.
<b>FUNÇÃO 6</b> <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	O exemplo indica um registro informal, mas pouco apropriado ao contexto e à definição do verbete “fiofó”, pelas razões expostas nas funções 1, 2 e 5.

TABELA 16	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marca de uso “chulo”</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>FODER</b>
Acepções e exemplos	<p>1. (Ch) Vt 1 arruinar; prejudicar; desgraçar: <i>Já vi que ele está a fim de me foder.</i></p> <p>2. copular; manter relações sexuais.</p> <p>3. arruinar-se; desgraçar-se; sair-se mal: <i>Desculpe a expressão, seu Afonso, mas eu acho que desta vez me fodi.</i></p> <p>Em qualquer acepção é vulgarismo grosseiro.</p>
<b>FUNÇÃO 1</b> <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Estranhamente, o Dicionário UNESP apresenta como acepção 1, o sentido figurativo do vocábulo “foder”, quando o comportamento lexicográfico desejado e comum na Lexicografia é iniciar-se a definição com o sentido denotativo, no caso, aquele que se apresenta na acepção 2. De modo a agravar a ordem das definições, o dicionário UNESP apresenta, na acepção 3, o uso pronominal e figurado do vocábulo “foder”, muito próximo da acepção 1. Feita essa observação, verifica-se que a ordem dos semas, apresentada na acepção 1, parte de um sema mais específico (semantema) “arruinar”, passando por um sema mais genérico (neste contexto, um classema) em “prejudicar” e termina com outro semantema “desgraçar”. Entende-se que a ação de prejudicar, isto é, causar ou sofrer prejuízo, pode levar em decorrência a estados de ruína e/ou de desgraça. Pelo fato de o sema “prejudicar” ser mais genérico que os demais, é que se encontra suprimido na acepção 3, de caráter pronominal. Os demais semas são

	<p>preservados em “arruinar-se” e “desgraçar-se”. A eles, acrescenta-se o sema “sair-se mal”, uma colocação com alta frequência de uso no Português Brasileiro, juntamente com “dar-se mal” (colocação não apresentada na acepção 3). Os exemplos relativos às acepções 1 e 3 não complementam a definição, uma vez que resgatam os semas que as constituem. Apenas o exemplo da acepção 3 - <i>Desculpe a expressão, seu Afonso, mas eu acho que desta vez me fodi.</i>- acrescenta um reforço de que se se trata de um chulismo, pela presença da expressão grifada acima.</p> <p>A acepção 2, que deveria figurar como acepção 1, não apresenta exemplo.</p>
<p><b>FUNÇÃO 2</b> <u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>Na acepção 1, o exemplo deixa evidente contextualmente que há alguém desejando prejudicar o locutor de alguma maneira, pois ele percebeu e estava atento às atitudes do ‘adversário’. O contexto vem revelando que parece ter ocorrido uma mudança na postura daquele que seria prejudicado, deixando de ser ‘inocente; cego’ e passando a ‘entender; perceber’ as atitudes ruins do outro. Esse exemplo mostra a entrada em um contexto condizente.</p> <p>Na acepção 2, não há exemplo.</p> <p>Na acepção 3, o exemplo introduz a palavra <i>foder</i> no contexto de uma atitude praticada que somente traz desgraça/ ruína para aquele que a praticou. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p>
<p><b>FUNÇÃO 3</b> <u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 1 e 3 partem, respectivamente, de uma ação externa para prejudicar alguém em 1, de praticada e recebida pelo mesmo sujeito. A distinção de significado entre os dois exemplos está tão-somente na transitividade verbal.</p>
<p><b>FUNÇÃO 4</b> <u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto, mas com marcas de oralidade no exemplo da acepção 1, pelo emprego da expressão “Já vi que”. Observa-se, ainda, que, a rigor, no exemplo da acepção 3, o uso mais adequado seria “Desculpe-me a expressão,....”.</p>
<p><b>FUNÇÃO 5</b> <u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>As colocações usuais no Português Brasileiro “foda-se”, “que se foda” não foram aproveitadas nos exemplos.</p>
<p><b>FUNÇÃO 6</b> <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>No exemplo da acepção 1, há registro mais informal; o contrário ocorre no exemplo da acepção 3, cujo grau de formalidade ratifica-se pelo uso da expressão “Desculpe a expressão”.</p>

TABELA 17	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>FILHO DA PUTA</b>
Acepções e exemplos	<p>1. <b>Sm</b> (<i>Coloq</i>) pessoa sem escrúpulos; mau-caráter; patife: <i>Ele era um fdp por ter feito isso com o melhor amigo. Quem foi o fdp que contou tudo ao gringo?</i></p> <p>2. <b>Adj</b> desavergonhado; ordinário; velhaco: <i>Amigo fdp eu dispenso.</i></p> <p>3. malfeitor; traiçoeiro.</p> <p>4. complicado; difícil: <i>Me deram uma tarefa fdp.</i></p> <p>5. fora do comum: <i>Ninguém tem essa paciência fdp que ele tem...</i></p> <p>Em qualquer acepção é uso grosseiro, às vezes atenuado por <b>filho da mãe</b>.</p>
<p><b>FUNÇÃO 1</b> <u>Complementar a informação contida na definição</u></p>	<p>No primeiro exemplo da acepção 1, o uso da pronome “isso” é de natureza semântica genérica, isto é, não determina a ação praticada pelo sujeito, nem o seu valor (bom ou mau). No entanto, o valor negativo pode ser facilmente inferido, com sentido de mau-caratismo ou patifaria. O uso da expressão “melhor amigo” reforça ainda mais o valor negativo da ação.</p> <p>O segundo exemplo da acepção 1 acrescenta apenas uma expressão usual no Português Brasileiro, quando se faz uma pergunta “Quem foi o(a)”. Trata-se, do ponto de vista de complemento da definição, de um excesso o registro de dois exemplos para a mesma acepção.</p> <p>Em ambos os casos, não se verifica propriamente uma função complementar dos exemplos em relação à definição. Trata-se, outrossim, de uma contextualização (Cf. Função 2).</p> <p>Na acepção 2, o exemplo <i>Amigo fdp eu dispenso</i> apenas reitera os semas definicionais em seu uso adjetivo. Não ocorre propriamente complementação do conteúdo definitório.</p> <p>Na acepção 3, não há exemplo lexicográfico, embora ressaltamos a necessidade de sua ocorrência, uma vez que os semas “malfeitor” e “traiçoeiro” precisariam, no mínimo, de uma contextualização.</p> <p>Na acepção 4, o exemplo <i>Me deram uma tarefa fdp</i> apresenta quanto à entrada <i>filho da puta</i> o</p>

	<p>significado de ‘difícil’, ‘ruim’, ‘arriscado’ e ‘complicado’.</p> <p>Na acepção 5, o exemplo <i>Ninguém tem essa paciência fdp que ele tem...</i> o reforço, mas não necessariamente o complemento da definição, se verifica pelo uso do pronome “ninguém”, que acentua a natureza “fora do comum” de determinados comportamentos.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 2</b></p> <p><u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>Nas acepções 1 e 2, os três exemplos abarcam a entrada <i>filho da puta</i> em seu teor mais comumente usado pelos falantes do Português Brasileiro: xingamento, sendo o contexto nas três construções semelhante. Acerca da entrada <i>filho da puta</i>, de maneira geral, é utilizada a partir do momento/contexto em que o locutor entra em um estado de descontrole absoluto ou de decepção por algo que deu errado, e essa palavra é mencionada como xingamento, embora o lexicógrafo não classifique a expressão “filho da puta” como chula, mas coloquial de uso grosseiro (Cf. Função 6).</p> <p>Na acepção 3, não há exemplo, mas deveria tê-lo para contextualizar os semas “malfeitor” e “traíçoeiro”.</p> <p>Na acepção 4, o exemplo <i>Me deram uma tarefa fdp</i> contextualiza a palavra <i>filha da puta</i>, sob o significado de “difícil, complicada, desagradável” em virtude do contexto de execução de algo difícil, complicado, em que ela é inserida. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.</p> <p>Na acepção 5, o exemplo <i>Ninguém tem essa paciência fdp que ele tem...</i> situa a palavra <i>filho da puta</i> no contexto do inesperado e da boa surpresa, do espanto. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado. O locutor evidencia certa surpresa com a habilidade “fora do comum” desenvolvida por outra pessoa.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 3</b></p> <p><u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 1, 2, 4 e 5 distinguem um significado do outro por meio do contexto em que a palavra foi inserida.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FUNÇÃO 4</b></p> <p><u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto. Exceção feita apenas ao exemplo da acepção 4, o qual apresenta uma colocação pronominal fora da norma padrão culto, para conferir ao uso um tom coloquial. O uso da expressão como substantivo e como adjetivo apresenta-se adequada nos exemplos das acepções do vocábulo.</p> <p>Ressaltamos que o uso abreviado da expressão em fdp compromete a visualização pelo consulente da flexão de gênero da expressão, como em <i>Ninguém tem essa paciência fdp (filha da puta) que ele tem...</i></p>

FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	O próprio verbete-entrada “filho da puta” já é uma colocação. Os exemplos corroboram os variados sentidos e as duas funções gramaticais dessa colocação.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	No dicionário UNESP, o registro da expressão “filho da puta” não recebe a marca de uso “chulo”, mas de uso “coloquial grosseiro”, que difere da visão majoritária da lexicografia brasileira contemporânea (por exemplo, Houaiss e Aurélio).

TABELA 18	
Critério de seleção <i>Forma livre composta (verbo), com marca de uso “chulo”</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>(IR) À MERDA</b>
Acepções e exemplos	Essa expressão ou colocação é parte integrante do verbete “merda” no Dicionário UNESP. Vale ressaltar que todas as 5 acepções do vocábulo “merda” são classificadas como <i>chulas</i> (Cf. ANEXOS). A colocação <i>(ir) à merda</i> aparece com a seguinte definição e exemplificação: ► usada para xingamento <b>de m.</b> ruim; péssimo: <i>Assistimos a um filme de m.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Ocorre nessa acepção algo bastante irregular, na medida em que o exemplo não condiz com a colocação “à merda”, uma vez que contempla outra colocação, a saber: “de merda”. A expressão “(ir) à merda” indica um locativo para o qual se manda algo ou alguém por um tempo (in)determinado. Essa inadequação entre definição e exemplo não possibilita análise da função 1 nem das demais funções propostas por Drysdale. Podemos dizer também que <i>(ir) à merda!</i> funciona, às vezes, como interjeição, ou palavra ou expressão denotativa.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Por razões expostas na Função 1, há, nesse caso, inadequação contextual.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional. Esta função não se aplica, pois há tão-somente um exemplo.
FUNÇÃO 4	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão culto.

<u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	O exemplo traz a colocação “de merda” em lugar de “à merda”.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	Registro classificado como chulismo.

- 5) Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), com marca de uso que indica usos **coloquiais** (incluindo uso depreciativo).

Verbetes e/ou expressões selecionados: *gringo*, *sacanear*, *besta quadrada*, *marcar bobeira*

TABELA 19	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marcas de uso coloquial</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>GRINGO</b>
Acepções e exemplos	<p>(Esp) <b>Sm</b> (Deprec) 1. indivíduo estrangeiro: <i>Ela ajudava os gringos que viviam em Paris.</i></p> <p><b>Adj</b> 2. estrangeiro: <i>As feministas gringas protestaram.</i></p> <p>3. de pessoas estrangeiras: <i>Não ligo para a opinião gringa.</i></p> <p>4. produzido no exterior; importado: <i>O radar gringo funciona mesmo!</i> Do Esp <b>griego</b> (grego), passou, no México, a designar o estrangeiro, aquele que fala uma língua incompreensível.</p>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção 1, o exemplo possui uma construção léxica muito comum no cotidiano do falante de português. A definição ‘indivíduo estrangeiro’ alcança todas as pessoas que visitam ou residem em outra nação. O exemplo não deixa claro o modo como ela ajudava os estrangeiros em Paris, se

	<p>falando no idioma deles, se trabalhando para eles. A marca 'depreciativo' indica que a entrada analisada possui um caráter pejorativo, embora o exemplo não contemple essa dimensão. A definição é complementada pelo exemplo.</p> <p>Na acepção 2, o exemplo <i>As feministas gringas protestaram</i> complementa a definição sem deixar margem à dúvida, de maneira que 'gringo' é todo sujeito estrangeiro em outra pátria.</p> <p>Na acepção 3, a definição equivale ao sentido de que algo pertence a alguém. O exemplo complementa de forma satisfatória a definição, embora permita a concepção do sentido de alguém 'estranho', de um 'forasteiro', ou seja, de algo 'esquisito'.</p> <p>Na acepção 4, o exemplo complementa a definição. Vale destacar que o vocábulo 'radar' ganha o sentido de 'percepção' boa dos estrangeiros. No destaque apresentado pelo Dicionário UNESP, 'gringo' refere-se a toda pessoa que fala outro idioma, isso no México.</p>
<p><b>FUNÇÃO 2</b> <u>Mostrar a palavra num contexto</u></p>	<p>Nas acepções 1, 2 e 3, os exemplos apresentam a palavra em contextos bem delimitados. Vejamos: na acepção 1, o contexto é o de uma pessoa que se encontra trabalhando em Paris, e se dispõe a auxiliar os estrangeiros em suas dúvidas e atividades diárias. Certamente essa pessoa é brasileira, embora, pelo próprio contexto, não possamos determinar sua nacionalidade.</p> <p>Nas acepções 2 e 3, o contexto é adequado e contempla a definição.</p> <p>Mas, a acepção 4 não constrói um contexto adequado, podendo dar aberturas para outros sentidos que vão além daquele apresentado pela definição.</p>
<p><b>FUNÇÃO 3</b> <u>Distinguir um significado de outro</u></p>	<p>Essa função é de natureza relacional. No caso, os exemplos das acepções 1, 2 e 3 distinguem um significado do outro a partir do momento em que apresentam contextos condizentes com as definições construídas, que apresentam conteúdos frasais diferenciados.</p>
<p><b>FUNÇÃO 4</b> <u>Ilustrar padrões gramaticais</u></p>	<p>Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto.</p>
<p><b>FUNÇÃO 5</b> <u>Mostrar outras colocações típicas</u></p>	<p>Essa função se aplica a esse verbete.</p>
<p><b>FUNÇÃO 6</b></p>	<p>Essa função se aplica a esse verbete.</p>

<u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	
---	--

TABELA 20	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marca de uso coloquial (incluindo uso depreciativo)</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>SACANEAR</b>
Acepções e exemplos	<p><b>1. Vt (Coloq)</b> agir como sacana ou canalha em relação a; prejudicar; trair: <i>Joel não sacaneava apenas o irmão, mas também os colegas. Marido que sacaneia a mulher não merece o título de chefe de família.</i></p> <p><b>2</b> importunar: <i>Eu gostava de sacanear os colegas da repartição com minhas piadas de mau gosto.</i></p>
<b>FUNÇÃO 1</b> <u>Complementar a informação contida na definição</u>	<p>Ocorrem, na acepção 1, dois exemplos da mesma ordem: ambos operam com contextos de prejuízo e traição, o que neles se alteram são os papéis sociais: no exemplo 1, traição dupla: ao irmão e aos colegas; no exemplo 2, traição à mulher (esposa). Além de não ocorrer complementação da definição, mas apenas reforço pela reiteração do sema “trair”, julgamos desnecessário o emprego de dois exemplos.</p> <p>No exemplo da acepção 2, ocorre também reforço do sema “importunar” pelo contexto “contar piadas de mau gosto aos colegas no ambiente de trabalho”.</p>
<b>FUNÇÃO 2</b> <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	<p>Há contextos semelhantes para o emprego do vocábulo “sacanear”, na acepção 1, conforme exposto na Função 1. Ocorre apenas mudança de papéis sociais em cada um dos exemplos relativos à traição.</p> <p>No exemplo da acepção 2, o contexto de trabalho é impróprio ou inadequado para a ação de contar piadas de mau gosto. Essa atitude qualifica como inoportuno o agente da ação. Trata-se, desse modo, de contextualização adequada ao sentido de “sacanear”.</p>
<b>FUNÇÃO 3</b> <u>Distinguir um significado de outro</u>	<p>Essa função é de natureza relacional. Quanto aos exemplos das acepções 1 e 2, vemos que eles distinguem os significados entre si, e a marca dessa distinção está mais evidente nos exemplos do que</p>

	nas acepções.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	Os padrões gramaticais utilizados em todos os exemplos são da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	Essa função não se aplica a esse verbete.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	O registro marcado no dicionário UNESP é o coloquial, mas na acepção 1, os exemplos sinalizam também certo grau depreciativo.

TABELA 21	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (nome), com marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>BESTA QUADRADA</b>
Acepções e exemplos	1. <b>Sf</b> ( <i>Coloq</i> ) pessoa idiota ou tola; cretino: <i>As bestas quadradas acham bacana soltar balão na época de São João.</i>  É redução de <i>besta</i> elevada ao quadrado, ou seja, a super <i>besta</i> , o/a grande idiota.
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	No exemplo da acepção do verbete “ <i>besta quadrada</i> ”, a ação de “soltar balão” é avaliada como negativa pelo saber enciclopédico. Do mesmo modo, o agente da ação é também mal avaliado socialmente, sendo lexicalizado por “ <i>besta quadrada</i> ”. O exemplo em questão resgata qualquer um dos semas da definição, mas não lhe acrescenta outros semas.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	O exemplo <i>As bestas quadradas acham bacana soltar balão na época de São João</i> contextualiza a entrada <i>besta quadrada</i> , sob o significado de “ <i>peessoa imprudente</i> ”, “ <i>sujeito despreocupado e estúpido</i> ” ante uma atitude que coloca em risco a vida de outras pessoas. A entrada é situada em contexto de ‘perigo’. Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional, por isso não se aplica a esse verbete.

FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	O verbete já é uma colocação, utilizada também no exemplo.
FUNÇÃO 6 <u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u>	O registro marcado no dicionário UNESP é o coloquial, mas na acepção considerada o exemplo sinaliza também certo grau depreciativo.

TABELA 22	
Critério de seleção <i>Forma livre simples (verbo), com marcas de uso</i>	
Entrada vocabular selecionada	<b>MARCAR BOBEIRA</b>
Acepções e exemplos	- <b>m. bobeira</b> perder a oportunidade de fazer algo ou deixar de fazê-lo por ingenuidade: <i>Marquei bobeira e perdi um ótimo negócio.</i>
FUNÇÃO 1 <u>Complementar a informação contida na definição</u>	Na acepção, o exemplo <i>Marquei bobeira e perdi um ótimo negócio</i> é muito corriqueiro no português brasileiro. Usualmente, emprega-se <i>m. bobeira</i> na acepção geral de 'perder', mas também de 'se dar mal', 'deixar de aproveitar circunstâncias'. O exemplo não complementa a definição, apenas reforça seus semas.
FUNÇÃO 2 <u>Mostrar a palavra num contexto</u>	Na acepção, o exemplo situa <i>m. bobeira</i> em um contexto de perda de um bom negócio (oportunidade). Trata-se de um exemplo adequadamente contextualizado.
FUNÇÃO 3 <u>Distinguir um significado de outro</u>	Essa função é de natureza relacional, por isso não se aplica a esse verbete.
FUNÇÃO 4 <u>Ilustrar padrões gramaticais</u>	O padrão gramatical utilizado no exemplo é da norma padrão culto.
FUNÇÃO 5 <u>Mostrar outras colocações típicas</u>	O verbete já é uma colocação, utilizada também no exemplo.

<p>FUNÇÃO 6</p> <p><u>Indicar registros apropriados de níveis estilísticos</u></p>	<p>O registro do exemplo é coloquial.</p>
--	---

O *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* herdou muitas das ‘falhas’ dos grandes dicionários, embora já apresente muitas mudanças no tratamento dado ao léxico selecionado e aos *corpora*. Mas, diante dessa situação, podemos dizer que a tipologia na qual o UNESP se adequa, segundo o PNLD-Dicionários, não coaduna com as funcionalidades mais evidentes dos exemplos analisados, como observamos no grupo A (tabelas 1, 2, 3, 4 - Formas livres simples e complexas (nominais e verbais), sem marcas de uso) nas funções 1, 3, 5 e 6, nas quais aparece certa equivalência entre contemplar (funções 1, 3 e 5) e não contemplar ou mesmo uma superioridade da não contemplação (função 6).

As funções foram assim distribuídas e resumidas para melhor compreensão: função 1 (definições vocabulares), função 2 (contexto), função 3 (distinção de significados), função 4 (padrões gramaticais), função 5 (colocações típicas) e função 6 (registros e níveis estilísticos).

Situação semelhante à do grupo A é encontrada no grupo B 1 (Tabelas 5, 6, 7, 8 – estrangeirismos com marcas de uso), em que aproximadamente 65% dos exemplos não contemplam as funções, enquanto que 35% contemplam. No grupo B 2 (Tabelas 9, 10, 11 – regionalismos com marcas de uso), 75% das funções (1, 2, 4, 5) são respeitadas na quase totalidade dos exemplos analisados, em contrapartida, as funções (3, 6) deixam a desejar, atingindo, respectivamente, 60% e 40% de respeito.

No grupo B 3 (Tabelas 12, 13, 14 – tecnoletos com marcas de uso), as funções 1, 2 e 3 são contempladas em 50% dos exemplos vistos. As funções 5 e 6 não são contempladas em 75% dos casos discutidos. A única função contemplada totalmente foi a de número 4 denominada de ‘ilustrar padrões gramaticais’. Devemos ressaltar que esse grupo é dos tecnoletos, entradas de uso muito restrito e específico, e, talvez, por isso, não tenha acontecido a concordância entre tipo do dicionário e as funcionalidades de Drysdale elucidadas por esta Dissertação. Então, podemos dizer que as funcionalidades não se encontram subordinadas nem em

concordância com a tipologia de dicionário escolar em que se enquadra o Dicionário UNESP, como afirmou o professor Humblé (2001).

Além disso, frente ao que coletamos e analisamos, percebemos que os parâmetros dos onze usos elencados pelo PNLD para o trabalho pedagógico com os dicionários não são vislumbrados nos exemplos em sua totalidade. Mas, vale dizer que algumas funções da proposta de Drysdale (1987) são bem representativas.

Vimos que as funções 2, 3, 5 e 6 do grupo B1 (Tabelas 5, 6, 7, 8) não são contempladas pelos quatro exemplos. Desse desajuste, emergem algumas carências na obra lexicográfica em análise como a falta de contextualização, distinção de significados, apresentar colocações típicas e trazer registros linguísticos de diversos níveis estilísticos.

Quanto aos grupos B 4 (Tabelas 15, 16, 17, 18 – chulos com marcas de uso) e B 5 (Tabelas 19, 20, 21, 22 – coloquial com marcas de uso), podemos afirmar que, no primeiro, as funções (2, 3, 4, 5, 6) são contempladas pelos exemplos em 72% dos casos vistos, havendo, portanto, concordância entre eles. Já no grupo B 5, as funções são respeitadas em 77% dos exemplos, enquanto que 23% não. O grupo que mais se aproxima dos consulentes, quanto aos exemplos, é o B 5, pois, espera-se que o aluno veja-se substancialmente retratado nos exemplos disponibilizados, uma vez que o sujeito consulente faz uso constante de expressões de cunho coloquial, logo, possuem maior domínio, teoricamente.

Numa visão geral, no grupo A (Tabelas 1, 2, 3, 4), as funções (1, 3, 5) são contempladas em 64% dos exemplos, 100% das funções (2, 4) são condizentes com os exemplos. Por fim, a função 6 é a única que não é contemplada em 92% dos casos. No grupo B, a função 1 é contemplada somente pelo grupo B 1, equivalendo, enfim, a 20%, as funções 2 e 3 são respeitadas, respectivamente, em 60% dentre todos os exemplos analisados dos grupos B 2, B 4 e B 5, já a função 4, pela maioria dos exemplos de B 1, B 2, B 3, B 4 e B 5, a função 5 mostra que apenas 60% dos exemplos de B 2, B 4 e B 5 respeitam, por último, a função 6 em que apenas 40% dos exemplos de B 4 e B 5 contemplam.

Esse quadro forma uma lacuna que se mostra intransponível ao *Dicionário UNESP*, tornando-se, para o professor, uma possibilidade de trabalho lexicográfico 'leigo' a ser aplicado em sala aula, a partir das deficiências supramencionadas. Portanto, nem as funções de Drysdale nem os onze usos construídos pelo PNLD são evidenciados completamente, o que provoca ainda mais

dificuldades na procura pelo 'exemplo ideal', e, assim, a satisfação plena do consulente.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dicionário é uma obra de consulta e se configura como um dos instrumentos integrantes da Política Linguística em voga no Brasil. É uma obra que, atualmente, tornou-se tão popular e tão conhecida que é praticamente impossível não encontrá-lo nas residências do país, mesmo naquelas em que as pessoas são analfabetas. O dicionário pode ser até mal usado, mas é acessível, e não é objeto de decoração, de ornamento.

Esta pesquisa abordou o tema do exemplo lexicográfico e da sua funcionalidade na microestrutura de um dicionário escolar - *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* – selecionado como *corpus* do trabalho, tendo em vista sua indicação, como tipo 4<sup>34</sup>, ao público do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras pelo Programa Nacional do Livro Didático/Dicionários-2012, do Ministério da Educação (MEC).

O *UNESP* apresenta o total de 135.668 exemplos (contextualizações) para quase todas as palavras-entrada. Nesse dicionário, o organizador e os colaboradores afirmam que a presença do exemplo é praticamente sistemática, sendo deixada de lado somente a partir do momento em que o item lexical comporta apenas uma acepção ou mais de uma sem o teor polissêmico. Os autores do dicionário deixam claro que os exemplos elencados na obra foram retirados de textos reais, constituindo-se como abonações, mas, passando por etapas de adaptações e condensações a fim de atingir as metas previstas para o público-alvo (estudantes do Ensino Médio). Por ser um dicionário pedagógico, deve refletir o uso da língua por parte desses usuários. Em consequência desse cenário, os exemplos expostos têm (ou, ao menos, deveriam) sinalizar e trazer as combinações de uso mais frequente, bem como as restrições gramaticais e as colocações mais procuradas, cujas ocorrências e os graus de adequação integram parte das análises realizadas nesta Dissertação.

Esta Dissertação, embora tenha por escopo a análise da funcionalidade do exemplo lexicográfico no *corpus* selecionado, acaba por estabelecer algumas relações entre o exemplo e a definição, dada as relações intrínsecas entre eles na

---

<sup>34</sup> Cada acervo do PNLD-Dicionários é classificado por tipos, aos quais se associam as séries. O Tipo 4 reúne o acervo destinado à última etapa da Educação Básica, o Ensino Médio.

microestrutura dos dicionários em geral. Argumentamos que as necessidades dos usuários deveriam conduzir a construção de uma ferramenta como um dicionário, mas, quando situamos os exemplos no campo amplo do uso efetivo e das funcionalidades propostas por Drysdale (1987), a relação entre as necessidades e a ferramenta lexicográfica analisada já não se mostrou tão evidente, visto que há uma gama de áreas que precisa ser otimizada e aperfeiçoada. Embora pouco estudados ou pesquisados, os exemplos ainda têm necessariamente um valor de uso ao consulente, conforme já se fez referência no corpo desse trabalho, pesquisas apontam que muitas vezes os exemplos são mais procurados pelos consulentes do que as definições.

Ao longo dos séculos, os dicionários monolíngues foram fortemente limitados a apresentar verbetes sem a contribuição de exemplos e isso complicou o relacionamento com seu público. Como resultado, os dicionários pedagógicos herdaram alguns 'defeitos' dos seus antecessores. Eles ainda são adaptações de originais monolíngues de grande circulação, e, por isso, muitas vezes, não se propõem a ser ferramentas diretamente modeladas por análise das necessidades do aluno, o público-alvo.

Com relação aos objetivos específicos, essa pesquisa obteve os seguintes resultados conclusivos:

a) *situar o objeto dicionário no contexto da Política Linguística*

Em breve contexto histórico da *gramatização* (Auroux, 2009), buscou-se integrar o fenômeno da *dicionarização*, como uma iniciativa de organizar e descrever o léxico das línguas, por um processo histórico-discursivo que levou à construção do instrumento (dicionário) para registro cultural e político do saber metalinguístico, que funcionou, juntamente com a gramática, na configuração das línguas nacionais.

Na atualidade, as pesquisas lexicográficas se avolumaram e, com elas, a formação de um programa de avaliação da estrutura e qualidade de um tipo particular de dicionário, o escolar, com a criação do PNLD-Dicionários. Tal valorização desse instrumento linguístico tem desencadeado uma série de novas propostas de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, que acaba por definir outros usos do dicionário, para além da simples consulta de significados. Na obra

“Com direito à palavra: dicionários em sala de aula” (Brasil, 2012)<sup>35</sup>, que acompanha o acervo aprovado pelo PNLD, há um esclarecimento importante sobre a abrangência dos dicionários, dada as relações interlexicais:

podemos dizer, então, que o léxico, mesmo considerado apenas em sua dimensão de ‘conjunto das palavras disponíveis em uma língua’, é, antes de mais nada, *uma rede de funções e de relações de forma e de sentido entre vocábulos*, e não uma simples lista de itens. Isso porque no domínio do léxico nenhuma unidade está isolada das demais. Pelo contrário: cada vocábulo se define por uma série de *relações* com os demais (BRASIL, 2012:11).

Sabe-se, contudo, que a realidade escolar das esferas pública e privada, no Brasil, ainda carece de instalações adequadas à formação de acervos e de profissionais com melhor preparo para o exercício de sua função docente, embora as políticas públicas venham fomentando, cada vez mais, programas de formação continuada para esse público.

b) *caracterizar a macroestrutura e a microestrutura do corpus;*

Vimos que a obra lexicográfica é composta tanto pela macroestrutura quanto pela microestrutura do *corpus*. Esta pesquisa caracterizou a macroestrutura como a estrutura organizacional do dicionário, composta pela ordenação das entradas, forma e arranjo dos verbetes, tamanho e escolha dos verbetes, e, quanto à microestrutura, ficou claro que ela é formada pelas informações contidas nos verbetes como definição, classe gramatical, contextos de uso/exemplos, sinônimos, mas esta pesquisa mostrou que nem todo dicionário possui uma microestrutura completa, essa variação ocorre devido ao tipo e ao público-alvo.

c) *discutir conceitos e funcionalidades dos exemplos lexicográficos;*

Dos conceitos e das funcionalidades dos exemplos lexicográficos apresentados no Capítulo 2, optou-se pelo emprego das categorias funcionais do exemplo lexicográfico, propostas por Drysdale (1997), por serem elas amplamente

---

<sup>35</sup> Esta obra está disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16841&Itemid=1131](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16841&Itemid=1131). Acesso em 20/02/2014.

utilizadas por metalexícógrafos e, principalmente, por contemplarem as funções relacionais do exemplo com a definição, com o contexto, com registros, padrões gramaticais, colocações e com outros significados de um mesmo vocábulo considerado. A escolha dessas categorias funcionais na análise do *corpus* selecionado revelou-se eficaz, conforme se pode atestar nos resultados obtidos no quinto e último objetivo específico dessa pesquisa.

d) aplicar as categorias de funcionalidade a exemplos retirados do *corpus*;

Os critérios de seleção dos 44 (quarenta e quatro) exemplos extraídos do *corpus* para posterior análise, orientada pelas categorias funcionais do exemplo, com fundamentação teórica em pressupostos da Lexicologia e da Lexicografia, baseiam-se em uma classificação dos possíveis registros de palavras em dicionários em dois grupos:

GRUPO A – 13 exemplos

Formas livres simples (verbais e nominais) e complexas, com uma ou mais acepções e sem marca de uso;

GRUPO B – 31 exemplos

Formas livres simples (verbais e nominais) e complexas, com uma ou mais acepções, com as seguintes marcas de uso: origem estrangeira (Ital., Jap., Ing., Fr., etc) regionalismos (Reg.), tecnicismos (Inform., Fís., Dir., Med., Polit. etc), coloquial (Coloq) e/ou depreciativo (Deprec.) e chulo (Ch.).

A elaboração desses critérios de seleção possibilitou uma visão mais ampla e diversificada da construção dos exemplos em diferentes situações de uso da língua portuguesa no *corpus* analisado.

Quanto à aplicação das categorias aos exemplos coletados do *corpus* selecionado, podemos afirmar, com base nas 22 tabelas analisadas, que os exemplos não contemplam a totalidade das funções, de forma que entendemos um raso interesse em aprofundar o contato do exemplo com suas instâncias semânticas, sintáticas e pragmáticas (da ordem dos usos frequentes em situações de comunicação).

e) *avaliar os exemplos do corpus pelas relações funcionais com outros elementos da microestrutura da obra.*

Para melhor visualização dos resultados obtidos na análise do *corpus* e pela natureza relacional das categorias funcionais aplicadas, expomos as avaliações dos exemplos em suas relações com:

- a) definições vocabulares:** dos trinta e cinco exemplos analisados, apenas um percentual de aproximadamente 20% complementa, de fato, a definição vocabular, pela inserção de semas que recobram conhecimentos enciclopédicos não constantes na definição. O restante, isto é, 80% dos exemplos, não complementa a definição, apenas reforça os semas já existentes. Na maior parte das pesquisas sobre exemplos lexicográficos, atesta-se a necessidade de o exemplo complementar a definição, e esse último aspecto não foi detectado, pois os exemplos ficam apenas dentro do campo semântico apresentado na própria acepção, apresentando apenas um reforço. Quanto ao público-alvo, esse quadro preocupa, pois o consulente não consegue ampliar seu leque do domínio lexical por meio da complementação dos sentidos no exemplo;
- b) contexto:** do total de exemplos analisados, a maior parte contextualiza bem o vocábulo definido em uma dada situação de uso. Com algumas poucas exceções de contextualização fraca, destacamos o exemplo fora de contexto e em desajuste com a própria definição da subentrada “(ir) à merda”. Percebemos que, ao consulente, precisam ser apresentados critérios ou elementos para a determinação dos contextos. Muitas vezes, em virtude da formação escolar recebida, o aluno do ensino médio não entende que todo texto (neste caso, são incluídos os exemplos lexicográficos) refere-se e pertence a uma dada situação de uso, a qual, a depender de fatores extra e intralinguísticos, faz-se conhecido ou não. Aqui emerge outra grande dificuldade para o consulente dentro do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, pois ele deve ser orientado pelo próprio dicionário a ‘enxergar’ os prováveis contextos e cotextos mais frequentes no momento exato da coleta dos exemplos, trazendo, então, uma representatividade efetiva. Observamos que o aluno precisa possuir as competências necessárias para determinar os elementos na construção dos casos e nas

situações de uso, caso contrário, o exemplo ficará sem a aplicabilidade esperada. Ele tem que delimitar marcas extralinguísticas dos contextos de cunho social, histórico, cultural, religioso, científico, estético dentre outras inúmeras marcas que envolvem as áreas tecnológicas, médicas, filosóficas, por exemplo. Portanto, saber identificar essas marcas é importante para que o consulente possa entender e aplicar o exemplo adequadamente. Mesmo expondo as ‘marcas’ dentro das acepções, o *Dicionário UNESP* não facilita a empregabilidade do exemplo. Os organizadores das obras lexicográficas devem ter um cuidado maior na proposição de contextos, pois eles servem para concretizar uma relação de interdependência, ou seja, o contexto auxiliar na assunção dos diversos significados pelas palavras-entrada dos exemplos, e isso supõe que o aluno possua algum nível de conhecimentos enciclopédicos.

- c) distinção de significados:** essa relação só pôde ser verificada nos casos em que ocorreram mais de duas acepções, a saber, 40% dos verbetes. Na maioria dos casos, os exemplos cumpriram, de forma adequada, essa função. Dentre os casos mais problemáticos, destacam-se os exemplos relativos às duas acepções da expressão “ponto de ebulição”, uma vez que o lexicógrafo não classificou a segunda acepção como sentido figurado (Fig.), o que comprometeu, em certa medida, o teor do conteúdo definicional e, por consequência, o exemplo;
- d) padrões gramaticais:** o padrão eleito para a ocorrência dos exemplos foi o padrão culto, com raras ocorrências de “desvios” dessa norma. “Norma designa um conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade” e norma culta é “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008:40).
- e) Colocações típicas:** embora os exemplos tenham sido extraídos de um *corpus* e depois adaptados pelo lexicógrafo, não houve um trabalho voltado para o registro das colocações mais típicas do Português Brasileiro. Exceção feita, apenas, nos casos em que o próprio verbebo já se constituía como uma colocação;

- f) **Registros e níveis estilísticos:** os registros de fala formal prevaleceram, mas ocorreram também, mas nem sempre, registros de coloquialidade devido à seletividade lexical. Por exemplo, na acepção 3 do verbete “foder”, há a seleção lexical “Desculpe a expressão” para mostrar que tal palavra chula não deve ser usada livremente em contextos mais formais. Quanto ao uso estilístico, não se observou o uso de figuras de linguagem, de modo geral.

Esta pesquisa revelou que a maioria dos exemplos analisados é apresentada aos consulentes numa estrutura sintática de frases curtas. Observamos que, quanto à função 1, os exemplos não complementam a informação trazida pela definição, somente reforçam as definições. De maneira geral, as técnicas de construção dos exemplos mostraram-se falhas, visto que deixaram de contemplar várias funções.

O *Dicionário UNESP*, em sua introdução, não mostra ao consulente a importância do exemplo, não indicando sua leitura atenta, apenas traz informações técnicas como de onde foram retirados, modificações, condensações. É importante para a Lexicografia quando, ao exemplo, são aplicadas várias funções, porque, assim, há um trabalho lexicográfico preocupado em suprir as carências e necessidades dos consulentes.

Numa conclusão geral, descobrimos que os exemplos necessitam contemplar o projeto macro de suas funcionalidades, visando melhorar sua eficiência como ferramenta para uso e prática linguística. Percebemos que a Lexicografia carece de uma clara consciência das funções do exemplo, e que as técnicas utilizadas pelo *Dicionário UNESP* para coletar e/ou criar exemplos são epistemologicamente falhas. Assim, a referida obra, organizada pelo professor Francisco S. Borba, levou em consideração estudos acerca dos ‘hábitos’ dos jovens consulentes (do ensino médio), basta atentarmos para as suas fontes, esquecendo-se de que o motivo que conduz o usuário à procura pelo dicionário é a necessidade, e esse certamente foi um dos grandes equívocos do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*.

Particularmente, esta pesquisa se propôs a analisar qualitativamente um dos elementos de grande importância e utilidade constituintes dos verbetes: os exemplos. Este trabalho atentou-se para a natureza funcional dos exemplos e suas possíveis características sintáticas, semânticas e estilísticas. Apresentamos o

posicionamento teórico da Lexicografia sobre os exemplos. A esse respeito, concluímos que as políticas das pesquisas sobre os exemplos ainda padecem diante de algumas deficiências teórico-metodológicas.

Na ausência de delimitações e conceitos teóricos definidores de exemplos na *Introdução*, a obra lexicográfica de nossa amostra parece ter escolhido aleatoriamente os exemplos, o que implica afirmar categoricamente que os consulentes estão deixando de ter acesso a um dos instrumentos lexicográficos disponibilizados pelo dicionário que poderia ajudá-lo na busca e na lida por um significado com aplicação próxima ao que anseia.

Em termos de colocações e sintaxe, os exemplos analisados, de forma geral, são bem construídos, embora deixem de atender devida e mais claramente para outras aplicações quanto aos campos de algumas colocações típicas e registros estilísticos diversos. Vale dizer que o tratamento a essas duas dimensões dos exemplos é aparentemente casual ou simplesmente não existe.

Finalmente, discutimos sobre os exemplos a partir da proposta de análise de Drysdale em concordância com a proposta do PNLD-Dicionários 2012, um dos integrantes mais importantes da política linguística brasileira. Concluímos que as categorias de análise são certamente úteis e de fato trazem algumas revelações e direcionamentos para o universo da lexicografia.

O exemplo mostra que a palavra-entrada possui o caráter polissêmico, e, neste trabalho de dissertação, foram feitos apontamentos, ante os problemas que emergem do processo mesmo de construção dos exemplos. Não obstante, percebemos que a presença do exemplo reflete claramente uma carência nas definições, ou seja, o exemplo não deve tornar-se mais fundamental que as próprias definições, mas, sim, como mais um mecanismo lexicográfico à disposição do consulente.

Observamos, também, que existe um grande esforço para aperfeiçoar ainda mais os exemplos, e, assim, satisfazer as necessidades dos usuários com adaptações lexicográficas nos sinônimos, exemplos e definições. Isso mostra que os lexicógrafos estão tentando inserir nos exemplos outras informações.

Por fim, além de esse trabalho ter enfatizado que a teoria lexicográfica afirma que um dicionário deve suprir as carências de seus consulentes e ter centralizado as análises nos exemplos lexicográficos oferecidos pelo *Dicionário UNESP*, de caráter pedagógico, sob os critérios de Drysdale, destacamos a urgência

de se repensar e aperfeiçoar a elaboração de exemplos que contemplem outras funções a fim de que o alunado possa consultar a obra e encontrar um direcionamento eficiente.

Trabalhos posteriores acerca desse aspecto poderão utilizar os mesmos procedimentos metodológicos por permitirem um pensar mais concentrado em aspectos específicos, os quais são, às vezes, desmerecidos e esquecidos por aqueles que fazem uso frequente de um dicionário. Portanto, pensando-se ainda em pesquisas futuras, as análises poderiam criar uma gama maior de categorias e tipologizações que possam alcançar outros traços na construção de exemplos em dicionários escolares. Assim, acreditamos que essa pesquisa de dissertação não encerra suas pretensões aqui, mas, sobremaneira, alarga horizontes e caminhos que fundamentem melhor a busca por outro plano de elaboração de exemplos que atinjam todos os níveis linguísticos.

Está evidente que ainda há muito a ser pesquisado quando falamos dos exemplos em obras lexicográficas. Enfim, o trabalho de seleção e elaboração de exemplos deve estar sustentado na análise das necessidades dos sujeitos consulentes do ensino médio. Os procedimentos supracitados deveriam ter a função de combinar vários pontos de vista e tratamentos, agregando maior flexibilidade, liberdade e possibilidades lexicais de uso frequente.

Esta Dissertação de Mestrado representa uma contribuição para a otimização dos exemplos lexicográficos dos dicionários escolares, interferindo e auxiliando de maneira significativa para um melhor uso. Estamos cientes de que há muito por fazer e pesquisar acerca do exemplo, por isso mais pesquisas são necessárias, principalmente acerca de sua frequência ou até mesmo sobre o mais adequado tipo de exemplo para cada grupo de consulentes, bem como sobre a relação frequência e traços polissêmicos.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* / Caldas Aulete [organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Brasília, 1990. p. 152-8.

BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2004. (Acadêmica)

BARROS, Lidia Almeida & ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *O léxico em foco: múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. *O dicionário padrão da língua*. Alfa, São Paulo, 28 (supl.): 27-43, 1984.

\_\_\_\_\_. *A definição lexicográfica*. Cadernos do IL, Porto Alegre, v.10, p.23-43, 1993.

\_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. de.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.

\_\_\_\_\_. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Revista ALFA: Revista de Lingüística*. Fundação Editora da UNESP. São Paulo, v. 47, n. 1., p. 1-127, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. Roteiro para a montagem de um dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil (DUP). In: ZAMBONIM, D. J. (Org.) *Estudos sobre Lexicografia*. (SériEncontros). Publicação do Curso de Pós-Graduação em

Lingüística e Língua Portuguesa. Ano VII, n.1. UNESP – Campus de Araraquara, 1993, p. 7-32.

BORBA, Francisco S. *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

BUGUEÑO, Félix Valentín. *Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias*. Alfa (ILCSE/UNESP), 2009.

\_\_\_\_\_. *Notícia sobre o comentário de forma e comentário semântico em um dicionário de falsos amigos espanhol-português*. Expressão, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 89-93, 2004.

\_\_\_\_\_. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*. São Paulo: Humanitas, v. III, p. 261-272, 2007.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL. *Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

BRASIL. SEB. MEC. *Edital do PNLD Dicionários 2012*. Brasília: 2011.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. *Lexicografia bilíngüe português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Iula/Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1999.

CLAS, A. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, A. N. & KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico*. Vol.II. Campo Grande: Editora UFMS, PPGLetras-UFRGS, 2004.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORRÊA, Lêda. *Coesão lexical: reflexões e perspectivas*. São Paulo, SP, 1998. 162p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia & Marcos Bagno (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

COSERIU, Eugenio. *Tradição e novidade na ciência da linguagem: estudos da história da lingüística*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios)

DRYSDALE, P. D. The role of examples in a learner's dictionary. In: COWIE, A. (Ed.) *The dictionary and the language learner*. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tübingen, Niemeyer. 1987, p. 213-223.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

DURAN, Magali Sanches & XATARA, Claudia Maria. *Lexicografia Pedagógica: Atores e Interfaces*. Revista D.E.L.T.A., 23:2, 2007.

DURAN, Magali Sanches & XATARA, Claudia Maria. *As funções da definição nos dicionários bilíngües*. Alfa, São Paulo, 50 (2): 145-154, 2006.

ECO, Umberto. *Conceito de texto*. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1984:53.

ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Maria Rosaria Fabris e José Luíz Fiorin. São Paulo: Ática, 1987:34.

FARIAS, Virginia Sita. *O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa*. Revista Alfa, São Paulo, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Semântica para a educação básica*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial: 2008. (Estratégias de ensino; 7)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3 ed. rev e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Steven Roger. *História da escrita*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FORNARI, M. K. Concepção e desenho do *front matter* do dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras*, Concórdia, n. 9, p. 1-15, 2008.

GALERA, J. A. La pragmática en los diccionarios españoles actuales. In: FORGAS, Esther (Coord.) *Léxico y diccionarios*. Departament de Filologies Romàniques. Universitat Rovira i Virgili. 1996, p. 7-23.

LARA, Luis Fernando. El ejemplo en el artículo lexicográfico. In: GALLÉN, Elisenda Bernal & DECESARIS, Janet (Org.). *Palabra por palabra: estudios ofrecidos a Paz Battaner*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2006. (Sèrie Monografies).

GIMENEZ, Sabrina Lafuente. *Um estudo comparativo entre dicionários bilíngues espanhol – português*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GOMES, Patricia V. N. *O processo de aquisição lexical na infância e a metalexigrafia do dicionário escolar*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia & BAGNO, Marcos (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. (Português a prática)

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. [Trad. da 10ª ed. corrigida Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HÖFLING, C. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). São Paulo: Araraquara, 2006a. Disponível em [www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital](http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital). Acesso em 12 de fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Uma proposta de definição padrão de nomes concretos em dicionários bilíngues. In: LONGO, B. N. O. & SILVA, B. C. D. (Org.). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006b.

HUMBLÉ, Philippe René Marie. *Dictionaries and languages learners*. Frankfurt, 2001, 211p. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?autor=11>, acesso em 12 de ago. de 2013.

INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Guia básico - patentes. Disponível em: <[http://www.inpi.gov.br/portal/artigo/guia\\_basico\\_patentes](http://www.inpi.gov.br/portal/artigo/guia_basico_patentes)> Acesso em 12 de out. de 2012.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José B. *Introdução à Terminologia*. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

KRIEGER, M. G. Relações entre terminologia e tradução. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.) *Temas de terminologia*. Porto Alegre, São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS, Humanitas/USP, 2001. p.155-163.

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. Políticas públicas e dicionários para a escola: Programa Nacional do Livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. In: *Cadernos de tradução* n. 18, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.hp/traducao/article/view/6950/6458>. Acesso em 14 dez. de 2012.

\_\_\_\_\_. Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e de definição. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia & Marcos Bagno (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 5ª edição, 1998. p. 257.

LARA, Luis Fernando. *Dimensiones de la lexicografía: a propósito del Diccionario del español de México*. México: El Colégio de México, 1990.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTOS, Geraldo. *Dicionário Júnior da língua portuguesa*. 3 ed. São Paulo: FTD, 2005.

MIRANDA, Félix Bugueño & FARIAS, Virginia Sita. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci & HUMBLÉ, Philippe (Orgs.). *Lexicografía Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina: NUT: Núcleo de Tradução, 2008.

MURAKAWA, C. A. A. Dicionário histórico do português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. In. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, n 12. vol. 2. São Paulo, 2010. p. 329-349.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

NUNES, José Horta. *Dicionários: história, leitura e produção*. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010.

OLIVEIRA, A. M. P. de.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

PÉREZ, María Isabel Santamaría. *Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán*. Tese de doutorado - Facultad: Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2000. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=6698&ext=pdf>>. Acesso em 21 mai. 2013.

PONTES, Antonio Luciano. Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, n 12, p. 351-370, 2010.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.

RANGEL, Egon de Oliveira. *Com direito à palavra: Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

\_\_\_\_\_. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia & Marcos Bagno (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

REIS, Simone Rosa Nunes. *Uma comparação do tratamento de expressões idiomáticas em quatro dicionários bilíngues francês/português e português/francês*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

REY-DEBOVE. Léxico e dicionário. *Alfa*. São Paulo: UNESP, 28 (supl.): 45-69, 1984.

SANTOS, Maria Gorete Bender dos. *Análise de exemplos no dicionário bilíngue de uso português-espanhol (DIBU)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix/USP, 1969.

SILVA, M. C. P. *Estudo comparativo dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Araraquara, 2002.

SILVA, María Eugenia Olimpio de Oliveira. Cuestiones didácticas relacionadas con el tratamiento de la definición lexicográfica de las unidades fraseológicas en los diccionarios. In: *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad*. Universidade Federal da Bahia. ACTAS DEL XV CONGRESO INTERNACIONAL DE ÁSELE, 2004. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/15/15\\_0619.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0619.pdf). Acesso em 27 de out. de 2012.

SCHMITZ, J. R. *Rumos e tendências na lexicografia brasileira*. SeriEncontros XVI. Araraquara. 1997, p. 55-67.

TAGNIN, STELLA & VALE, Oto Araújo. Como os dicionários poderiam descrever satisfatoriamente as colocações? In. XATARA, Cláudia, BEVILACQUA, Cleci Regina e HUMBLÉ, Philippe René Marie (ORGs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, n 1, p. 31-50, 1997.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 253 p. Tese de Doutorado. Letras: Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, 1998.

XATARA, Claudia. Comunicação apresentada no IX Felin - IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA UERJ, 2007. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixfelin/programacao.htm>. Acesso em 24 de nov. de 2012.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Corpus Obras usadas para abonações

## Obras usadas para abonações

- A** – *Ângela ou as areias do mundo*. Faria, O. de. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.
- AE** – *Adolescência e sua educação*. Leão, A. C. São Paulo, C.E.N., 1950.
- AGO** – *Agosto*. Fonseca, R. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- ALE** – *Além dos marimbus*. Salles, H. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.
- AM** – *O ajudante de mentiroso*. Jardim, L. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- AVE** – *Ave, palavra*. Rosa, J.G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
- BO** – *O Boqueirão*. Almeida, J.A. Rio de Janeiro, Leitura S/A, 1971.
- BOI** – *Boca do inferno*. Miranda, A. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- BUD** – *O que é budismo*. Rocha, A.C. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CEN** – *Cenas da vida minúscula*. Scliar, M. Porto Alegre, L&PM, 1991.
- CF** – *Chão de ferro*. Nava, P. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- CFL** – *Contos fluminenses*. Assis, M. Rio de Janeiro. Nova Aguilar. 1994.
- CG** – *Cancioneiro guasca*. Lopes Neto, J.S. Porto Alegre, Globo, 1954.
- CHA** – *Chapadão do Bugre*. Palmério, M. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
- CL** – *O coronel e o lobisomem*. Carvalho, J.C. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- CM** – *Obra Poética em um volume*. Meireles, Cecília. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.
- CMC** – *Cartas em Os melhores Contos*. Silveira R. J. Global Editora, São Paulo, 1998.
- CNT** – *Contos da repressão*. Angelo, I. Rio de Janeiro, Record, 1987.
- COB** – *Corpo de Baile*. Rosa, J.G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- CUB** – *Curso básico de corte e costura*. Denner. São Paulo, Rideel, 1972.
- DDR** – *Carta-discurso de posse do acadêmico Darcy Ribeiro*. Ribeiro, D. Senado Federal. Brasília, 1983.
- DE** – *Os 18 melhores contos do Brasil*. Trevisan, D. Rio de Janeiro, Block, 1968.
- EC** – *Estação Carandiru*. Varella, D. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.
- EDP** – *Ilusão e outros poemas*. Pernet, Emiliano David. Edições GRD. Rio de Janeiro, 1966.
- EMC** – *Eles eram muitos cavalos*. Ruffato, L. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.
- FAN** – *Fantoches*. Veríssimo, E. Porto Alegre, Globo, 1956.
- FSP** – *Folha de São Paulo* – 1995-1997.
- GAT** – *Galo das trevas*. Nava, P. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
- GD** – *Grandes Poetas Românticos do Brasil*. Antônio Gonçalves Dias. São Paulo: Edições LEP Ltda, 1954.
- GM** – *Ginástica para a mulher moderna*. Fischer, N.G. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d.
- GSV** – *Grande Sertão: Veredas*. Rosa, J. G. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956.
- ID** – *O Ídolo de Cedro*. Borges, D. São Paulo, Livres Artes, 1965.
- INO** – *Inocência*. Taunay, V. 19.ed. São Paulo, Ática, 1991.
- L** – *O Liberato*. Azevedo, A. *Teatro de Artur Azevedo*. INACEN, v.7. Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro. Texto extraído do site: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>.
- LOB** – *O lobisomem e outros contos folclóricos*. Sales, H. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- LR-P** – *Poesias Completas* (1867). Laurindo Rabello. Texto proveniente de: [http://www.uol.com.br/cultvox/gratis\\_brasileira\\_portuguesa.htm](http://www.uol.com.br/cultvox/gratis_brasileira_portuguesa.htm).
- MAL** – *A Manilha e o Libambo*. Silva A. C. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.
- MAN** – *Poesias Completas*. Andrade, Mário de. São Paulo: Martins editora, 1972.
- MFR** – *Marafa*. Rebelo, M. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
- MMM** – *Memorial de Maria Moura*. Queiroz, R. São Paulo, Siciliano, 1992.
- NE-O** – *A rua da amargura*. Nery, J. C. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1975.
- ODM** – *O Diário de um Mago*. Coelho, P. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

OMU – *O mundo português*. Rio de Janeiro, 08/05/1992; 12/06/1992.

PC – *A princesa dos cajueiros*. (1880) Azevedo, A. INACEN, v.7. Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro. Texto extraído do site: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>.

PE – *Primeiras Estórias*. Rosa, J. G., Rio de Janeiro Editora José Olympio, 1972.

PRO – *Prodígios*. Machado, D. São Paulo, Moderna, 1980.

PRS – *O problema alimentar no sertão*. Parahym, O. Recife, Imprensa Oficial, 1940.

RET – *O retrato do rei*. Miranda, A. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

RIR – *Um rio imita o Reno*. Moog, V. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

RP – *O rajá de Pendjab*. Netto, C. Lisboa, Livraria Chandron, 1927.

U – *Um copo de cólera*. Nassar, R. São Paulo, Livraria Cultura, 1978.

VEJ – *Revista Veja*. Várias edições. São Paulo, Abril, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985.

VER – *Veranico de janeiro*. Élis, B. Seleta. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

VIS – *Revista Visão*. Várias edições. São Paulo, 1975.

WQ – *Poesias Escolhidas*. Queiroz, Wenceslau de. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962.

Obras usadas para abonações

EDP – *Ilusão e outros poemas*. Poemas. Editora José Olympio, 1966.

EMC – *Esses eram meus caminhos*. Ruffaro, L. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.

FAN – *Fantoches Veríssimo*. E. Porto Alegre, Globo, 1956.

FSP – *Folha de São Paulo - 1902-1992*.

GAT – *Gato das trevas*. Nava, F. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.

GD – *Grandes Poetas Românticos do Brasil*. Antônio Gonçalves Dias. São Paulo: Edições LEP Ltda, 1954.

GM – *Grândula para a mulher moderna*. Fischer, N.G. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d.

GSA – *Grande Sertão*. Veredas. Rosa, J. G. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956.

ID – *O labo de Cervo*. Borges, D. São Paulo, Livres Artes, 1982.

INO – *Inocência*. Tannay, V. 19 ed. São Paulo, Ática, 1991.

J – *O libertado Azevedo*. A. Teatro de Araraquara. INACEN, v.7. Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro. Texto extraído do site: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>.

LOB – *O lobisomem e outros contos folclóricos*. Sales, H. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

LRP – *Poesias Completas (1867)*. Laurindo Rabello. Texto proveniente de: [http://www.uol.com.br/cultura/gratis\\_poesias\\_portuguesas.htm](http://www.uol.com.br/cultura/gratis_poesias_portuguesas.htm).

MAL – *A Mulher e o Libambo*. Silva A. C. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.

MAN – *Poesias Completas*. Andrade, Mário de. São Paulo: Martins editora, 1972.

MTR – *Marta Rebelo*. M. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.

MMM – *Memorial de Maria Moura*. Queiroz, R. São Paulo, Siciliano, 1992.

NEQ – *Notas da natureza*. Nery, J. C. São Paulo, Escalas Profeccionais Salsimanas, 1972.

OBM – *O Diário de um Mago*. Coelho, F. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

A – *As obras de José Olympio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

AE – *Aboloscência e sua educação*. Leão, A. C. São Paulo, CIE N. 1950.

AGD – *Agosto*. Fonseca, R. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

ALB – *Além das maravilhas*. Sales, H. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1981.

AM – *O gigante de mentiras*. Jardim, L. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

AP – *As palavras*. Rosa, J.G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

BO – *O Boqueirão*. Almeida, J.A. Rio de Janeiro, Letras SA, 1971.

BOI – *Boém do inferno*. Miranda, A. São Paulo, Cia. das Letras, 1982.

BUD – *O que é budismo*. Rocha, A.C. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CEB – *Contos da vida minúscula*. Schiar, M. Porto Alegre, L&P, 1991.

CEI – *Chão de ferro*. Nava, F. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

CEC – *Contos Humanitários*. Assis, M. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

CG – *Contos e poemas*. Lopes Neto, J.S. Porto Alegre, Globo, 1954.

CHA – *Chapão do Bugre*. Palmério, M. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

CE – *O coronel e o lobisomem*. Carvalho, J.C. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

CM – *Contos Poéticos em um volume*. Meireles, Cecília. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1982.

CNC – *Contos em O melhor Contos*. Silveira R. J. Global Editora, São Paulo, 1998.

CNT – *Contos da repressão*. Angelo, I. Rio de Janeiro, Record, 1987.

COB – *Corpo de baile*. Rosa, J.G. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

CUB – *Curso básico de corte e costura*. Danner, Danner. São Paulo, Rio de Janeiro, 1972.

DBR – *Curso-discursos de poesias do acadêmico Darcy Ribeiro*. Ribeiro, D. Sertão Federal, Brasília, 1983.

DE – *Os 18 melhores contos do Brasil*. Trevisan, D. Rio de Janeiro, Bloch, 1968.

EC – *Estação Carandiru*. Varella, D. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

